UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

SIMOARA FURQUIM SAMPEDRO

Relato de mulheres sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura
fenomenológica

RIBEIRÃO PRETO

2019

SIMOARA FURQUIM SAMPEDRO

Relato de mulheres sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura fenomenológica

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de pesquisa: Enfermagem Psiquiátrica

Orientador: Zeyne Alves Pires Scherer

Coorientador: Manuel Antônio dos Santos

RIBEIRÃO PRETO

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Sampedro, Simoara Furquim

Relato de mulheres sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura fenomenológica. Ribeirão Preto, 2019.

134 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientador: Zeyne Alves Pires Scherer

Coorientador: Manuel Antônio dos Santos

1. Mulher. 2. Abuso sexual na infância. 3. Violência. 4. Fenomenologia.

Nome: SAMPEDRO, Simoara Furquim

Título: Relato de mulheres sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura fenomenológica

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em:

Presidente

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Comissão Julgadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Aos meus pais Solon Fernandes Sampedro (in memoriam) e Maria Anna Furquim Sampedro, minhas referências de ética e amor, em nome do privilégio que tive de, através deles, receber toda energia de força e de luta dos nossos antepassados presente em minha vida.

A todas as mulheres que passaram pela experiência abusiva na infância, as quais trazem um legado de dor e ressignificação, transformando o próprio corpo em porta-voz da reconstrução da vida, de esperança e de amor. Em especial, a Vitória e a Glória, que se disponibilizaram a colaborar, partilhando parte de sua história para realização deste trabalho, sem as quais ele não aconteceria.

AGRADECIMENTOS

À Deus, força organizadora que viabiliza o encontro entre o tudo e o nada, o dentro e o fora, e que se faz cada vez mais pleno em mim.

Aos meus filhos Andréa Sampedro Viana e Vinícius Sampedro Viana que me ensinam que a vida é fluxo e só há permanência no amor.

Ao meu esposo Sílvio Alexandre Chiaroti que incansavelmente me apoia e acolhe em todas as minhas jornadas.

À minha orientadora Profa. Dra Zeyne Alves Pires Scherer pela paciência, apoio e compreensão em todo o processo.

Ao CREAS 1 da Secretária da Assistência Social de Ribeirão Preto-SP, através da psicóloga/coordenadora Suzana dos Santos Gonçalves Souza, por confiar e me permitir realizar este trabalho.

À amiga Rogéria Coutinho Brandani que me apoiou e me incentivou nas horas de maior vulnerabilidade.

Ao amigo prof. Dr. Fernando Almeida Silveira pelo seu conhecimento e pelas dicas valiosas.

À amiga Elaine Ribeiro de Barros que há muito se tornou família, com a qual eu sempre aprendo sobre cumplicidade e sobre fraternidade.

“Gosto de ser gente porque a história que faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo” (FREIRE, 1997, p.59)

RESUMO

SAMPEDRO, Simoara Furquim. **Relato de mulheres sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura fenomenológica**. 2019. 134f. Dissertação (Mestrado em enfermagem psiquiátrica) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP, 2019.

O objetivo deste estudo foi compreender a vivência de mulheres que passaram por situação de abuso sexual na infância e/ou na adolescência. A pesquisa é do tipo qualitativa de abordagem fenomenológica e observou o sentido da experiência humana no tempo e no espaço, considerando as vivências pessoais, no contexto de suas relações. O estudo foi desenvolvido no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), junto à Secretaria da Assistência Social da Prefeitura de Ribeirão Preto/SP, e foi desenvolvido com base em entrevistas com duas colaboradoras, vítimas de abuso. Os resultados foram definidos em duas categorias: 1) Vivências e consequências do abuso – sentimento de opressão, de impotência, de culpa, vergonha, desamparo, ansiedade e medo, depressão, dificuldades na individuação, confusão, dificuldade em desenvolver confiabilidade, indignação/necessidade de confirmação da verdade, dificuldade na alimentação, gravidez, doença sexualmente transmissível e negligência na formação educacional; 2) Enfrentamento do abuso – negação do vivido, tentativa ou desejo de suicídio, fé e resignação, fuga, trabalho/educação e ação protetiva/negligência. Consideramos, portanto, que a violência psicológica foi usada como forma de controle pelo abusador, possivelmente para suplantar suas vulnerabilidades e insegurança. A busca do amor e aceitação dos parentes também parece orientar as atitudes das sobreviventes e coloca-as submissas às vivências oferecidas. Constatou-se que a superação do vivido parece estar calcada na aceitação, esta sendo a base para a construção de resignificação. Como o processo de desenvolvimento, destas mulheres, se dá permeado por muitas confusões na apreensão e na compreensão de mundo, pois o mesmo é constituído através dos vieses referentes às estruturas relacionais caóticas e distorcidas na qual estão inseridas, seria importante outros estudos focarem na melhor compreensão destas distorções e em outras estratégias de superação a promover. Além disso, julgamos importante mais estudos para aplicabilidade em organizações de saúde e assistência, considerando-se estas perversões no mesmo processo de apreensão e compreensão do mundo.

Palavras-chave: Mulher. Abuso sexual na infância. Violência. Fenomenologia.

ABSTRACT

SAMPEDRO, Simoara Furquim. **Women's report on sexual abuse experience in childhood and adolescence: a phenomenological reading.** 2019. 134f. Dissertação (Mestrado em enfermagem psiquiátrica) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP, 2019.

The aim of this study was to comprehend the experience of women who went through sexual abuse situation during childhood and/or adolescence. The research is qualitative, with phenomenological approach and has observed the human experience in time and space, considering personal experiences, in their relations contexts. The study was developed in the Specialized Reference Center of Social Assistance (CREAS), along with the Social Assistance Secretary from Ribeirão Preto/SP district, and was developed based on interviews with two volunteers, victims of abuse. The results were defined in two categories: 1) Perceptions and consequences of abuse – feeling of oppression, of helplessness, of guilty, shame, abandonment, anxiety and fear, depression, difficulties in individuation, confusion, difficulty in developing reliability, indignation/need of confirmation of truth, difficulty to eat, pregnancy, sexually transmitted disease and negligence with educational background; 2) Confrontation against the abuse – denial of the experience, attempt or desire of suicide, faith and resignation, escape, work/education and protective action/negligence. We have considered, therefore, that psychological violence was used as a control manner by the abuser, possibly to supplant their vulnerabilities and insecurity. The quest for love and acceptancy of parents also seem to guide the survivors' attitudes and subordinate them to the offered experiences. It was noticed that the overcoming of the experience seemed to come from acceptancy, this being the base to build resignification. As the process of development of women happens surrounded by many confusions on the apprehension and comprehension of the world, since it is composed through slants related to chaotic and distorted structures in which it is inserted, it would be important for others studies to focus on the better understanding of these distortions and on other possible overcoming strategies. Besides that, we consider important to have more studies regarding applicability in health and assistance organizations, considering these perversions in the same process of apprehension and comprehension of the world.

Keywords: Woman. Sexual abuse in childhood. Violence. Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Genograma 1. Estrutura familiar da colaboradora Vitória.	39
Figura 2	Genograma 2 da colaboradora Glória. Inserção inicial da estrutura familiar de Glória.	42
Figura 3	Desdobramento da estrutura familiar de Glória	43
Figura 4	Quadro 1- Identificação	45
Figura 5	Ecomapa1 representando as relações sociais e institucionais de Vitória	47
Figura 6	Ecomapa 2 – representa as relações sociais, econômicas e culturais de Glória	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CSA	<i>Children Sexual Abuse</i>
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
GREIVI	Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Violência
LACRI	Laboratório de Estudo da Criança
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-americana da Saúde
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos
PTG	Crescimento pós-traumático
SEAVIDAS	Serviço de Atenção à Violência Doméstica e Agressão Sexual
TCLE	Termo Consentido Livre e Esclarecido
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APROXIMAÇÃO DO TEMA.....	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	22
2.1 Fenomenologia.....	22
3 JUSTIFICATIVA	27
4 PRESSUPOSTO	28
5 OBJETIVOS	29
5.1 Objetivo Geral.....	29
5.1 Objetivos Específicos	29
6 MÉTODO	30
6.1 Tipo de estudo.....	30
6.2 Local do estudo	30
6.3 Participantes.....	31
6.4 Procedimentos de coleta de dados	32
6.5 Análise dos dados	33
6.6 Aspectos éticos	34
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
7.1 Estrutura e dinâmica familiar.....	44
7.2 Categoria “aspectos da vivência abusiva e suas consequências”.....	62
7.2.1 Aspectos da vivência abusiva.....	62
7.2.2 Consequências do Abuso Sexual.....	69
7.3 Enfrentamento do abuso	102
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE 1	132
APÊNDICE 2	134

APROXIMAÇÃO DO TEMA

O interesse pela temática da violência surgiu na graduação em Psicologia, principalmente a partir de disciplinas acadêmicas optativas cursadas na área de Ciências Sociais, e se manteve ao longo da minha trajetória profissional, levando-me a concluir, posteriormente, o Curso de Especialização em Violência Doméstica pelo LACRI-USP.

Aprovada no processo seletivo para o cargo de Psicóloga na Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Ribeirão Preto, no projeto Sentinela, em 2007, tive a oportunidade de participar do processo de estruturação do Serviço de Enfrentamento ao Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes, desenvolvendo métodos de intervenção junto às vítimas de violência intrafamiliar.

Por meio dos atendimentos das crianças e dos adolescentes, bem como de seus familiares, realizados neste serviço, foi possível constatar, assim como ser testemunha, da dimensão da vulnerabilidade dessas famílias, do sofrimento e das dificuldades para restituírem seus direitos enquanto cidadãos e sua subjetividade quando vítimas de algum ato de violência. Essa experiência profissional me permitiu uma nova constituição pessoal, ressignificando minha relação com a profissão, possibilitando-me vivenciar a razão de ser psicóloga, erigindo um propósito pessoal de ser porta-voz do fim do silêncio das vítimas de violência.

Os desafios da prática neste serviço exigiram uma dedicação intensa e muita coragem para explorar os limites do exercício profissional, eticamente, possibilitando que eu colocasse em prática meus conhecimentos e, principalmente, que eu os ampliasse. Dentre as dificuldades dessas práxis, pode-se citar a enorme demanda de casos e a pressão da instituição para que os atendimentos ocorressem de forma rápida e, por outro lado, a pressão pessoal que a ética impõe contra tais imposições, afinal trata-se de crianças vitimadas.

Em razão da multidisciplinaridade do fenômeno, os casos que recebíamos eram discutidos com técnicos profissionais de áreas distintas, sendo necessário que se estabelecesse uma linguagem acessível comum. Além disso, a necessidade objetiva do afastamento do agressor para uma melhor investigação da situação de abuso denunciada exigia a elaboração de relatórios ao Poder Judiciário, descrevendo a materialização da história de modo compreensível, em uma linguagem não técnica e mais acessível, para que houvesse a compreensão do Juiz sobre qual atitude a ser tomada. A descrição objetiva dos fatos era determinante para denunciar a possível extensão e gravidade do ocorrido. Sendo assim, a

delicadeza da situação exigia uma cuidadosa análise compreensiva, contextualizada e globalizadora, para que se solicitasse a medida protetiva compatível.

A necessidade de construção de um olhar objetivo, mas sensível à dor e às demandas destas crianças, despertou-me o sentimento de primordialidade para compreensão deste fenômeno. Para tal, aproximei-me da Fenomenologia, que aborda os fenômenos com objetividade, sem perder a percepção do vivido, integrando a existência, oferecendo, em minha opinião, um instrumental adequado para estas situações paradoxais, nas quais o judiciário pede objetividade, mas a sutileza do cuidado e entendimento da história de vida destes indivíduos é imprescindível.

Ao nos inteirarmos das consequências destas vivências peculiares sofridas por crianças em desenvolvimento a partir da perspectiva delas, viabilizamos a ampliação das estratégias de cuidados a oferecer, disponibilizando instrumental para a atenção dos técnicos que estão à frente deste trabalho, fato que denota o quão é importante compreender, de maneira sistematizada, como estas vítimas enfrentaram sua vivência ao longo da linha do tempo.

Desde que eu deixei o serviço, mantive-me atuante na temática participando há sete anos do Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Violência (GREIVI), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde 2006, cuja líder é minha orientadora pelo Programa de Enfermagem em Psiquiatria e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP). Também, por cinco anos, participei do Grupo Protegendo a Infância, o qual promove um trabalho utilizando-se do teatro e de oficinas para promover a conscientização sobre o fenômeno da violência.

Desde a conclusão da graduação, mantenho também o trabalho profissional de atendimento clínico em consultório particular, por meio do qual foi possível observar que o fenômeno do abuso sexual infantil não ocorre apenas nas populações menos favorecidas, apresentando-se em diferentes níveis sócio-econômico-culturais.

1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento da violência sexual como um problema de saúde pública global se deu em 1993 pela Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (FACURI *et al.*, 2013). Tais organizações reconheceram que este é um fenômeno não somente pontual, que ultrapassa o âmbito da clínica individual, merecendo ser tratado como um problema da área da saúde coletiva (DE ANTONI *et al.*, 2011).

No *Relatório Mundial de Violência e saúde*, tem-se violência definido como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

As consequências da violência sexual podem ser imediatas e latentes, e podem perdurar por anos após o abuso inicial (KRUG *et al.*, 2002). Pode-se observar, assim, que o rege esta definição é a intenção, divergindo de um ato incidental.

A questão do uso do poder abre um imenso leque reflexivo, pois se refere a ameaças e a intimidações, ou mesmo à negligência, representando o lado do não exercício do poder/dever. No âmbito do poder, no uso de força mais sutil, mas não menos danosa, encontra-se a violência psicológica e a mais escondida a violência sexual, as quais geralmente são efetivadas através do exercício de poder ou do saber (por meio do maior conhecimento sexual), ou dos afetos (amor e medo), sinalizando, assim, a importância de desenvolvermos atenção para circunstâncias mais camufladas de violência (KRUG *et al.*, 2002).

A preocupação com a violência sexual no Brasil é recente e só despertou maior interesse nos campos científico, institucional e político a partir da década de 1980. As pesquisas de Guerra (1985), Santos (1987) e Azevedo e Guerra (1988; 1989) são consideradas pioneiras na área e objetivam a caracterização desse tipo de ocorrência, a demonstração dos níveis de incidência e a sistematização das características dos agressores e das consequências às vítimas.

No Brasil, as dificuldades em obter informes realísticos da incidência da violência sexual parecem estar associadas ao silêncio que cerca as vítimas e a reticência das mesmas em se queixarem (MARTINS & JORGE, 2010).

Neste estudo foi utilizado o conceito de violência intrafamiliar do Ministério da Saúde que a descreve como “toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar ou a integridade

física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família [...] com função parental, [...] e em relação de poder à outra" (BRASIL, 2001, p.15). Ao pensar o fenômeno da violência, é fundante também considerar a descaracterização da relação de igualdade entre os seres, causada pelo mal-uso do poder, estabelecendo uma atitude de objetificação do agressor para com a vítima, transformando-a em “coisa”, à disposição de seus interesses (BRASIL, 2001).

De acordo com Azevedo (1993), um grande aspecto de instrumentação da violência intrafamiliar habita na desigualdade de gênero, sexo e de idade, e há dificuldade dos membros da família em administrar as relações de poder:

A família é uma instituição estruturada sobre duas desigualdades básicas: entre gêneros e entre gerações. A violência - nada mais sendo, que a conversão de uma desigualdade, em exercício de opressão-dominação encontra na família uma ecologia propícia. Não por acaso, portanto, especialistas têm demonstrado ser a família uma instituição proeminente em todo tipo de violência. As diferenças naturais (de sexo e de idade) convertidas em desigualdades e estas por sua vez transformadas em padrões assimétricos de relações interpessoais constituem o caldo de cultura em que a violência brota e se nutre. Daí os vários tipos de violência doméstica: a) em termos da direção exercida, essa sempre contra os mais fracos na hierarquia de poder familiar (mulher/criança-adolescente/filho); b) sempre qualificada em termos de natureza (sexual/física/psicológica) (AZEVEDO, 1993, s/p).

Williams *et al.* (2011, p. 7) oferece um conceito amplo do abuso sexual, no qual questão do consentimento é norteadora e enfatiza o aspecto da impossibilidade de consentir da criança, em razão da sua fase de desenvolvimento:

O envolvimento da criança em atividade sexual do qual ele/ela é incapaz de dar consentimento informado, ou para a qual a criança não tem preparo, em termos de desenvolvimento para dar consentimento, ou que viola as leis ou os tabus sociais de uma sociedade. O abuso sexual de uma criança é evidenciado por uma atividade entre uma criança e um adulto, ou entre uma criança e um adolescente que, por idade ou desenvolvimento, está em relação de responsabilidade, confiança ou poder (WILLIAMS *et al.*, 2010, p.7).

As relações de poder intrínsecas ao ato sexual são aspectos importantes a serem abordados, compreendendo as duas pontas do ciclo da violência: o da vulnerabilidade da criança e o poder adulto. “O abuso sexual é descrito como toda a situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de pessoas mais velhas. O uso do poder, pela

assimetria entre abusador e abusado, é o que mais caracteriza esta situação” (SANTOS; NEUMANN; IPPOLITO, 2004, p. 36).

É significativo apontar as dificuldades conceituais, em razão do desencontro entre as definições presentes na literatura, pois cada uma delas aborda um aspecto importante do fenômeno da violência sexual. Kristensen *et al.* (2001), por exemplo, define o abuso sexual de crianças e adolescentes priorizando as limitações do seu estágio de desenvolvimento, as expectativas sociais dos papéis familiares e as relações de poder entre agressor e vítima (KRISTENSEN *et al.*, 2001).

A saúde de uma vítima de abuso não fica ameaçada só no período em que está no ápice de seu sofrimento. Seus prontuários geralmente são tão robustos que daí já se levanta um dos indicadores de sofrimento destas silenciosas vítimas. O *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde* (KRUG *et al.*, 2002) ao apontar as consequências observadas no comportamento das vítimas de violência sexual, versa que estas apresentam graves sintomas psiquiátricos, como depressão, ansiedade, abuso de substâncias, agressão, sentimento de vergonha ou enfraquecimento cognitivo. Por fim, algumas crianças preenchem todos os critérios para doenças psiquiátricas que incluem distúrbios de estresse pós-traumático, forte depressão, distúrbios de ansiedade e distúrbios de sono.

No *Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde* (KRUG *et al.*, 2002, p.69) foi também apresentado o resultado de um estudo de corte longitudinal, realizado na Nova Zelândia, que mostrou importantes associações entre o abuso sexual na infância e posteriores “problemas de saúde mental, tais como depressão, distúrbios de ansiedade e pensamentos e comportamentos suicidas”. Dependendo do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra quando o abuso ocorre, surgem as manifestações físicas, comportamentais e emocionais da gravidade do abuso. Essas consequências dependem também “da relação entre o perpetrador e a criança, da duração desse abuso, e de outros fatores presentes no ambiente da criança” (KRUG *et al.*, 2002, p.69).

Um estudo realizado no Brasil corrobora os resultados anteriores indicando que o abuso sexual infantil é um fator de risco para uma série de problemas emocionais e comportamentais. Os autores revelam dificuldades de concentração, medos, choro frequente, pesadelos, comportamento sexualizado, enurese e, principalmente, uma alta prevalência de transtorno de estresse pós-traumático, sustentando a evidência de que este é o transtorno mental mais comumente encontrado (BORGES & DELL’AGLIO, 2008).

Em pesquisa que investigou a percepção de mulheres jovens vitimadas sexualmente sobre as consequências que a violência trouxe para a saúde em relação aos aspectos

emocional, físico e comportamental, assim como suas estratégias de superação da vivência da mesma, vê-se a importância da mobilização das vítimas para a superação desse impacto em suas vidas, além da crença na possibilidade de "sobreviver", a esperança e o apoio da família e de amigos diante dessa estressante situação. Neste contexto, em especial, ajuda muito se a mãe/cuidadora desempenha seu papel, de modo não abusivo e coerente às angústias da vítima, independentemente do tipo de abuso, se extra ou intrafamiliar, prezando que sempre seja inaceitável que esta forma de violência continue ocorrendo (MARTINS, 2011).

De acordo com Habigzang e Caminha (2004), o incesto é poderoso. Sua devastação é maior do que as violências sexuais não incestuosas contra a criança, porque o incesto se insere nas constelações das emoções e dos conflitos familiares. Não é um estranho de quem se possa fugir, não há uma casa para onde escapar. A criança não se sente mais segura nem mesmo em sua própria cama. A vítima é obrigada a aprender a conviver com o incesto, e ele abala a totalidade do mundo da criança. O agressor está sempre presente e o incesto é quase sempre um horror contínuo para a vítima. Segundo Kaplan e Sadock (1990), 50% dos abusos são cometidos por membros da família e, geralmente, por homens. A característica incestuosa mais comum é aquela que envolve a vítima, o pai ou o padrasto (AMAZARRAY e KOLLER, 1998)

Dados estatísticos de 2011, referentes às notificações de maus-tratos em crianças (BRASIL, 2012a), apontam que, na faixa etária de menos de nove anos, os maus-tratos configuram-se como negligência e abandono em 36% dos casos e como abuso sexual em 35%. Na faixa etária de 10 a 14 anos, o abuso sexual apresenta-se também em segundo lugar, com 10,5% dos casos, sendo a violência física a ocupante do primeiro lugar, com índice de 13,3%.

Dados de abusos sexuais de um Programa Sentinela de Campo Grande/MS apontam a faixa etária de três a cinco anos como a de maior incidência de abusos. Este mesmo programa apresenta uma retomada do aumento da incidência destes casos na faixa dos doze aos quatorze anos (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA & FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, 2011)

O Ministério da Cidadania e Justiça (BRASIL, 2017) aponta que, em 2015 e 2016, foram recebidos, pelo Disque 100, 37 mil denúncias de violência sexual na faixa etária de 0 a 18 anos. A maior parte das denúncias é referente aos crimes de abuso sexual (72%), dos quais 67,7 % são contra meninas, 16,52% são contra meninos e em relação aos demais o sexo não foi informado. Os dados sobre faixa etária mostram que 40% dos casos eram referentes a

crianças de 0 a 11 anos. As faixas etárias de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos correspondem, respectivamente, a 30,3% e 20,09% das denúncias. Já o perfil do agressor é de homens (62,5%) e adultos de 18 a 40 anos (42%) (BRASIL, 2017).

Um estudo fenomenológico realizado no ambiente hospitalar com enfermeiros em relação ao cuidado de crianças vítimas de abuso sexual revelou que quando o agressor é da própria família, o trabalho é dificultado em razão de culturas, crenças, normas e instituições sociais que acabam por legitimar e perpetuar a violência (ÂNGELO *et al.*, 2013).

Inque & Ristom (2008) chegam à mesma conclusão por meio de uma pesquisa realizada em uma escola, destacando que os professores, despreparados, “fazem vista grossa”, minimizam ou fazem comentários inadequados ou preconceituosos em relação à violência relatada, expondo e levando a vítima a se sentir culpada. Os autores apresentam o relato de um caso em que professora foi procurada por uma aluna para denunciar que ela estava sendo vítima de abuso intrafamiliar. Como providência, a professora chamou a mãe, relatou toda a conversa e, como consequência, a aluna nunca mais voltou a escola, além de ter se mudado de endereço. Não é raro a mãe proteger o pai/padrasto e a criança ficar duplamente desamparada.

O *Relatório Mundial de Prevenção à Violência* (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015) apresenta pesquisa realizada em 133 países, com 88% da população mundial, sobre o quadro geral da violência, e traz graves resultados, evidenciando que uma a cada cinco mulheres relata ter sofrido abusos sexuais quando criança. Além disso, uma em cada três mulheres foi vítima de violência física ou sexual praticada por parceiro íntimo em algum momento da vida. Mais de 50% dos países pesquisados relataram coletar dados sobre violência praticada por parceiro íntimo e violência sexual (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Outros resultados a serem destacados são de uma pesquisa fenomenológica, realizada com sete mulheres com histórico de vivência de abuso sexual na infância. Essas mulheres foram entrevistadas duas vezes com um intervalo de 1 a 6 meses. Em todos os casos, o abuso começou entre 4 e 5 anos. O principal resultado do estudo é que o tempo não cura todas as feridas. Todas mulheres descreveram grande sofrimento reprimido e silencioso em todos aspectos da vida, e o abuso ainda as afeta seriamente. Quando crianças, elas sofreram *bullying* e tiveram inexplicáveis sintomas físicos. Na idade adulta, elas têm sofrido múltiplos sintomas físicos e psicológicos: cinco delas têm fibromialgia; todas têm sofrido dor crônica e generalizada; todas têm lidado com depressão e com dificuldades de estabelecer conexões próximas, sendo difícil confiar nos outros. Como o abuso ocorreu quando crianças, elas utilizam serviço de saúde, mas não possuem ajuda adequada. É importante para os

profissionais de saúde conhecerem os sintomas e consequências do abuso sexual infantil para poder responder aos sobreviventes adultos de uma maneira solidária. Ademais, medidas terapêuticas mais eficazes precisam ser desenvolvidas para diminuir seu sofrimento (SIGURDARDOTTIR & HALLDORSDDOTTIR, 2013).

A *Children Sexual Abuse* (CSA), além de oferecer um desafio para os profissionais de saúde, exige também serviços de assistência para vítimas, já que estas demandam mais uso de cuidados médicos se comparadas à população geral. Estima-se que, devido ao tratamento de sobrevivência da CSA, os custos da atenção primária aumentam de 10 a 40% e as despesas totais com assistência médica aumentam de 13 a 43% (CHEN *et al.*, 2010)

Mais recentemente, a CSA foi definida como:

Contato ou interação entre um adulto e uma criança, quando a criança é usada para estimulação sexual de um adulto, ou outra pessoa, ou quando o ato sexual é cometido por um menor, sendo ele pelo menos cinco anos mais velho que a vítima (VALENTINE & PANTALONE, 2013, s/p).

O abuso sexual pode criar uma visão distorcida do eu sexual em um sobrevivente de CSA. Exemplificando, a intimidade pode se associar à vergonha e ao medo, ao invés de associar o carinho ao carinho, com preocupações quanto ao domínio e à submissão, ao invés de mutualidade. Os sobreviventes podem retomar os traumas quando se envolvem em relacionamentos íntimos de casais, em razão dos *flashbacks* e de outros sintomas que podem surgir quando há o início das vivências sexuais de um relacionamento, fatores que podem conduzir a uma aversão da atividade sexual, além de a outros problemas afins. Fundamentalmente, os sobreviventes de CSA podem ter dificuldades em construir uma expressão saudável de intimidade sexual, e possuem conflitos emocionais (LIANG, WILLIAMS & SIEGEL, 2006).

Em uma pesquisa que abrange 30 anos de história de 9 bancos de dados, incluindo todas as faixas etárias, de qualquer idioma ou população, vê-se uma associação estatisticamente significativa entre abuso sexual e um diagnóstico ao longo da vida de transtorno de ansiedade, depressão, distúrbios alimentares, transtorno de estresse pós-traumático, distúrbios do sono e tentativas de suicídio. As associações persistiram, independentemente do sexo da vítima ou da idade em que o abuso ocorreu. Não houve associação estatisticamente significativa entre abuso sexual e diagnóstico de esquizofrenia ou distúrbios somatoformes. Não foram encontrados estudos longitudinais que avaliaram transtorno bipolar ou transtorno obsessivo-compulsivo. As associações entre abuso sexual e

depressão, distúrbios alimentares e transtorno de estresse pós-traumático foram fortalecidas por uma história de estupro (CHEN *et al.*, 2010).

Como no fluxo do existir as dores têm função reestruturante, um fenômeno como este, que propicia tanta dor, paradoxalmente pode viabilizar construções de superação. Pesquisas mais recentes (HARTLEY *et al.*, 2016; GONZALEZ, 2017; NEWSOM & BOWMAN, 2017; SIGURDARDOTTIR *et al.* 2016) têm se proposto a considerar a vida em fluxo, observando as possíveis consequências construtivas a partir do fenômeno. Quando isto ocorre, é utilizado o termo "crescimento pós-traumático" (PTG) para se referir à experiência de mudança psicológica positiva como consequência do enfrentamento de tais circunstâncias. Tal enfrentamento ocorre por meio da maleabilidade, a plasticidade inerente ao ser humano, a qual coloca em prática a capacidade de transformação e de superação de dores traumáticas.

Os estudos de Tedeschi & Calhoun (2004 *apud* GONZALEZ, 2017) apontam que de 40 a 70% das pessoas que foram observadas relatam algum nível de benefício após lidar com um evento traumático, com relatos de crescimento superando em número os relatos de sofrimento psiquiátrico. O pressuposto dos autores é de que o Crescimento Pós-Traumático (PTG) baseia-se no entendimento de que os indivíduos desenvolvem um conjunto de suposições e crenças sobre o mundo e que este conjunto fornece uma referência para orientar suas ações, constituindo um senso de significado em suas vidas. Quando o trauma ocorre, ele desestabiliza o sistema de crenças do sujeito, incluindo sua visão de si, sua projeção de futuro, enfim, a maneira como a pessoa percebe o mundo. Sendo assim, ocorre alguma forma de reestruturação cognitiva após o acontecimento. A hipótese é que uma possível consequência do fato seriam as crenças do indivíduo se tornarem mais resistentes a traumas futuros. A resistência, então, viria desta integração de "informações sobre traumas", o que ajudaria a processar situações traumáticas futuras, sendo menos provável que suas novas e mais abrangentes crenças sejam destruídas (GONZALEZ, 2017).

O PTG, após CSA, permanece controverso no contexto dos modelos existentes, uma vez que o trauma (por definição) ocorre em uma idade jovem, potencialmente antes que suas visões de mundo sejam totalmente formadas. Também ainda não está claro se os processos de acomodação e de assimilação podem realmente ser responsáveis pelo PTG na população (GONZALEZ, 2017).

Outras observações sobre a problemática que podem ser apontadas são: falar e discutir a CSA minimiza seu impacto, redefinindo-o de modo positivo. No âmbito social do enfrentamento, em uma amostra de sobreviventes de abuso emocional, físico ou sexual, na infância, para os quais ocorreram mudanças no contexto, as novas relações interpessoais

estabelecidas ofereceram nutrição e validação, propiciando o enfrentamento através do PTG (WOODWARD & JOSEPH, 2003).

O estudo traz como resultado a confirmação aos terapeutas de que uma mudança positiva é realmente possível e, paradoxalmente, que a mudança positiva pode ocorrer simultaneamente ao sofrimento contínuo de um cliente. Ao compreender que o abuso foi considerado um aspecto crucial para a vida destas mulheres, reconhece-se que um dos fatores-chave na terapia é uma reformulação completa e desenvolvida para cada indivíduo, considerando os sistemas de crenças e culturais de cada um, suas influências, bem como outros fatores potencialmente protetores. Além disso, é importante discutir conceitos de aceitação (do vivido) e de perdão (sobre si e sobre o outro), embora seja comum os clientes temerem que essa aceitação de alguma forma signifique "concordar com o abuso" (HARTLEY *et al.*, 2016). Outro estudo corrobora a importância do perdão como um fator importante na recuperação da CSA. Perdão este dado tanto àqueles que abusaram, como àqueles que não impediram o abuso. Contudo, as vítimas reconheceram a necessidade de se perdoar pelas escolhas negativas feitas em razão das vivências abusivas (NEWSOM & BOWMAN, 2017).

O conceito de "sobrevivente" vem de Dolan (1998 *apud* NEWSOM & BOWMAN, 2017), o qual pontua que cada pessoa tem forças para sobreviver e propõe que viver bem seria a melhor "vingança" ao ocorrido.

Em uma pesquisa realizada na Islândia, feita com dez mulheres, com idade entre 22 a 53 anos, foram realizadas entrevistas fenomenológicas antes e após o desenvolvimento do Programa de Bem-Estar. Foram 20 horas semanais de entrevistas, durante 10 semanas. As entrevistas posteriores ao programa ocorreram 15 meses depois. A coleta e a análise dos dados foram orientadas pela *Vancouver School of Fenomenology*. O trabalho foi realizado por equipe de profissionais de saúde, a qual utilizou uma abordagem holística e forneceu terapia individual e de grupo complementar, com foco na mente e no corpo. O pressuposto que subsidiou o trabalho é o conceito "holístico" de tratar a pessoa como um todo, fundamentado em estudos recentes na área da psiconeuroimunologia, os quais apontam a necessidade de que o ser humano deve ser considerado em sua totalidade, corpo e alma. Assim sendo, o que prejudica a alma também prejudica o corpo. Dessa maneira, alma e corpo não são dissociados, devido à plena comunicação entre o cérebro e o sistema nervoso, sistema endócrino e imunológico. A partir disso, entende-se que cada problema de saúde precisa ser considerado no tratamento, já que tratar um problema e não outro pode ser insuficiente para atender às necessidades dos sobreviventes da CSA (SIGURDARDOTTIR *et al.*, 2016)

Para atender as múltiplas necessidades destas mulheres, o referido programa contava com: terapia individual, terapia em grupo, meditação, atenção plena, *yoga*, exercícios físicos, fisioterapia, reflexologia, escrita expressiva, entre outros. Todas as mulheres receberam consultas personalizadas sobre dieta e nutrição e foram incentivadas a escrever um diário sobre seus sentimentos e experiências. Além disso, participavam de grupos de conscientização e de orientação sobre aspectos psicossomáticos como fibromialgia. Havia também um psiquiatra disponível, caso necessário, porém nenhuma delas fez esta opção. A conclusão foi a de que o Programa de Bem-Estar contribuiu consideravelmente para melhorar a saúde e o bem-estar das mulheres. Antes da participação no programa, todas as mulheres estavam consideradas inaptas para o trabalho, ou escola, e todas recebiam auxílio por invalidez ou pensão de reabilitação, viviam socialmente isoladas e portavam problemas de saúde complexos. Após a participação, todas as mulheres, exceto uma, voltaram ao trabalho, à escola ou estão em reabilitação. (SIGURDARDOTTIR *et al.*, 2016)

No trabalho acima citado, os quadros de maior prevalência foram: a depressão em primeiro lugar, em 100% das participantes, pensamentos suicidas em 40% delas (destas 50%, com tentativas), fibromialgia em 80%, obesidade em 60%, alcoolismo em 30% e problemas uterinos completos em 40%. Todas as mulheres haviam procurado anteriormente auxílio profissional dentro do sistema de saúde, quando crianças, adolescentes ou na idade adulta, mas relataram que não haviam recebido a ajuda necessária. Após o programa, as entrevistas em profundidade mostraram que sua saúde física, mental e seu bem-estar, além da vida pessoal e da relação com parceiros, familiares e amigos, melhoraram. Elas se sentiram empoderadas, mais controladas e desenvolveram maior confiança em relação às pessoas (SIGURDARDOTTIR *et al.*, 2016)

Diante desses cenários de estudos sobre violência sexual e, especificamente, sobre violência sexual contra a mulher quando ainda crianças, é que a presente pesquisa está situada. Nossa análise é do caso de duas mulheres atendidas no CREAS, que sofreram violência sexual ainda na infância, e se dará a partir de um olhar fenomenológico, que prima por considerar suas singularidades existenciais. Nosso objetivo é compreender a vivência destas mulheres que passaram pela situação de abuso sexual na infância e/ou na adolescência e seus resultantes. Para tanto, o texto está organizado de modo a apresentar o relato dessas colaboradoras e, a partir deles, depreender suas significações.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Fenomenologia

As pesquisas quantitativas e qualitativas, para Martins & Bicudo (1994) diferenciam-se: a pesquisa quantitativa trabalha com fatos, mas dos fatos coleta aquilo que pode se tornar objetivo e rigorosamente estudado enquanto ciência. A qualitativa trabalha com fenômenos – do grego, aquilo que se mostra a si mesmo, entidade que pode ser trazida à luz, aquilo que se manifesta. Em razão da característica deste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa.

Objetivando abarcar a intencionalidade do sobrevivente de CSA, compreender a relação de seu ser no mundo, captando esta intersecção, foi escolhida a abordagem fenomenológica, em razão de se propor observar as coisas como elas são, inseridas em seu universo de referências, compreendendo seu olhar subjetivo através de suas expressões objetivas, em que dentro e o fora são um só. A fenomenologia adota uma perspectiva ideográfica para entender o indivíduo por meio de atributos cognitivos, linguísticos, emocionais e físicos. Pressupõe uma relação entre o que as pessoas dizem, seu estado emocional e seus pensamentos; no entanto, reconhece que os indivíduos são seres complexos e que a cadeia de eventos entre eles nem sempre é direta (HARTLEY, *et al.*, 2016)

A fenomenologia, desenvolvida por Husserl (1859-1938), surgiu para constituir uma filosofia, como uma ciência rigorosa. Sua origem é em Brentano (1838-1917), o qual propõe a questão da intencionalidade e afirma que a psique sempre está dirigida para algo e, portanto, é "intencional" – este é um dos pilares da fenomenologia. "Esta intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. Isto tende a reconhecer que não há objeto sem sujeito" (TRIVIÑOS, 1987, p. 42-43).

Segundo Triviños (1987, p.43), a fenomenologia "não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua "facticidade". Esta "volta às coisas mesmas" da fenomenologia (fatos) constitui parte de seu rigor, além de considerar que o "mundo está sempre aí", propondo a perspectiva da relação do ser-com-o-mundo como um conjunto inalienável de observação. Assim, a análise se coloca sempre contextualizada. Isto quer dizer que nossa apreensão imediata é pré-reflexiva e vem carregada de uma familiaridade que antecede o conhecimento científico reflexivo (FORGUIERI, 1993). "Nem o sol está somente fora de nós, nem a razão está exclusivamente dentro de nós, porque sempre e necessariamente realizamos nossa existência na estrutura ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1988 p. 19 *apud* FORGUIERI, 1993, p. 27). "É uma estrutura de realização, por sua dinâmica o

homem está sempre superando os limites entre o dentro e o fora” (HEIDEGGER, 1988 p. 19 *apud* FORGUIERI, 1993,p. 27).

A proposta fenomenológica nasceu de uma crise, afirma Merleau-Ponty, e esta crise ainda está aí. A crise a que se refere é entre o caminho que a filosofia havia tomado até então, a construção metafísica de entendimento do mundo, em que o idealismo, apesar de racional, era carregado de subjetividade, *versus* uma construção de mundo positivista, a qual, pelo excesso de objetividade, também não contempla a totalidade das relações e os meandros das intersecções do ser-no-mundo (DARTIGUES, 2008).

A volta às coisas mesmas, como apontava Husserl (1901, 1907, 1911 *apud* ABBAGNANO, 1999), fundamento deste referencial, pode ser de grande importância para compreender a “vivência” do fenômeno do abuso sexual, através do relato do “mundo vivido” de uma pessoa adulta.

O dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (1999) define vivência como uma experiência viva ou vivida, como toda atitude ou expressão da consciência, sendo uma atitude de observação de sua relação com objeto. Husserl (1901, 1907, 1911 *apud* ABBAGNANO, 1999) considerou a vivência como fato de consciência. Toda vivência tem uma essência própria a ser captada intuitivamente em conteúdo, considerando sua característica intrínseca.

O intuito desta pesquisa é captar o conteúdo desta vivência, esta essência própria e única. Se possível, compreender o objeto da intencionalidade do ser, ou seja, para onde se dirigem seus pensamentos e percepções, ampliando a compreensão e entendendo como esta intencionalidade foi constituída, a fim de conhecer sua visão de mundo.

O primordial ser-no-mundo do homem não é uma abstração, mas uma ocorrência concreta; acontece se realiza, apenas, nas múltiplas formas peculiares do comportamento humano e nas diferentes maneiras dele relacionar-se às coisas e às pessoas. 'Ser' não é uma estrutura ontológica existindo em algum 'supermundo' que se manifesta uma vez ou outra na existência humana. Ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra (BOSS, 1963, p.34 *apud* FORGUIERI, 1993, p. 28).

A palavra mundo, no contexto fenomenológico, se refere à "totalidade de um campo". Portanto, mundo vivido é a totalidade do campo vivido por determinado indivíduo (ABBAGNANO, 1999). De outro modo 'mundo' é o conjunto de relações significativas dentro da qual a pessoa existe (BINSWANGER, 1967 *apud* FORGUIERI, 1993, p.29). As coisas “têm significado para mim, não apenas por aquilo que são em si mesmas, mas pela relação que estabeleço com elas” (FORGUIERI, 1993, p. 29).

Para Heidegger (s/d, *apud* ABBAGNANO, 1999), mais elevada que a realidade, está a possibilidade. Husserl (s/d, *apud* ABBAGNANO, 1999) diz que, no mundo humano, o fato de todas as formas culturais e sociais existirem significa que todas estas experiências são possíveis e que eu posso a qualquer instante as realizar, independente da realidade de minha escolha. Esta é a abertura fenomenológica, as possibilidades estão diante do ser-no-mundo. Este é o seu entorno. E a sua sina é a escolha, exceto quando é atravessado em seu percurso natural.

A entrevista fenomenológica é um instrumento de acesso à experiência vivida. O entrevistado, naturalmente, segue seu próprio fluxo de ideias, sem direcionamento, caminhando em uma intimidade, pelo processo empático, que ganha em profundidade, trazendo informações e compreensão do vivido que o positivismo por si só não acolhe. (TRIVIÑOS, 1987) .

Na intersubjetividade existencial, proposta pelo âmbito da entrevista fenomenológica, pode-se alcançar, com rigor e objetividade, a compreensão da subjetividade fenomênica de uma vida atravessada pelo "acontecimento". A expressão “acontecimento” foi proposta por Slavoj Žižek (2017, p.11), que a define como "surgimento surpreendente de algo novo que solapa qualquer esquema estável". Assim, do momento desse surgimento em diante, a vida toma novos rumos, pois os antigos pressupostos não mais sustentam aquela existência, já que a condição de um "acontecimento" estabelece "uma mudança no próprio arcabouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele" (ŽIZEK, 2017, p. 16).

Realizar a análise fenomenológica se traduz em descrever o vivido pelo ser, com parâmetros próprios de uma redução científica, na qual o pesquisador oferece um olhar diverso do senso comum, conduzindo para a ordem das significações, que podem ser definidas em categorias do pensamento. Os princípios norteadores da construção científica para a compreensão do mundo social são: a intersubjetividade, a compreensão e a intencionalidade (CAPALBO, 1979)

Dito de outra maneira, as pessoas se relacionam, com a natureza, ou umas com as outras, ou com o contexto, e, ao compreendermos os elos destas relações, entendemos a intencionalidade de seus atos.

Construir significações é um atributo da personalidade da subjetividade humana resultante do entrecruzamento das instâncias da vontade, da inteligência e da afetividade, o que promove uma questão para o pesquisador: como propor a construção de uma ciência objetiva, partindo de subjetividades? A resposta está em utilizar-se da redução fenomenológica, a qual se dá através de um construto do construto, que é conseqüentemente

uma edificação constituída pelo interlocutor, a partir do sujeito, que resulta em trabalhar objetivamente a subjetividade, usando critérios válidos para as ciências empíricas (CAPALBO, 1979).

Como propõe Abbagnano (1999), toda vivência tem uma essência própria a ser captada intuitivamente em conteúdo, considerando sua característica intrínseca. Assim sendo, um dos desígnios desta pesquisa é captar as particularidades das vivências em estudo, a fim de que possam conduzir-nos a uma compreensão melhor do fenômeno da *Children Sexual Abuse* (CSA), entendendo a intencionalidade que habita as vítimas, ou seja, esmerilhar quais os caminhos delineiam seus pensamentos e percepções, ampliando esta compreensão e como esta intencionalidade foi constituída. A partir disso, objetivamos conhecer como se desenhou cada visão de mundo, através de uma leitura fenomenológica do conteúdo oferecido pelas colaboradoras, intencionando aproximar-nos mais das experiências trazida por elas.

Merleau-Ponty (1999), em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, aponta que o passado é reconstituído a cada novo presente, e o momento presente, ao reiteradamente reconstitui-lo, confere-lhe uma sensação de esboço inacabável. O olhar que enquadra uma realidade, portanto, sempre será relativo, e compreende a natureza penetrando a existência, entrelaçando-a, do mesmo modo que os comportamentos penetram a natureza, delineando-a em forma de cultura, em um fluxo dinâmico do devir.

No objeto cultural, sob o véu do anonimato, manifesta-se a presença de outrem. Se pego uma colher, ou um abajur, posso captar que foi um objeto concebido por um humano, para funções e necessidades humanas. Se percebo pessoas fazendo uso de utensílios, posso interpretar a conduta deles por analogia com a minha. A minha experiência íntima me oferece referência de sentido e intenção dos gestos percebidos, fato que traz a questão de: como falar de um Eu que não o meu? No caso, a consciência que está no modo Eu precisa passar para o modo Tu. Um objeto no espaço pode se tornar um rastro falante de uma existência, em que uma intenção escapa e se torna visível para além do corpo. Este olhar do Eu no modo Tu se propõe a equalizar o paradoxo de uma consciência vista pelo lado de fora, um pensamento que reside fora, e que por ser a minha percepção de outrem já o faz anônimo e sem sujeito. Coletando um conjunto de objetos, começo a delinear um conjunto de possibilidades existenciais (MERLEAU-PONTY, 1999)

Merleau-Ponty ressalta que devemos conceber as perspectivas existenciais considerando nossa inserção e percepção não mais como constituição do objeto verdadeiro. Há uma inerência em qualquer olhar sobre o mundo. O autor afirma que "precisamos

recuperar nos corpos visíveis, os comportamentos que neles se esboçam, que fazem ali sua aparição, mas que não estão realmente contidos neles” (MERLAU-PONTY, 1999, p. 470).

3 JUSTIFICATIVA

Foi possível constatar que há escassez de pesquisas sobre violência sexual, com o enfoque fenomenológico, sobretudo em relação a mulheres. Há uma lacuna na produção de saberes sobre como estas mulheres se sentem, qual a sua realidade, qual o apoio se faz proeminente na atenção e quais estratégias de enfrentamento precisam ser fortalecidas. Conhecendo intimamente as consequências dessas vivências, as ações poderão ser mais efetivas na atenção e cuidado destas mulheres. A grande quantidade de problemas ainda sem solução quanto ao abuso, como a omissão e a negligência familiar, até o descomprometimento ou falta de treino dos profissionais que estão em contato direto com as vítimas podem ser observados. Cada gota de saber que se agrega ao fenômeno pode contribuir oportunizando estratégias de enfrentamento da temática. O entendimento da dinâmica psíquica reacional, constituído através do relato de pessoas com vivência de violência sexual na infância, e sua análise compreensiva, sob o olhar da fenomenologia, oferece informações importantes sobre como lidar com esta vivência. Além disso, pode trazer esclarecimentos sobre os aspectos do percurso do desenvolvimento de sua relação com o mundo que foram afetados e sobre as estratégias de enfrentamento, podendo oferecer auxílio no futuro com a atuação dos diversos profissionais envolvidos nestes cuidados. Vale ressaltar que cuidar das angústias da vítima de violência se constitui fundamentalmente em ação preventiva, visto que é um fenômeno que tende a se manifestar ciclicamente.

O trabalho de Sant'Anna e Baima (2008) apresenta as repercussões, a longo prazo, em mulheres adultas, vítimas de abuso sexual durante a infância e a adolescência, e os sintomas apresentados na psicoterapia. Além disso, examina aspectos do atendimento, desde o momento do relato do abuso até a condução do tratamento e os seus benefícios. Os resultados apontam para a necessidade de uma compreensão mais profunda sobre a prevenção e a profilaxia.

Houve unanimidade entre os autores sobre os malefícios do abuso sexual para a saúde mental das vítimas, sua adaptação e inserção social. Mais estudos são necessários para conhecer essa realidade: prevalência, incidência, desdobramentos legais e consequências futuras (ADED *et al.*, 2006)

Como o abuso sexual ainda é um problema que ocorre fora do contexto de visibilidade cotidiana conhecida e vivida por grande parte da sociedade, acaba sendo encarado como “problema dos outros” (KRUGMAN & LEVENTHAL, 2005).

4 PRESSUPOSTO

Diante das inquietações frente à proposta de pesquisa, seguindo a fenomenologia como referencial teórico, foram considerados os seguintes pressupostos:

A vivência da violência sexual é um fenômeno o qual gera este “acontecimento” que muda o percurso existencial do indivíduo tirando-o da linha natural do desenvolvimento. Ao se trabalhar com o indivíduo adulto, claro que se preservando a ética do consentimento, será possível apreender sua visão de mundo, compreender o significado construído em cada ato, e como foram as estratégias ao longo do tempo de enfrentamento e de solução do conflito.

Diante do exposto algumas questões podem ser levantadas como:

- Qual a visão de mundo deste indivíduo antes e após a vivência de situação de abuso sexual?
- Qual a resposta deste indivíduo à esta visão?
- Há prejuízos em seu desenvolvimento após a vivência da violência?
- Quais as consequências destes prejuízos?
- Quais as estratégias de enfrentamento estas mulheres têm utilizado?

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Compreender a vivência de mulheres que tenham passado pela situação de abuso sexual na infância e/ou na adolescência e suas resultantes.

5.1 Objetivos Específicos

Compreender a estrutura e dinâmica familiar.

Conhecer as consequências resultantes da vivencia das colaboradoras.

Conhecer as estratégias de enfrentamento.

6 MÉTODO

6.1 Tipo de estudo

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo fenomenológico. Este recurso teórico-metodológico é apropriado para pesquisar o mundo vivido do sujeito com a finalidade de investigar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinada situação, com o intuito de buscar a estrutura essencial ou invariante do fenômeno (ANDRADE & HOLANDA, 2010). Segundo Amatuzzi (2003), o método fenomenológico pretende apreender o que acontece por meio do clareamento do fenômeno, construindo, assim, a compreensão de algo.

Nesta pesquisa, na qual a consideramos a relação dos indivíduos em seus ambientes e suas complexidades, o pesquisador observa, escuta, e faz perguntas só para o entendimento do relato sobre o vivido. Desse modo, na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores (SPINDOLA & SANTOS, 2003).

Esta pesquisa observou o sentido da experiência humana no tempo e no espaço, trabalhando os trajetos pessoais no contexto de suas relações (CHIZZOTTI, 2010).

6.2 Local do estudo

O presente estudo foi desenvolvido no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), junto à Secretaria da Assistência Social da Prefeitura de Ribeirão Preto/SP. O CREAS é uma unidade pública da política de Assistência Social, na qual são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados.

A lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011, dispõe sobre a organização da Assistência Social e determina que:

- Art. 2º - a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente:
- a) a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
 - b) o amparo às crianças e aos adolescentes carentes;
 - c) a promoção da integração ao mercado de trabalho;

- d) a habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;
- e) a garantia de 1 (um) salário-mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família (BRASIL, 2011).

Assim, é, portanto, uma das obrigações do município, ofertar serviços que promovam a orientação, ou a reestruturação de sujeitos, investindo na necessidade de resgate da cidadania e melhorando a condição das famílias que se encontram em situação de risco, com o objetivo de promover tanto a prevenção, quanto de dar encaminhamentos para as situações já deflagradas. O CREAS agrega vários serviços, como o Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI), Abordagem Social e Serviço para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias, e o Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Ele é referência de encaminhamento para os demais serviços públicos existentes no município, como o Ministério Público, Conselho Tutelar, Vara de Família, entre outros, oferecendo informações, orientação jurídica, apoio à família, apoio no acesso à documentação pessoal e estímulo à mobilização comunitária.

O público atendido são as famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, com violação de direitos, como: violência física, psicológica e negligência; violência sexual; afastamento do convívio familiar devido à aplicação de medida de proteção; situação de rua; abandono; trabalho infantil; discriminação por orientação sexual e/ou raça/etnia; descumprimento de condicionalidades do Programa Bolsa Família em decorrência de violação de direitos; cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade por adolescentes, entre outros.

6.3 Participantes

Mulheres vítimas de abuso sexual na infância e/ou na adolescência que estavam em acompanhamento no CREAS 1 de Ribeirão Preto/SP.

Critérios de inclusão:

- Ter idade maior ou igual a 18 anos.

6.4 Procedimentos de coleta de dados

Foi realizado contato prévio com CREAS 1 através da psicóloga, técnica do local, informando sobre a proposta da pesquisa, e houve acolhida desta instituição para indicar possíveis participantes. A indicação se deu através dos técnicos deste serviço, que contataram as colaboradoras, agendando horário. O primeiro momento foi de esclarecimento sobre a pesquisa, leitura e assinatura do TCLE (Termo Consentido Livre e Esclarecido).

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista aberta com a seguinte questão disparadora: Conte-me sobre a sua vida. A palavra é a forma destas silenciosas vítimas dialogarem sem exposição, promovendo o conhecimento de suas experiências. A proposta é, além de captar todo o contexto, abordar com profundidade a parte única, individual, trazendo à tona significados subjetivos do evento vivido no passado, reconhecendo a unidade na diversidade (MINAYO, 2010)

As entrevistas foram realizadas em uma sala do CREAS pela psicóloga pesquisadora responsável pelo projeto. Estas foram gravadas e tiveram duração aproximada de 60 minutos em cada encontro. Não foi prevista limitação de tempo dos encontros por se tratar da subjetividade do indivíduo. Conforme as colaboradoras se mostraram mais à vontade com a pesquisadora, foram realizadas questões mais diretivas, pertinentes para compreensão e reflexão do fenômeno, sempre adequando “atitude diretiva para informações gerais e escuta atenta, mas não passiva para aprofundamento” (MINAYO, 2010, p.159).

A continuidade da narrativa se deu com as transcrições e consequentes reflexões, transferindo questionamentos para o participante, percorrendo sempre um caminho ético respeitoso e sutil, em consideração ao mesmo.

Minayo (2010) destaca que as narrativas constituídas por quaisquer pessoas, antes de serem uma verdade sobre os fatos vividos, são principalmente a versão possível atribuída, ou resgatada, por aquele que a vivenciou. No caso das vítimas de abuso, é a oportunidade da palavra dita transformar-se em documento e na decorrente possibilidade de ampliar a compreensão do fenômeno.

Entre os vários recortes teóricos que poderiam ser utilizados, interessam-nos os aspectos das vivências das vítimas de abuso sexual e suas histórias psicológicas, como compuseram suas trajetórias e modo de vida antes e após a vivência. Isto é: descobrir como essa pessoa viveu, como interpreta o vivido e como constrói significados. Os questionamentos delineiam uma abertura para a instrumentação metodológica. Questões como: “o que acontece com a experiência, quando ela vai se tornando memória?” e “o que acontece com as

experiências, quando vão se tornando história?” são importantes no trabalho (MINAYO, 2010).

6.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados primeiramente com leitura exaustiva das transcrições, articulando as informações recebidas, e foi proposto um agrupamento delas por afinidade de conteúdo. Em seguida, as entrevistas foram separadas por temas emergentes e citações relevantes, que foram compondo o mosaico do fenômeno, tentando observar possíveis conexões entre os temas. Essa organização resultou em uma ordenação dos temas. Embora houvesse inegável conhecimento da literatura, este não esteve a serviço de estruturar o olhar, contudo ofereceu referências para a constituição do fenômeno. A análise teve como propósito observar os temas emergentes dos dados ao invés de tentar ajustá-los a um ponto de vista teórico preexistente (SMITH, 2004). Posteriormente, consideramos o contexto no qual as colaboradoras estavam inseridas, suas vivências históricas, psicológicas e sociais, buscando a apreensão de uma lógica interna que trouxesse sentido ao vivido e que, embora fosse construída a partir do presente, fizesse-se fundamentada no passado, tentando captar o sentido dirigido ao futuro, considerando-se a questão do fluxo da temporalidade existencial de cada colaboradora, constituindo, assim, a redução fenomenológica do vivido, ensejando uma totalidade.

A redução fenomenológica nada mais é do que a volta às coisas mesmas, a retomada do mundo da vida, como ele se dá antes de qualquer alteração produzida por preconceito, sistemas filosóficos ou teorias científicas. É retornar à experiência vivida e fazer sobre ela uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento ou ao modo como ele se constituiu no momento do existir. O objetivo é captar o sentido ou o significado da vivência da pessoa em determinadas situações (FORGUIERI, 1993).

Na psicologia não há a intenção de se “chegar a um esclarecimento filosófico-fenomenológico da estrutura transcendental do ser humano enquanto ser-no-mundo, mas sim empreender uma análise existencial ou empírico-fenomenológica de formas concretas da existência “ (FORGUIERI, 1993, p. 59).

A proposta de redução fenomenológica oferecida por Husserl vem de uma crítica a respeito do método que as ciências naturais usam para observar o vivido. O estudioso indica que deveria se deixar o como, explicativo, em relação aos fenômenos naturais, e tornar-se

"objeto de compreensão, uma vez que o vivido, enquanto experiência de doação de sentido" (GEMINO, 2015, p. 110) faz parte de um fluxo, o fluxo da consciência.

A redução fenomenológica, a *epoché*, é, portanto,

por "entre parênteses" (suspender) a tese realista própria do senso comum que afirma a existência das coisas independentemente da consciência. Ela consiste na suspensão da atitude natural (realismo ingênuo). É a redução da coisa ao seu aparecer, ao fenômeno. Recua-se assim ao plano das cogitationes, daquilo que é passado nas minhas vivências (GEMINO, 2015, p. 112).

O método fenomenológico e a entrevista como subsídios teóricos e metodológicos para a compreensão do abuso sexual e encaminhamento de um problema social, psicológico e de saúde pública, coloca-se diante de uma realidade que se constitui e se modifica através da comunicação (KRISTENSEN, 2001). Assim, é por um esforço mental que se chega à essência, ao ser fundamental, utilizando-se de fenômenos tais como percepção, sensação, imagem, consciência e fato psíquico. A análise conduz a intuição da essência. Assim, ela não pode ser exercida de qualquer maneira. Sabe-se, no entanto, que se encontrou a essência quando não se pode retirar mais nada do observado, a ponto de, se retirado, ele se desqualifica como coisa, é um ponto invariante (DARTIGUES, 2008).

6.6 Aspectos éticos

A realização do presente estudo seguiu os aspectos éticos preconizados para pesquisa com seres humanos, segundo a Resolução 466/12 (BRASIL, 2012b), e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

Foi informado aos participantes o objetivo da pesquisa e foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a gravação, com posterior utilização das informações, mediante garantia de sigilo e não sofrimento de riscos, lesões, ou danos de qualquer espécie.

Com o objetivo de garantir o anonimato dos relatos, identificamos os sujeitos por nomes fictícios na apresentação dos resultados.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados deste estudo são oriundos de duas usuárias do serviço do CREAS 1, vítimas de abuso sexual na infância, que se dispuseram a colaborar, e foram viabilizados com o apoio dos técnicos do serviço.

Em razão do enquadramento inerente ao trabalho, este precisa se expressar através da linguagem escrita, o que por si é uma redução do que a totalidade da experiência do encontro oferece, sendo impossível retratar as impressões que a presença traz como: nuances do tom, das expressões, do uso do tempo, do fôlego que toma antes de se colocar, do choro, da alegria, do brilho nos olhos, da tonalidade única que cada pessoa possui e que, quando há abertura para disponibilizar-se para o encontro, é possível captar e impossível retratar em palavras. Contudo, para que seja possível uma aproximação das colaboradoras, será apresentado um breve relato de cada uma, mostrando sua conjuntura, na sequência. Com objetivo de preservar a identidade das colaboradoras, todos os nomes foram substituídos.

Vitória tem 24 anos e comparece ao serviço acompanhada de seus dois filhos: uma menina de 5 anos, e um menino de 3. Seus filhos são fruto de uma união com um sujeito que está preso.

Sua filha aparenta ser muito esperta, dinâmica e com iniciativas, e o filho demonstra instabilidade afetiva, é bastante inquieto, possui dificuldades de tolerar frustrações mínimas e consequentemente de absorver as regras. Ambos são expansivos, sendo que a mais velha se comunica com muita facilidade. Os dois se mostram relativamente ansiosos.

Atualmente, Vitória reside na casa da família, onde os abusos aconteciam, contudo, seus pais não mais residem lá, tendo se mudado para um sítio de um tio paterno. Com ela e suas crianças também habitam seus irmãos solteiros, sendo que, no período das entrevistas, um deles foi preso. Os outros dois estão desempregados, somente vivendo de “bicos”. Sua única irmã, a mais velha, mora em São Paulo com o companheiro. No momento, a irmã está impossibilitada de trabalhar, assim como de engravidar, em razão de um quadro de obesidade mórbida. Essa irmã, segundo Vitória, foi a primeira vítima de seu pai, tendo havido ainda outro irmão que a confirmou, após a denúncia realizada por Vitória na delegacia, a qual se deu em razão da declaração de sua filha Rita ter sido abusada pelo mesmo, ou seja, o avô da criança – os abusos, portanto, caminharam para a 3º geração da família.

Vitória, ao longo do trabalho, demonstra, com bastante vigor, um grande sentimento de indignação quanto à conduta abusiva do pai, a ponto não o reconhecer-lo como tal e quanto

à negação das ocorrências, pela mãe, e ao silêncio da família em torno do vivido. Além disso, revolta-se com a alegação materna de que ela estaria inventando o fato que gerou a denúncia.

Meus irmãos... todo mundo **ali, todo mundo sabe** (fala enfática) o que aconteceu (fala sorrindo). Então, tipo assim, **é uma coisa de desde...** do que? **Do primeiro filho, da minha irmã, que tudo vem de lá. Tudo aconteceu.** Então, tipo assim, como a... **a Rita inventar, não tem como eu inventar**, entendeu? – Vitória

Então, tipo assim, não tem (sorri), não tem como eu, tipo assim.... Eu não sei se, é... Não tem como eu.. **Às vezes, eu quero passar a mão na cabeça da minha mãe e deixar pra lá... E às vezes, eu não sei se eu julgo a minha mãe,** e (sorri)... E tipo, **fica aquela confusão.** Entendeu (resmungando)... **Muito confuso** – Vitória

Nessas falas, Vitória deixa claro as dificuldades existenciais que tem, pois deseja muito o amor e reconhecimento da mãe, mas o caminho simplista, para concordar com ela seria o de negar a si mesma.

Vitória nasceu em Santa Catarina, onde morava a família em uma casa cedida pela família materna.

Eu nasci no Espírito Santo, Santa Catarina. É... Eu morava numa casinha na (rua) Espírito Santo, era tipo um barraco né! Não sei acho que foi meus vô, a mãe, o pai da minha mãe, pra gente pôde tá morando lá. E a gente morava lá. A gente é em cinco. Cinco filho né! Minha mãe teve a gente muito nova né! 16 anos! Eu sou a mais nova – Vitória

Até onde consegue lembrar, os abusos começaram por volta dos 8 anos de idade, e ela tem lembrança bem marcada do vivido. Nessa época, a família já residia na cidade. O ocorrido se deu na ausência da mãe:

Quando, quando... ela pagava água, só quando ela ia paga a água! - Vitória.

O retrato da família é de uma condição social e cultural bastante restrita. Além da condição econômica difícil, em razão do desemprego de muitos membros, ainda se observa uma tendência às expressões de seus membros se dar através da violência, ou ir ao encontro dela. No caso de Vitória, seu ex-marido e um irmão estão presos. Outro de seus irmãos que com ela reside comete violências físicas com seus filhos pequenos. Na saída de um encontro, sem que houvesse, portanto, um áudio (crê-se intencionalmente), ela verbalizou ter medo, em razão disso, de perder a guarda das crianças, mas mostrou o vídeo que fez da situação.

Vitória se mostra bastante disponível para colaborar com a pesquisa. No entanto, alguns aspectos dificultaram um pouco o processo. Sua fala é relativamente rápida com dicção não muito clara, o tom ansioso e acelerado faz com que deixe de falar, por vezes, algumas palavras, emendando um pensamento no outro, induzindo a crença de que está falando ainda da mesma coisa e não está, ou o oposto, está falando daquilo. Sua abordagem é peculiar, de tal modo que não é possível atinar o que intenciona dizer. Vitória, inclusive, cria palavras, junta uma com um pedaço de outra (talvez seja como as escuta, não no ouvido, mas na mente), e, por vezes, só é possível compreendê-la pelo sentido. Estas questões atrasam a compreensão da narrativa, tendo sido necessárias confirmações durante a fala, deixando-a sem fluxo. Deduz-se que Vitória possui uma certa limitação em sua capacidade de compreensão e expressão, ou alexitimia, sendo necessário um tempo para se apropriar de sua linguagem.

(Ela é) a mais nova de todas! tenho duas irmã... três irmão e duas meninas – Vitória.

Ela disse ter duas irmãs, contudo só tem uma irmã. Entende-se que ela quis dizer que são em cinco irmãos no total: duas mulheres e três homens, e que ela é a mais nova de todos os irmãos.

Só que eu era mais novinha, eu morava lá **eu tinha três ano, eu tenho um irmão mais novo também, de quatro**, os outro tava tudo mais grande, minha irmã é a mais velha, só que aí a mesma vida que meu pai tinha aqui, ele tinha lá do **mesmo jeito**! Então minha mãe vivia **daquele jeito** é... – Vitória.

Nessa fala há uma confusão similar: "eu tinha 3, o irmão mais novo tem 4" .

Estas são as primeiras falas de Vitória, a qual fala com pureza, como se seu interlocutor já pudesse compreendê-la, ou seja, saber qual é a vida e o jeito que ele (pai) e ela (mãe) viviam. Por vezes, ela começa falando do cunhado e termina falando do pai, sem que fizesse algum comentário para situar o ouvinte, demonstrando claras dificuldades cognitivas, que não se pode precisar como foram estabelecidas. No entanto, é possível organizar a compreensão, quando se consegue captar o fio afetivo que a conduz, e estabeleceu-se uma dinâmica de persistentes confirmações, para garantir a compreensão. Depois de um tempo, foi possível apropriar-se de seu funcionamento existencial.

Com o tempo pode-se perceber que, por sua fala ser assim, Vitória se revela ao mundo sem muita consciência, pois seus conteúdos latentes lhe escapam como que

emendados nos conteúdos explícitos. É curioso que, o que ela parece não ver, está ali, sem se ocultar, mostrando os olhos de soslaio, como uma brincadeira de criança pequena que se esconde deixando aparente pedaços do corpo, parece que à espera de ser revelado.

Durante o trabalho, sente, sofre, chora, fala brava com os fatos lembrados, demonstra afetos integrados com todos os seus dizeres. É dramática, aparentemente, por sua natureza intensa, e sugere sentir necessidade de ser didática, em razão de garantir que seja compreendida, não indicando que esteja interpretando, exceto que seu próprio papel. Se entrega à proposta inteiramente. Quando se despede dos encontros, abraça forte, como em gratidão pelo reconhecimento e clamando por ajuda.

Esta frase de Vitória, que é expressa entre muita emoção, simboliza o retrato de seus sentimentos com relação ao vivido:

Eu dormia.... Sabe como eu dormia?... Bem no cantinho da cama (choro). Bem... encolhida (choro). De medo (choro sentido). Toda noite... me encolhia assim, bem encolhidinha assim, parecia um ratinho (choro). Bem encolhida (choro), de medo. Toda vez que eu dormia eu dormia assim (choro) – Vitória.

Eu esqueço. Aí eu estico, sabe... Eu ainda, ah, hoje em dia ainda... é... eu durmo encolhida – Vitória.

Com o propósito de caracterizar e facilitar a compreensão da estrutura e dinâmica familiar, são apresentados, na Figura 1, o genograma da colaboradora, a fim de propiciar melhor entendimento do leitor.

Figura 1: Genograma 1. Estrutura familiar da colaboradora Vitória.

Fonte: a autora

Doravante, apresentamos as circunstâncias da colaboradora Glória. Ela tem 36 anos e demonstra cuidados em relação à aparência. Na primeira entrevista, ela veio acompanhada do atual companheiro, um rapaz com aparência “descolada”. Sobre ele soubemos pela própria colaboradora que possui problemas com álcool.

Já Glória se mostra discreta, reservada, calma, paciente, e com fala espaçada. Seu tom é sempre o mesmo, monótono, sem marcação de intensidade afetiva, a qual, por vezes, escapa através das palavras e do olhar. Tais características demonstram um controle de si, ou certa

dissociação afetiva, não sugerindo dissimulação. Seu olhar é vivo, atento, observador, diferente de sua fala. Faz silêncios e tende a responder o que é perguntada, sem expandir muito o assunto. Possui um bom vocabulário, considerando que ela só concluiu a primeira série do primeiro grau. Fala de maneira consistente com seu jeito de encarar sua vida e parece ir se firmando para manter a jornada, sem parar, sem olhar para trás.

Minha mãe separou do meu pai, eu tinha 3 anos... A gente morava no Paraná. Daí viemos pra cá. Eu tinha 3 anos. Meu, meu pai ficou por lá. Daí, chegando aqui em Ribeirão, ela conheceu... um sujeito, amigou com ele... Daí a gente, é... minha mãe tinha eu... e minha outra irmã – Glória.

Glória nunca mais viu ou teve notícias do pai. Não fala dele, não gosta de relembrar para o passado, principalmente o período abusivo, o que sugere que esta seja sua estratégia de suportabilidade de suas dores.

É, esquecer o passado, né. A gente tem que esquecer as coisas ruins que passou. Daí, eu já mudo de pensamento. Já paro de pensar. Bola pra frente (risos) – Glória.

No relato a seguir, Glória faz a síntese de como se iniciaram os abusos e qual era a representação dele para ela, demonstrando, portanto, através das palavras que escolhe, o seu sutil, mas intrínseco, sentimento de raiva. Seu tom é calmo e narrativo:

Eu sou a mais velha. **Eu tinha três**, e a outra tinha... um pra dois. Quase dois anos (fala em tom baixo). Daí a **minha mãe amigou com esse sujeito... E a gente foi crescendo... tendo a figura de pai, né, desse sujeito... Figura de pai... né**. Daí a gente foi crescendo. Ele **começou a abusar de mim primeiro, depois... da minha irmã também** – Glória.

Sobre a ideia do início dos abusos, a colaboradora afirma:

"Sete pra oito... nove, por aí já começou. Eu estudava. Nessa época eu estudava. **Parei de estudar**. Glória.

Não ter estudado denota ser um importante ressentimento de Glória com relação ao período.

A oportunidade se dava com a ausência da mãe, para o trabalho e sustento da casa:

Daí, nesse tempo, **ele já abusava de mim**. Ele trabalhava por conta, né. Então, eu ficava a maioria do tempo em casa. Minha mãe trabalhava de...

faxina. Faxina aqui, faxina ali. [...] Nisso, tava construindo a casa que a gente morava, **então ele ficava trabalhando em casa...** [...] **A minha mãe sempre trabalhava pra fora, né. A gente ficava sozinha. Eu e minha irmã - Glória.**

Esta situação abusiva perdurou em segredo até a gravidez de Glória, aos 14 anos. Neste momento sua mãe entendeu que o correto era ele assumir a criança e a relação. Nessa situação, a mãe deixou de viver com ele maritalmente, ficando na casa por um tempo apenas para ajudar cuidar do recém-nascido. Depois, ela se muda com a filha caçula, de 5 anos, proveniente de sua relação com ele, deixando Glória e seu bebê, bem como sua outra filha de 12 anos na residência.

Glória viveu com o ex-marido de sua mãe, como esposa, desde que engravidou, aos 14 anos, até os 33 anos, tendo com ele mais dois filhos: o mais velho está hoje com 21, outro tem 11 e a caçula é uma menina de 6 anos. Depois do nascimento da filha é que ela consegue sair “fugida”, como ela mesmo diz. O relato a seguir demonstra como foi esta relação para seus filhos: e outro menino de 11 e uma menina de 6 anos, quando consegue sair “meio fugida” como ela diz. Ela relata como foi para seus três filhos esta relação:

[...] e as crianças minhas, foram crescendo, vendo o pai viver com a mãe e com a tia ao mesmo tempo [...] – Glória.

Quanto aos sentimentos do filho mais velho em relação ao pai, ela afirma:

É, ele é revoltado, né. **Ele é revoltado com o pai dele. Ele não quer nem ver. Nem considera pai,** sabe? Ele fala... **quando ele vai se referir...** a ele, ele não fala, **não fala pai. Ele fala pai do [...], pai da [...]** (risos). Ele não fala pai (fala enfática/ sorri) ... sabe? Ele não considera – Glória.

Glória se mostra bastante resiliente e afirmativa em seus propósitos, paradoxalmente à sua extrema passividade apresentada nos seus primeiros 33 anos de vida. Destes ela passou 26 “refém da situação abusiva”, a qual justifica sua inserção neste trabalho. Ela mostra-se também com uma afetividade equilibrada, é observadora, perspicaz, tem facilidade para aprender, volta-se para a sua luta acreditando nas possibilidades de conquistas, é otimista e bastante amorosa e, dentro dos parâmetros que tem de cuidado, atualmente tem como ofício ser cuidadora.

No contexto da primeira entrevista ela e o companheiro ainda não estavam morando juntos. Em seguida, passaram a coabitar na casa em que Glória montou com o esforço de seu trabalho, desde que fugiu do seu abusador. O movimento de libertação foi realizado com a

ajuda de sua mãe, que arrumou uma casa para que ficasse, onde só havia um colchão, no qual dormia com seus dois filhos mais novos. O filho mais velho de 21 anos já tem sua independência.

Para facilitar a compreensão da intricada estrutura familiar de Glória foram realizados dois genogramas, um de sua primeira fase de vida, até os 14 anos, e outro posterior a esse momento, até a atualidade.

Figura 2: Genograma 2 da colaboradora Glória. Inserção inicial da estrutura familiar de Glória.

Fonte: a autora

Como a história de Glória é complexa, foram realizados dois genogramas para ilustrar os desdobramentos primordiais para a compreensão de sua trajetória. O da Figura 2 demonstra a composição familiar inicial: sua mãe teve um primeiro casamento gerando duas filhas. Posteriormente, uniu-se ao padrasto, levando suas filhas desta primeira união: Glória, a mais velha (a qual tinha 3 anos, à época), outra menina de um ano e, por fim, mais uma filha, oriunda da relação com o padrasto.

Figura 3: Desdobramento da estrutura familiar de Glória

Fonte: a autora

O genograma da Figura 3 apresenta a situação posterior aos 14 anos de Glória, quando esta ficou grávida do padrasto e passou a viver maritalmente com ele. Nessa ocasião, também a mãe saiu de casa levando apenas a filha fruto da relação com este homem, deixando as duas do primeiro casamento, com entendo 14 e 12 anos. Nessa situação, Glória teve três filhos com o ex-padrasto e sua irmã uma filha. Todos residiam na mesma casa. O primeiro filho de Glória trabalha, é independente e mora com a namorada. Sua irmã, que se manteve exatamente na mesma situação abusiva que Glória, também teve um filha com o padrasto, da mesma idade de seu filho do meio – segundo filho de Glória. Ela também se libertou um pouco depois que Glória fugiu, há aproximadamente 3 anos. A título de demonstrar a dinâmica simbiótica da família, o atual namorado de Glória foi namorado de sua irmã já neste período pós “fuga”. A irmã caçula, que é filha legítima do padrasto, já havia casado e morava com a sogra quando tinha 15 anos. Hoje ela já possui dois filhos de idade próxima aos dois menores de Glória (11 e 6 anos, respectivamente) e está grávida.

As informações oferecidas pelas colaboradoras foram depreendidas em uma primeira parte da entrevista em que se propôs estabelecer e compreender a estrutura e dinâmica das famílias para o entendimento do contexto de vivência. Posteriormente, foram definidas duas categorias de compreensão fenomenológica das falas: 1) Vivências e suas Consequências e 2) Enfrentamento do vivido.

As consequências das vivências apreendidas como resultado deste trabalho foram: sentimento de opressão, sentimento de impotência, sentimento de culpa, vergonha, desamparo, ansiedade e medo, depressão, dificuldades na individuação, confusão, dificuldade em desenvolver confiabilidade, indignação/necessidade de confirmação da verdade, dificuldade na alimentação, gravidez e doença sexualmente transmissível (DST). Além disso, como resultado da negligência, há também o fato de abandono de estudo.

As formas alcançadas de enfrentamento das vivências foram: negação do vivido, tentativa ou desejo de suicídio, fé e resignação, fuga, trabalho/educação e ação protetiva/negligência.

7.1 Estrutura e dinâmica familiar

O quadro abaixo (Figura 4) apresenta os contornos que molduram os dois casos – de Vitória e de Glória. A idade do início dos abusos foi a mesma na vida das duas colaboradoras: aos 8 anos, e os abusos eram de natureza intrafamiliar. A colaboradora Vitória, que tem 24

anos, teve o pai como abusador; a violência em Glória, que hoje está com 36 anos, foi causada pelo padrasto. Vitória não completou o primeiro grau e Glória apenas o iniciou.

De acordo com estudos os tipos de abuso que parecem ser mais prejudiciais são vivências envolvendo figuras paternas, contato genital e força (BROWNE & FINKELHOR, 1986).

Figura 4: Quadro 1- Identificação

Colaboradora	Vitória	Glória
Idade	24 anos	36 anos
Escolaridade	7º- série Primeiro grau	1º- série Primeiro grau
<i>Status</i> de relacionamento	Solteira	Solteira (namorando)
Filhos	2	3
Idade do início do abuso e duração	Memória a partir de 8 anos (supõe que possa ter iniciado antes) Dur.: +- 3 anos (impreciso)	7/8 anos Duração: 26 anos
Idade do agressor/ diferença	52 anos /28 anos mais velho	66 anos /30 anos mais velho
Vínculo com agressor	Pai	Padrasto
Idade e pessoa da primeira revelação	13 anos / Tia	14 anos / gravidez

Fonte: a autora

A Figura 4 mostra o cenário de vivência das colaboradoras e a dificuldade em pedir ajuda, pois, como visto, Vitória só relata a violência aos 13 anos e Glória deixa a gravidez falar por ela. O fato de os violadores, nos casos, serem em torno de 30 anos mais velhos, revela a relação entre essa diferença e a expressão de desigualdade entre gêneros e entre gerações. Estando eles ainda em relação de responsabilidade, confiança e poder, em razão da inerência da condição paterna, isso parece inviabilizar a possibilidade de pedido de ajuda por parte das vítimas.

O estudo de Habigzang e Caminha (2004) demonstra que a grande maioria dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes acontece dentro da casa da vítima, sendo incestuoso, tendo como principais perpetradores o pai e o padrasto. A prevalência de abusos de dá em meninas com idade de 05 a 08 anos (49,02%). Os autores ainda demonstram que a proporção

da ocorrência dos abusos antes dos 18 anos é de uma em cada quatro meninas em relação aos meninos, um em cada oito. Destes, 80% dos casos são intrafamiliares.

Kaplan e Sadock (1990) certificam que 50% dos abusos são cometidos por membros da família e, geralmente, estes são homens. Cohen (1997) aponta que os parentescos de maior índices nos abusos intrafamiliares – descobertos por meio de estudo realizado no Instituto Médico Legal da cidade de São Paulo, em uma amostra de quatrocentos e quarenta e oito pessoas – são, em primeiro lugar, o pai, com 41,60% dos casos e, em segundo, o padrasto, com 20,99%. Somados, os abusos advindos de pais e padrastos somam 62,59%. Braum (2002), encontra resultados semelhantes em seu trabalho. Assim, quanto aos agressores, o autor revela que: pai está em primeiro lugar (40%), seguido por padrasto com (28%). Nessa pesquisa, pai e padrasto juntos somam 68% dos casos. Amazarray & Koller (1998) confirmam que a característica incestuosa mais comum é aquela que envolve a vítima, o pai, ou o padrasto.

É possível observar o poder corrosivo do incesto, como afirmam Habigzang e Caminha (2004). Sua perversão maior está em não ser possível escapar da dor, pois o próprio lar é o seu algoz. Assim, não há conforto, ou segurança, nem mesmo em sua própria cama. Resta à vítima a imposição de aprender a conviver com o incesto e administrar o impacto dele na totalidade do seu mundo. A ameaça sempre está presente, abusando ou não, deflagrando uma situação de estresse contínuo para a vítima. O incesto representa fatores de risco ainda mais altos do que outras experiências abusivas, pois o abuso sexual acontece de modo contínuo (STROEBEL *et al.*, 2012).

A oportunidade de abuso, em ambos os casos do nosso estudo, foi dada pela ausência circunstancial da mãe – a de Vitória (4) ao ir pagar contas e a de Glória (5) ao ir trabalhar. Um estudo realizado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2012a) aponta que o abuso sexual é o segundo maior tipo de violência contra crianças. Ainda, os dados de maus-tratos infantis mostram que, deles, 36% são causados por negligência e 35% por abuso sexual.

Dados de um trabalho recente que objetivou perfilar o abuso sexual em crianças e adolescentes no Brasil apontam para a maior incidência de o abuso sexual infanto-juvenil ocorrer quando da ausência da mãe, sendo esta, na maioria dos casos, para trabalho. Os dados mostram ainda que 86,1% dos agressores tratam-se de pessoa conhecida da família e que o local da agressão é, na maioria dos casos, o ambiente familiar (46,7%) (SOARES *et al.*, 2016)

Na Islândia, um estudo feito por Sigurdardottir *et al.* (2016) com sobreviventes de CSA, que consistiu na aplicação do Programa de Bem-estar, já mencionado, tornou aptas mulheres que estavam recebendo benefício do governo, em razão de estarem, até então, em

condição de incapacidade para o trabalho ou estudo. O investimento no programa certamente a médio e longo prazo se faz menor do que o auxílio invalidez para toda a vida. Os benefícios do programa são, além de a garantia da qualidade de vida destas mulheres, a melhora de todo seu entorno e a da qualidade de vida social. Este tipo de trabalho traria muitos benefícios às famílias em questão, atuando na prevenção de futuras ações abusivas e violentas, considerando-se que todos os seus membros, de algum modo, estiveram expostos a pelo menos um dos quatro tipos de violência (física, psicológica, negligência, ou sexual). O trabalho profilático e diminui custos de reparação/contenção de atos violentos deflagrados, visto que membros de uma família estão presos.

Foi construído um Ecomapa (Figuras 5 e 6) para cada uma das colaboradoras objetivando demonstrar a inserção destas na rede de apoio.

Figura 5: Ecomapa 1 representando as relações sociais e institucionais de Vitória

Legenda:

/ sem conexão significativa

↓ conexão fraca

↓ conexão forte ↑ conexão de mão dupla

Fonte: a autora

O Ecomapa (Figura 5) desenha uma situação frágil de inserção social de Vitória em uma rede de apoio, demonstrando poucos recursos estabelecidos para a ajuda em relação à superação de sua condição atual. Sua conexão mais significativa tem sido a fé, seguida da necessidade de justiça, que a levou à denúncia (delegacia - judiciário) a qual desencadeou a atenção da rede através dos serviços de apoio: Serviço de Atenção à Violência Doméstica e Agressão Sexual do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – SEAVIDAS (para atendimento da sua filha) e CREAS. Em razão das entrevistas da pesquisa, foi sugerido o encaminhamento de Vitória ao Centro de Atenção Psicossocial – CAPS para dar início ao acompanhamento psiquiátrico, para o qual foi necessária persistência para que fosse efetivado junto ao Centro. Estas considerações levam à percepção da estrutura do apoio aos inseridos na rede.

Figura 6: Ecomapa 2 – representa as relações sociais, econômicas e culturais de Glória

Legenda:

/ sem conexão significativa

↓ conexão fraca

↓ conexão forte ↔ conexão de mão dupla

Fonte: a autora

O Ecomapa (Figura 6) representa a relação de Glória com a rede de atenção. Ela se estabeleceu através da escola de seus filhos, que denunciou ao Conselho Tutelar negligência, pois sua filha estava com piolhos, gerando feridas na cabeça, sem adesão adequada ao tratamento, resultando em uma internação, o que levou a retirada da guarda de sua filha de 6 anos, a qual ficou com sua irmã caçula para que não fosse abrigada. Tal fato levou a irmã a contar sobre o abuso de Glória, o que desencadeou em um boletim de ocorrência registrado na delegacia. Devido a esse fato, foram geradas gradativamente inserções de instituições na rede da vítima, como o CREAS, o SEAVIDAS e o Judiciário. A instância na qual Glória

claramente demanda mais investimento é o trabalho, assim como, em capacitações, visando a compensar sua falta de estudo. No momento ela exerce um trabalho temporário como cuidadora. Por fim, ela conta com sua fé para suportar o vivido e atualmente possui sua família como rede de apoio.

O silêncio:

Eu não... A gente não... Não **conversei muito com ela sobre isso não.**"
(Com a mãe, sobre o abuso)" - Glória.

É. Não é muito de conversar (sobre a mãe) – Glória.

Não, e eu nem tive coragem de conversar com ela (tia) também não – Vitória.

Contemplados os aspectos da estrutura familiar, passamos a os aspectos da dinâmica da família incestogênica que se destacaram, ajudando a elucidar o cenário dos abusos. Sua dinâmica é conflitiva e dificulta o desenvolvimento de seus membros, tendo como principais características a erotização dos afetos, estabelecendo-se uma comunicação velada, em que se instala um “complô de silêncio” (AZEVEDO & GUERRA, 2001) por meio do qual os membros ou não se permitem falar ou não se permitem ver a realidade.

A autoridade paterna se dá de maneira implícita e sem questionamento, como continuidade do contrato tácito, mantendo a mulher e as crianças como objeto sexual do poder masculino, não promovendo clareza nos contornos intergeracionais. Além disso, a autoridade se mantém aparentemente coesa, mas na realidade é desunida e reunida pelo abuso. O “segredo persiste de geração em geração” (BRAUN, 2002, p. 44-45). Tal fato pode ser visto nos relatos abaixo:

Aí veio à tona de todo mundo contar o que aconteceu (no passado) né – Vitória, depois da denúncia do abuso de sua filha pelo avô.

Isso que veio à tona foi **descobrimo** – Vitória.

Quando se instala uma dinâmica familiar em que se tem um segredo, não se conversa sobre o que se vê e as situações vão só se passando no âmbito da percepção, ficando a critério de cada membro elaborar individualmente o vivido.

Quando a mãe de Glória saía para trabalhar, sobre a irmã caçula, ela afirma:

Ela **percebia**. Era pequenininha. [...] foi crescendo... – Glória.

Posteriormente, foi reproduzida a mesma dinâmica com seus filhos:

É (fala em tom baixo)... E as **crianças também** (se refere a **perceberem**)...
Meus filhos com ele.... Foi crescendo – Glória.

O fechamento da família controla seus membros, colocando-os a se relacionar somente entre si como estratégia de manutenção do segredo e, quando este escapa, as pessoas não querem se envolver:

Parentes é! Minha mãe nunca deixou eu ter amiga não... – Vitória

Minha mãe não deixava por causa dele...minha mãe nunca deixô... – Vitória.

Toda estrutura familiar se insere em um contexto social maior, que dá o tom normatizador, costurando as suas construções, reforçando posicionamentos arraigados ou viabilizando sua reestruturação através de políticas sociais, ou de saúde, agregadoras.

Para que o ciclo abusivo tenha fim são necessários dois movimentos: "a criança vítima precisa romper o silêncio, alguém precisa escutá-la" (SANTOS & DELL'AGLIO, 2010, p. 331).

De mim ela (a tia) até sabe, **mas prefere não se aproximar**, sabe! – Vitória.

Nos casos em tela, confirmando a literatura, o silêncio estava presente como condição intrínseca para a perpetuação do sistema abusivo. A comunicação é o que nos fortalece, é o que permite funcionamento em rede. Azevedo & Guerra (1998) apontam justamente para o fato de que nas famílias incestogênicas a comunicação não é aberta, e os membros se recusam a enxergar a realidade. Esta é uma situação cômoda para o agressor a qual, agregada à dissimulação, constrói uma imagem social de boa família para manter preservado o segredo, gerando profunda sensação de impotência na vítima (BRAUN, 2002).

Foi possível observar que as duas famílias das vítimas em estudo possuíam uma dinâmica reservada, e dissimulada, mantendo uma imagem para a comunidade de família centrada, sem problemas, a fim de manter o segredo protegido e viabilizar dúvidas, caso seja descoberto.

Meu pai sempre deixava o homem e a mulher dele dá a aula de Testemunha de Jeová, que era um livrinho colorido com tudo, com uns negocinho e ele dava aquela aula de Testemunha de Jeová, então tipo assim... **eu cresci**

sabendo que o mundo era lindo (irônica), bonito, que não tinha nada disso, que não sei que lá entendeu...então como eu posso explica...é... (silêncio) eu num sabia... – Vitória.

No momento abaixo Vitória inflama-se, pois suas lembranças aparecem muito vivas e presentes. Ela tende, nestes momentos de relato, a apresentar muita raiva e indignação.

[...] o mais ruim foi ter sempre **se obrigada a abraçar**, e tipo assim, **a disfarçar na frente dos outros... dos parentes** (se exalta), entendeu? **Mas dentro de casa não precisava disso**, né. [...] **chamar de pai, lá não precisava**, né – Vitória.

Vitória relata a impossibilidade de levar amigos em casa, inclusive quando haviam trabalhos escolares. Demonstra também que sua palavra não tem escuta e revela a dissimulação familiar social.

Mais era sempre...sempre foi assim...nunca vinha ninguém em casa...sempre... – Vitória.

[...] sempre na casa das amiga...**minha mãe nunca gostava que eu trazia as coleguinha** da escola em casa **por causa dele** – Vitória.

Não ia em casa...**em casa não**...não via não...meninos não...**era só nós** **memo** – Vitória.

Glória, ao ser perguntada se sentia sua vida controlada:

Isso. Isso (silêncio prolongado) – Glória.

Ixi... várias coisas, várias situações. Parente, quando ia em casa, a gente não tinha liberdade... de ficar na mesma sala conversando. Tinha que procurar alguma coisa pra fazer **em outro lugar pra não ficar perto** (resmungo) – Glória.

O segredo dentro destas famílias funciona como um aprisionamento, distorcendo a experiência de vida, conduzindo-as a viver imensas angústias que desencadeiam muitos sintomas individuais e familiares. A vivência de uma situação de violência sexual, dentro da família, é uma ocorrência dramática, muitos não sabem como lidar com o assunto criando uma reserva, não falando entre si abertamente, ou se calando (COSTA *et al.*, 2007)

[...] eu falo assim, falo com as pessoa o jeito que ele é, as pessoa às vezes não acredita, dizem assim que: aí **porque esse medo todo? As pessoa não acredita, assim porque não conhece**. Porque tipo assim, **eu convivi com**

ele dentro de casa, e eles conviveu com ele lá fora, então eu conheci ele de um jeito e eles conhece ele de outro né! - Vitória.

[...] e **ninguém acredita no que eu falo**. É desse jeito. **Ele dá muito de santinho, de bonzinho** [...] – Vitória.

Um trabalho recente de Dafna Tener (2018), relata o silêncio vivenciado, na época, pelas mulheres que sofreram abuso sexual, as quais contam que a família produz um sistema complexo e amplo, impedindo a divulgação do fato. O sistema opera individualmente e enquanto família, envolvendo todos os membros, incluindo a própria vítima. São adotadas várias técnicas sofisticadas de ocultação, fazendo com que se aja como se o abuso nunca tivesse ocorrido ou devesse ser mantido em segredo. Neste contexto, as vozes das sobreviventes são marginalizadas, "a combinação de todos os atores que operam em conjunto para o mesmo fim cria um segredo tão grande e poderoso que as mulheres testemunham que divulgá-la se torna praticamente impossível" (TENER, 2018, s/p). A manutenção do segredo envolve a prevenção da divulgação inicial durante todo o abuso e depois. Essa estratégia inclui a ocultação novamente, após a divulgação do caso, durante o curso da vida, tanto na infância, quanto na idade adulta.

[...] E é assim também. **As pessoas de fora... vê né “ ah, mas porque você não vai levar seu menino pra escola, por que você não vai buscar?” [...] não vai por causa do marido, que é ciumento.** [...].... É complicado (estala a língua). **As pessoas de fora vê de uma maneira, e só quem tá dentro e que sente a pressão [...]** – Glória.

A construção do silêncio se dá de modo complexo, e sua dissolução também precisa de cuidado, pois acaba ocasionando aproximações e afastamentos entre os membros, o que gera muita ansiedade sempre. Constantemente, o segredo está associado à vergonha (COSTA *et al.*, 2007).

Eu falo para ele até hoje... e como que eu moro com ele (irmão) hoje ainda né... Às vezes hoje, assim **fica difícil, assim ter uma união** mas eu tento né... Asa uma forcinha né, mas tipo assim **ele também me faz lembrar** - Vitória se referindo ao irmão mais velho que a levou para o pai. Vitória.

Os sobreviventes lutam com o que McElvaney *et al.* (2012) chama de “efeito panela de pressão”, ou seja, o retrato de um conflito entre o querer dizer e ao mesmo tempo não querer/não poder revelar, o que afirma a necessidade de abordagens multifacetadas e multissistêmicas para prevenção e intervenção nessas questões.

Tener & Murphy (2015) afirmam que a dificuldade na divulgação ou ocultação do abuso sexual na infância podem ser facilitadas, ou inibidas, por uma série de fatores pessoais, interpessoais e socioculturais. Alaggia (2010), em uma análise ecológica da divulgação de abuso sexual infantil, traz a questão da responsabilidade social afirmando que os indivíduos, incluindo o sobrevivente, membros da família e vizinhos, a comunidade, a sociedade e o amplo contexto cultural, todos são os principais atores no processo de divulgação.

O fato é que a divulgação permite o acesso e conseqüentemente promove o suporte e proteção, tanto terapêutica, quanto legal, à vítima. Em investigação sobre os motivos que levam a criança a não divulgar os abusos, encontram-se as seguintes categorias temáticas: medo do que acontecerá; reações alheias: medo da descrença; emoções e impacto do abuso; busca de uma oportunidade para contar; preocupação consigo mesmo e com os outros; e sentimentos em relação ao agressor. Os temas indicaram a importância do apoio, estrutura e oportunidade para facilitar a divulgação, além do desenvolvimento de práticas por parte das instituições, escolas, hospitais e governo (MORRISON, BRUCE & WILSON, 2018).

As famílias reservadas e a dificuldade dos membros de enxergar a realidade foram aspectos que favoreceram a manutenção da violência, oportunizando a continuidade dos atos abusivos. Por conseguinte, pode-se inferir que situações que promovam a educação informativa de crianças, para o desenvolvimento de uma comunicação aberta e franca, sobre o assunto do abuso sexual, em as crianças são orientadas a falar com um adulto de confiança, podem ser um dos excelentes antídotos para a prevenção e ou identificação deste tipo de abuso.

O MEC, em seu guia escolar para identificação de sinais de abuso, propõe como instrumento da educação preventiva mais eficiente o sistema de comunicação para dialogar e debater esses aspectos, lembrando que o "educador precisa se apropriar do conhecimento necessário para poder conversar" (SANTOS; NEUMANN; IPPOLITO, 2004, p. 143), assegurando ações preventivas contra a violência sexual como ações que promovam à "autodefesa, conscientização e valorização de suas etapas de crescimento" (SANTOS; NEUMANN; IPPOLITO, 2004, p. 143), "seja ele realizado em casa, na escola, ou em uma entidade social" (SANTOS; NEUMANN; IPPOLITO, 2004, p. 143)

Segundo Azevedo & Guerra (2001), a estrutura característica das famílias incestogênicas é a seguinte:

"Elas se caracterizam por serem aglutinadas/simbióticas, sem limites entre o subsistema de pais e filhos" (AZEVEDO & GUERRA, 2001 p. 9). De algum modo, a hierarquia é relativizada quando se dá a vivência abusiva. Em razão da relação simbiótica de seus membros, o que acontece para um afeta todos. Se um sai é traição. É o que representa a linha pontilhada. Estas famílias também se caracterizam por serem rígidas ou caóticas. O segredo também fez parte da estruturação destas famílias, enquanto estratégia para manter a dinâmica em funcionamento. Por essa razão, muitas vítimas chegam a crer que têm que pagar com seu corpo o preço pela manutenção da família unida.

Em sua pesquisa, Hartley *et al.* (2016) afirma que a maioria dos participantes relatou ter crescido em ambientes familiares caóticos, imprevisíveis e inseguros, experimentando sentimentos conflitantes em seus relacionamentos iniciais. No nosso caso em estudo, as famílias se apresentaram simbióticas e sem regras definidas, no caso de Vitória, e, no caso de Glória, caótica e com dificuldades de mudanças, visto que permaneceu na condição abusiva por de 26 anos.

Aí que ela foi descobrir tudo... quando eu apareci grávida com 14 anos... que ela descobriu tudo... e ele se prontificou a assumir a criança, assumir eu. Daí nós passamos a viver... – Glória.

Daí ele assumiu, né, e a gente passou a viver [...] maritalmente. Eu, e ele abusando – Glória.

Sobre quem ficou na residência:

Minha irmã do meio (que também era abusada), né – Glória.

Minha mãe saiu da casa com a irmã mais nova, filha dele – Glória.

Sobre a mãe:

A gente morava juntos ainda, né. E no começo ela ainda (gagueja), ela ainda morava (gagueja), ela ainda ficou morando lá... na mesma casa. Ela me ajudou com o neném pequeno, né. Que... eu era uma menina, né. 14 anos... – Glória.

Aqui Vitória fala do irmão mais velho em uma dinâmica aglutinada/simbiótica funcionando como uma extensão do pai, levando-a para o quarto do pai, situação em que sofreu o primeiro estupro.

Chamou não, ele me pegou o braço à força! No colo! E levou para o meu pai. (tom de indignação!) – Vitória.

Como a família tende a funcionar de modo aglutinado, como foi dito, o que afeta um afeta todos. Com isso, após a denúncia, alguns se voltaram contra Vitória, que se apresenta confusa, mas alega compreender seus irmãos:

Compreender **eles não compreenderam** né, que eu tipo assim vamos ver, eu entendo um pouco a cabeça deles. Do meu irmão Alberto, que é o do meio, eu entendo ele, **ele é contra, totalmente contra**, contra tipo assim **dos meus irmão**” “**aceitá**” de ficar perto do meu pai – Vitória.

Narvaz & Koller (2006) realizam a reflexão sobre a força dos valores patriarcais atravessando os tempos e penetrando na atualidade, imprimindo suas referências na normatização do discurso de papéis familiares. A concepção de família se constitui com valores patriarcais, sendo que a submissão se mostra alinhada à intensão de manter a coesão familiar. Apesar da igualdade no âmbito do direito, entre homens e mulheres, a cultura do patriarcado impõe discriminações, como a forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres.

O exercício do patriarcado baseia-se no controle do corpo e da sexualidade das mulheres, tendo sua origem relacionada com a propriedade privada, e a garantia de herança aos filhos legítimos. Com isso se instaura "o patriarcado, uma ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres" (NARVAZ & KOLLER, 2006, p.50).

Dois princípios básicos regem o patriarcado:

1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (MILLET, 1970; SCOTT, 1995 *apud* NARVAZ & KOLLER, 2006).

A relação dos pais de Vitória:

[...] **trabalhava** (o pai) só que aí do serviço né ia lá pra baixada, ia lá pras mulheres, ia lá tal de **bordel**. E minha mãe ficava em casa, **fazendo as coisas né, cuidando de cinco**, porque era cinco tudo pequenininho né, e era só ela e **ele não deixava ela trabalhar** – Vitória.

Ficava atrás da minha mãe né (sexualmente)! **E com outras mulheres**, e lá era a mema coisa – Vitória.

Sei que **ele não deixava mesmo**, ele **nunca deixou.... Ela já chegou a querer trabalhar** de costureira, já começou... há uns 30 e poucos anos **ela começou a estudar** a fazer a primeira série, a segunda também, **só que aí ele já tava com ciúmes, ele não deixou também** – Vitória.

Minha mãe teve (com o padrasto) uma menina, que é a nossa irmã mais nova. Nós somos em três... E nessa época a (gagueja) irmã mais nova era pequenininha. Dois, três aninhos. Então, **uma tinha que ficar brincando com ela, pra poder a outra ir lá... ser abusada. E minha mãe trabalhando fora** (diminui o tom de voz) – Glória.

Não era nada na... violência. Era tudo... no jeito... – Glória.

Obrigando, mais com jeito. Nunca violência – Glória.

Não... ameaçar... **Ele não ameaçava, mas a gente se sentia ameaçada** – Glória.

Chamou não (refere-se ao irmão), **ele me pegou o braço à força! No colo! E levou para o meu pai** (tom de indignação). Meu irmão ele era o mais velho de todos, acho que ele tinha o que, 15 anos, e **ele levou para o meu pai a força!** Aí ele (o pai) ofereceu o salgadinho, só que tipo assim, **eu não quis...** Porque **ele sabia que era o que eu mais gostava. Mas mesmo assim eu não quis.** Ele me segurava me abraçava assim oh (demonstrando) **eu tentava fugir gritava e ninguém ouvia.** Tava até tudo brincando lá fora, mas ninguém ouvia. **Eu ficava gritando lá dentro**, dentro do quarto né, o tempo todo – Vitória.

Esta narrativa vem carregada de bastante angústia, porque a sensação da violência parece se fazer presente. Durante os relatos, Vitória chora muito e é preciso trazer água para acalmá-la. Ela demonstra sentir-se traída pelo irmão ter feito isso com ela, abandonando-a lá para sofrer. Tanto que, ao dizer que compreende os irmãos (acima), só traz a compreensão daquele que acolhe a sua atitude de denunciar. Em outro momento, ela diz que olhar para este irmão – mais velho – a faz lembrar do vivido. Vitória demonstra dificuldade em partilhar da dinâmica simbiótica da família e, quando busca a libertação, sofre com diferença de perspectiva dos irmãos.

O patriarcado em seu exercício de poder executado sobre as diferenças, de gênero e de papeis, vem para garantir sucesso onde era certo o fracasso, mostrando-se, portanto, à serviço dos territórios de fragilidades masculinas, compensadas através de suas maiores competências: a força, por exemplo, à serviço da falta de confiança (ciúmes). O deslocamento de potências compensatório está a serviço de evitar a vulnerabilidade (insegurança).

Sobre o pai de Vitória, um relato de violência física associada à violência sexual contra a filha:

Uhum. **Ele pega força, e pega mesmo** (fala agressiva) **e não deixa soltar de jeito nenhum** – Vitória.

Azevedo & Guerra (2001) afirmam que a mãe, de modo complementar, geralmente se mostra passiva, com baixa autoestima. A criança vítima também costuma ser passiva, dependente, podendo mostrar-se extremamente revoltada, agressiva e promíscua na adolescência.

A conscientização foi um tema que emergiu entre todos os participantes de uma pesquisa fenomenológica com mulheres sobreviventes de *Children Sexual Abuse* (CSA). Avaliou-se ser importante discutir o abuso sexual para viabilizar a conscientização, a compreensão e a aceitação, conforme descrito por uma participante:

Eu não acho que estamos abertos o suficiente. Eu acho que tem que sair de trás das portas fechadas ... as pessoas precisam ser aceitas e saber que você está dizendo a verdade [...] apenas seja aberto sobre isso, não que necessariamente conte a todos as nossas histórias, mas dizer que isso está acontecendo é predominante (HARTLEY *et al.*, 2016 p.201-220).

No estudo desenvolvido, as colaboradoras sugeriam estar em um movimento mais individualizado, procurando socorro para sua situação imediata. Não houve falas que abordassem a conscientização das pessoas de modo geral sobre a existência de vivências abusivas. Elas parecem estar ainda na apropriação de si e de suas questões, para, depois, se fortalecidas, quem sabe as ampliarem para o contexto de inserção. No entanto, a narrativa de Vitória trouxe a preocupação com a necessidade de que a verdade seja deflagrada.

até que a **minha mãe cuidava de criança, só que ela me botava pra podê olhá...ela cuidava das criança, mais me botava pra tá olhando...**às vezes eu saía com eles... pra rua...nunca que ela deixava sozinha, mais **eu achava assim uma coisa tão engraçada e a preocupação então**, porque que ela...tipo assim...**eu falava pra ela se você tem preocupação, porque que**

você não arruma outro? Meu Deus do céu... pra ela...**noossa eu não entendia...** Pra que que **você fica cuidando de criança** (tom crítico) **sendo que tem ele aqui...** para de ficar cuidando de criança...**eu sou uma criança pra cuidá de outra criança...****eu não vô viver nem a minha vida...****eu fico naquela** – Vitória.

Pode-se perceber, até pela ironia em sua articulação das palavras, que parecia estar explodindo como refere McElvaney *et al.* (2012) quando expõe o conceito de “efeito panela de pressão”.

Essa é uma das falas mais ricas de conteúdos conscientes e explícitos de Vitória: a ironia da escolha da mãe em propor-se a cuidar de crianças, sendo que conhece as preferências de seu esposo, que precisa ser ressaltada pela filha, a qual parece ser a única desesperada e solitária na luta pela conscientização da família sobre o ponto crucial da disfuncionalidade da mesma. Vitória, a criança, ter que lembrar a mãe de quem é o pai e de que ela é uma criança que não está recebendo cuidados e está cuidando de crianças é também outro ponto irônico. Além disso, ela acrescenta que não é criança, nem adulta, não vive sua vida de criança e é solicitada a viver a vida da mãe em várias instâncias, como na do trabalho e na marital. A preocupação e a falta de resolutividade materna, retratada quando Vitória propõe como solução a mãe “arrumar outro”, bem como a dificuldade de compreensão da menina, demonstram que sua psique tem uma dinâmica diferente da de seus familiares, porque aquilo que se apresenta como obviedade para ela parece ecoar totalmente diferente para a maioria dos membros de sua família.

Um trabalho feito com mães de família em situação de abuso sexual e processo de judicialização alertou que, frequentemente, encontra-se mães que nunca falaram sobre o ocorrido, mas que relatam que, se tivessem um profissional para conversar, teria sido importante, pois se calavam por temer que o assunto fosse tratado como fofoca (COSTA *et al.*, 2007). Eis a importância da comunidade e principalmente dos serviços criarem um espaço para se falar sobre os não ditos.

uma vez que **minha mãe me contou, muito triste**, me contou da... sem querer né, ela contou **que ele tinha ficado com a irmã dela né. Hoje em dia ela nega, foi uma coisa que ela tava tão triste naquele momento que ela acabou contando pra mim né...** Ela desabafou! Acabou desabou comigo entendeu, só que aí quando eu vou conversar com ela, comentá sobre isso, **ela tem vergonha, ela fala que não, que é mentira minha**, entendeu... É assim né... mas é isso daí né – Vitória.

Abordando as características das atitudes maternas, embora ambas (a de Vitória e a de Glória) sejam submissas, a mãe de Vitória está comprometida com os vieses existenciais de seu companheiro, não o questionando, e chegando a atribuir responsabilidade dos atos dele à sua filha.

Foi a última de todas. Quando a minha mãe viu, pronto! [...] Consegui fugir.... Não aconteceu. [...] fui tomar banho. [...] era cortina, a porta do banheiro. [...] Eu terminei de tomar banho, aí ele veio. É, é, ela nem foi pagar a conta de água, nesse dia. Ela tava lá... lavando louça. Aí ele foi, lá pro banheiro, pra tentar fazer alguma coisa comigo, mas só que eu não queria, de jeito nenhum. De jeito nenhum (fala em tom baixo). Eu tinha acabado de tomar banho. (Neste momento se expressa gestualmente com expressão bastante angustiada) Eu **“não, não, não. Não quero, não quero, não quero”**. E ele queria a força, a força (fala em tom baixo). Aí minha mãe... **na hora que minha mãe apareceu: “O que tá acontecendo?”**. Eu lembro dele falando (faz expressão irônica e de raiva) “ah, eu vim aqui pra usar o banheiro, pra poder mijar, não sei o que lá. E minha mãe **“ah, por que que você não saiu?”** (se dirigindo à Vitória) Não sei o que lá?... **Colocando a culpa em mim**, sendo que eu tava tomando banho primeiro. [...] **Ela sabe que eu tava tomando banho primeiro.** [...]. **E ele que acabou de chegar lá, não sei da onde, bêbado, das gandaia dele,** entrando dentro do banheiro (indignada). **E ela quis colocar a culpa em cima de mim**, aí eu fui pro quarto, chorando. [...] **Toda vez que eu entro no banheiro eu lembro de novo** (a residência ainda é a mesma) – Vitória.

No trecho abaixo, Vitória se refere à situação em que o irmão viu o pai abusando da irmã e foi avisar a mãe e à reação posterior de negação da mãe.

Aí ele viu e na hora vou... (se expressa corporalmente demonstrando ir correndo avisar e emite um som de movimento). **“Minha irmã e meu pai na cama, pera aí. Vou chamar a minha mãe.... estranho”**. E ele foi chamar (fala em tom baixo/resmungo). **Ela também viu, eu também, né. Ela (a mãe) diz: “não, eu não vi, eu não vi”** – Vitória.

Vitória responde ao ser perguntada sobre como eram as relações sexuais com o pai:

Completa. Era sempre... – Vitória.

As crianças precisaram lidar com o abandono/omissão e solidão para o enfrentamento da violência. Em Vitória, o abuso sexual durou dois anos (ou mais, pois a colaboradora tem dificuldades em precisar) e, no caso de Glória, não findou. As relações eram completas em ambos os casos, mas em Glória gerou a gravidez e a legitimação da relação através do aval da

mãe, que também a coisifica. Vitória, não se sente vista e reconhecida, contudo questiona indignada o vivido e, portanto, tenta promover uma relação diferente com sua filha.

No relato abaixo Vitória descreve como sente a afetividade de sua mãe com relação a ela, demonstrando sua carência, necessidade de contato e o seu sentimento de rejeição e de abandono, sobretudo quando faz comparativos com outras crianças e suas relações com as mães, sentindo-se sem amparo. Posteriormente, ela consegue perceber que sua mãe é assim com todos os filhos, não só com ela.

Eu ficava em casa ali, minha mãe não deixava eu ir pra igreja não deixava ir pra lugar nenhum, eu ficava ali em casa junto, assistindo novela, grudadinha e minha mãe do **mesmo jeito, não gostava de mim parecia...** aí eu falei assim ah, então vô, né, afastá dela e saí, porque eu **sentia que ela não tava gostando da minha companhia não sei porque...** [...] Porque meu pai ia pesca né e[...]... “Ah, mãe, deixa eu durmi com você já que ele saiu...”. O **marido dela saiu né...e cê vai ficá aí sozinha [...]. Ela falou que não, né...aí eu fiquei triste até porque ela não gostava de beijo no rosto, beijinho** que as criança dava bastante, na boca tipo de carinho sabe, ela não gostava, então tipo aquilo quando a gente saía pra aniversário junta né...**ela não gostava que eu ficava coladinha com ela,** mais...tipo tava despregando já, não sei o que passava na cabeça dela e aí quando tinha aniversário, eu chamava ela pra pode i junto[...], **ela já não queria ir [...], aí eu ia sozinha com as criança...eu criança ia com as criança...** aí a mulher aniversariante lá **a mãe da aniversariante lá é que cuidava de nós,** aí eu vinha com o meu irmão...meu irmão trazia pra casa...e ia assim...aí eu fui vendo que **parece tipo assim...ela não gosta de mim ou sei lá** - Vitória.

A mãe de Glória, ao tomar conhecimento do ocorrido, encontra como solução para a situação entregar sua filha nos braços de seu agressor, legitimando as vivências. Assim, ela se revela submetida aos já referidos valores morais historicamente superados em substituição da correção do mal maior que ocorria em seu lar. Sua resolução, por fim, coisifica ainda mais sua filha.

É, ela (a mãe)... é bem tranquila assim, igual eu né... não é de briga. “Ah, engravidou ela? Vai assumir? Então tá bom. Então vai assumir (tom resignado) – Glória.

A fala de Glória retrata a postura da mãe de maneira conclusiva e submissa, de modo a dar a situação por resolvida, finalizada tranquilamente. Em verdade, observa-se que, ao “assumir” o ato, a mãe trouxe ao abusador o benefício secundário maior que o abuso em si: a legitimação. O quadro retrata a colaboradora e a sua mãe sem força reativa o suficiente para

modificar o quadro. Glória não demonstra indignação, pelo menos explicitamente, sugerindo, portanto, não haver o questionamento. Importante ressaltar que sem reflexão não há mudanças, então, consequentemente, Glória reproduz a negligência materna.

Neste contexto, faz-se claro o benefício da função do enfrentamento da dor, por mais difícil que seja senti-la, pois, ao negá-la, nega-se também a oportunidade de superação.

7.2 Categoria “aspectos da vivência abusiva e suas consequências”

7.2.1 Aspectos da vivência abusiva

Adentrando os aspectos que caracterizam a vivência do abuso sexual, observa-se que verdades ficam mais protegidas quando os membros da família se recusam a enxergar a realidade:

Como ela deu conta de pagar a conta que ela foi pagar e, e não viu o jeito que tava a cama, né. Porque às vezes eu fico pensando assim (fala acelerada), será que meu pai pegou o lençol e jogou fora? (Sobre o sangue nos lençóis do primeiro abuso) – Vitória.

Algumas das consequências apontadas por Furniss (1993) puderam ser observadas no estudo em questão e determinam o grau de severidade dos efeitos do abuso sexual, os quais variam de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo, dentre elas: a idade da criança em que se deu o início do abuso; a duração, pois, quanto a maior duração, mais negativas as consequências; a importância da relação entre abusador e vítima, em que, quanto maior proximidade, piores as consequências; a diferença de idade e, portanto, de saberes e de poderes entre abusador e o abusado; ausência de figuras parentais protetoras, que agrava o dano psicológico; o grau de segredo (violência psicológica); o tipo de atividade sexual (quanto mais intrusivo, como com a penetração, maior o agravo); e, por fim, resposta negativa da família e negação do perpetrador.

Até recentemente, a criança que fazia revelações de abusos sexuais era desacreditada, sendo suas declarações interpretadas como fantasias. Nos dias de hoje, quando os profissionais da saúde são capacitados para trabalhar com crianças vítimas de violência, graças às pesquisas, tendem a saber que são raros os casos em que as crianças não dizem a verdade (HABIGZANG *et al.*, 2008).

No relato abaixo Vitória descreve uma consulta médica em que foi para tratar uma infecção vaginal. Ela tinha sintomas como manchas sobre o corpo. Como era sua primeira vez em um ginecologista, ela não teve coragem de dizer nada sobre suas vivências. A negação da mãe, nesse momento, já corroborava uma das consequências da vivência abusiva: uma DST (Doença Sexualmente Transmissível).

Aí ele examinou e viu se...esse, esse negócio aí, que deu, e aí passaram **pomada**. Eu fiquei passando lá, **na parte de lá** (genitália) e foi, também... aí fique um mês passando tudinho. Só que **hoje** fui falar pra minha mãe, ela: “**não, não foi por causa disso não** (fala desdenhosa)”. Ah tá.. não foi (irônica) – Vitória.

Em ambos os casos, a realização dos prazeres dos abusadores era conduzida oferecendo um pequeno agrado como “compensação”. As duas colaboradoras apresentaram sentimento de raiva, sendo que o de Glória era contido na expressão, chamando o agressor de “esse sujeito”. Em Vitória o sentimento é explícito, manifestando inclusive a dificuldade de chamá-lo de pai, referindo-se a ele como “marido da minha mãe” em falas já apresentadas. A submissão intrínseca à condição de vulnerabilidade não tem como passar incólume sobre as colaboradoras. Nesse cenário, o sentimento internalizado destas sobreviventes é calculável e pode apresentar consequências por toda uma vida.

Só que hoje em dia, [...] **eu não sou mais obrigada a cumprimentar ele... Não sou obrigada, mais. De jeito nenhum. Ele que tem que ficar distante de mim. Se ele quiser vir aqui, tem que avisar pra eu poder sair. Que eu não compartilho, nenhum...** Não me pergunta “ah, por que você não fica perto dele, [...] Eu falo “não, não sou obrigada... de jeito nenhum”.... Se ele aparecer aqui! Ele apareceu aqui uma vez, de surpresa. Eu **tomei um susto** (fala assustada). **Cumprimentou a minha menina ainda, na cara de pau (indignada)!** - Vitória

Ele não era violento, né. Mas pra uma criança de nove anos, não é fácil aguentar certas coisas, né (diminui o tom da voz) – Glória.

É, tinha vez que **oferecia, dinheiro pra comprar as coisas**. Comprar um doce, comprar uma bolacha. **Convencia que ele ia sair e ia me levar junto pra passear...** coisas assim (fala em tom baixo). **Outras vezes não, não oferecia nada** (estala a língua) – Glória.

Ele falou para o meu irmão mais velho de todos ir me buscar lá fora, aí meu irmão levou. Só que eu já sabia o que que era, só que antes dele me dar um salgadinho **eu já sentia o que que ele queria** – Vitória.

Eu Já desconfiava. E aí...O jeito dele... sabe é... – Vitória.

Ele me colocava pra mamar no peito dele – Vitória.

Quando que ele foi me **oferecer um salgadinho de cebola [...]. Só que aí ele ofereceu, só que como eu era criança né, 8 anos, aí ele falou assim “ah só... em troca do... de um sexo” – Vitória.**

Idade do início dos abusos:

8 anos, 8 para 9, eu ia fazer 9... – Vitória.

A vulnerabilidade se configurava com a ausência da mãe:

Minha mãe todo mês vinha conta de água, né, minha mãe tinha que pagá, nós não paga luz, mas água paga, então todo mês ela ia né, então todo mês era isso, com 8 anos aconteceu isso – Vitória.

Pode-se perceber, a partir do relato, o sentimento de ansiedade crescente da colaboradora, evidente por meio da convicção de que o abuso estava para acontecer nas ausências da mãe. A sensação de iminência gera angústia e impotência. Diante disso, Vitória tenta interferir na autonomia da mãe para resgatar a sua, como pode ser visto nos excertos abaixo.

Era só... Quando, quando... ela pagava água, só quando ela ia paga a água! Mas eu não queria ver ele o dia inteiro! (Tom firme) – Vitória.

Não queria nem vê. Eu queria que ele se afastasse. Uma vez eu pedi para minha mãe arrumá outra pessoa. Ela não quis... Pra ele podê ficá distante, sair dele – Vitória.

Glória, no relato abaixo, refere-se a como foi quando começou a ter relações completas, e ao fato de seu padrasto também abusar de sua irmã, embora tenha demorado mais para começar com a irmã (segundo Glória, justamente por já estar abusando dela). A gravidez veio com o seu amadurecimento sexual. Glória esteve obrigada, sem brutalidade física, ao sexo muito antes de ter corpo desenvolvido para tal, sem os hormônios, sem o desejo, sem a opção de escolha e, assim que os hormônios vieram, já teve que vivenciar a gravidez. Nesse ínterim são muitos cerceamentos da autonomia, antes ainda da fase da adolescência, que promove o desenvolvimento e o exercício da individualidade. Tal realidade, provavelmente, de algum modo explica sua não autonomia.

Não... não chegou a machucar não. Antes. **Antes dos 10 anos.** Eu, **eu menstruei só com 14 anos. Daí que eu engravidei.** Engravidei depois que eu menstruei” – Glória.

A minha irmã, ele começou a abusar dela depois do 11 anos – Glória.

Ele demorou mais, que já abusava de mim, né. Aí, depois que ele foi, partiu pro lado dela também – Glória.

O pai de Vitória também retira a sua autonomia ao fazer uso da força e também cometer abuso físico para atingir o objetivo do abuso sexual. Além disso, ele promove abuso emocional, dissimulando condutas socialmente para garantir a hegemonia.

Não, não (som gutural de negação). **Ele na frente dos outros**, ele, ele, **ele faz assim, de um homem frágil** (fala dramática), sabe? De que não faz nada, **de bonzinho**. Mas nada (emite guturais). Uhum. Ele pega força, e pega mesmo (fala agressiva) e não deixa soltar de jeito nenhum – Vitória.

Abaixo temos uma situação de violência física com Glória para manter o controle e submissão em razão do ciúmes e de sua insegurança.

Uma vez... a gente andando no ônibus, eu sentei do lado de um rapaz.... E ele ficou em pé no ônibus, que não tinha lugar. Daí (gagueja) quando a gente desceu do ônibus.... Ele começou a falar, brigar comigo, falando que o rapaz estava esfregando a perna em mim; que o rapaz era gordo, né. Então fica bem.... bem espaçoso (fala em tom baixo). [...] Aí, **já brigando comigo... Dava tapa na cara** – Glória.

Quando questionada sobre se o abusador passou a ser abusivo depois que ela se tornou sua esposa, Glória afirma:

É. Ele sempre foi - Glória.

A colaboradora sugere que este "é sempre..." esteja em concordância com a pergunta sobre ser esposa. Contudo, essa afirmação revela uma contradição importante, pois, por não gostar de entrar em contato com o passado, Glória acaba por fragmentá-lo, o que de algum modo também traz um movimento dissociativo. Assim, ela demonstra uma dificuldade em integrar o passado com o presente de tal maneira que abre portas para a negação.

Nas duas famílias os abusadores sexuais faziam uso excessivo de álcool, como relatado pelas colaboradoras. A OPAS/OMS propôs, em 2017, uma série de estratégias para assegurar direitos e para prevenir comportamentos violentos baseados em evidências

científicas disponíveis, chamando a atenção dos envolvidos para a prática do enfrentamento. Nessas estratégias, considerou-se desde o governo até o cidadão, incluindo a sociedade civil e o setor privado. A primeira das sete estratégias era promover a redução do uso excessivo de álcool e limitar o acesso de jovens a arma”. Em outra se valoriza o reforço de normas e de valores que promovam relações não violentas, respeitosas, acolhedoras, positivas e com equidade de gênero (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2017).

Bebia de ficar bêbado mesmo – Glória.

Sobre quando ele abusava:

Era com bebida – Glória.

É que a vida dele aqui é **bebe**, e ficava atrás da minha mãe né! E com outras mulheres, e lá era a mema coisa – Vitória.

De lá pra cá... as coisas... vem acontecendo. **É traição, é bebida**, isso e aquilo e ela, ela (a mãe) sempre ficando sozinha. De lado. Distante dos parentes. Tipo, que os parentes dela sempre falava pra ela, **só que ela ficava do lado dele**. Quando teve a traição com... a irmã dela, ela também... **acha que a irmã dela é errada, não o marido** – Vitória.

Em ambos os casos em estudo os abusadores são soberanos, dominando o lar, por exercerem primeiramente o domínio da esposa, que, portanto, passa a não oferecer ameaça à realização de seus prazeres. Muitos membros destas famílias (senão todos) foram ou sofreram tentativa de abuso sexual pelo patriarca. As mães se encaixam no contexto entre primeiras vítimas e, posteriormente, são reprodutoras: a mãe de Vitória reprodutora de violência, fazendo uso da negligência, em nome da proteção do abusador, e a mãe de Glória aparentemente reprodutora de um sistema de convenções, ativo no início do século passado, “quando os crimes de defloração desde o final do séc. XIX até a década de 1970 eram resolvidos dentro da esfera doméstica, por meio de casamentos forçados e/ou arranjos familiares” (DEL PRIORI, 2013, p. 294). A proliferação das reformulações de valores sociais não caminha no mesmo ritmo em todos os brasis e muito menos se dá de modo homogêneo, fato que podemos ver em muitos setores de grande evolução de ideias e de tecnologia, ao lado de comunidades com funcionamento muito diverso, com muitas carências e precariedades, ou

seja, as desigualdades também afetam as subjetividades do existir, fazendo com que algumas famílias constituam menos referências culturais em relação aos valores vigentes.

Nesse cenário, uma família que tende a manter-se fechada em suas verdades não ditas acaba por escutar o eco de sua própria voz ao falar, sendo este o som que as paredes de sua psique escuta, o som da sua verdade. Quando Vitória, por exemplo, diz compreender os irmãos, ela se refere àquele que pensa como ela. Além disso, ela afirma que este compreende o fato de ela ter denunciado o pai. Com isso, observa-se o excesso de justificativas e explicações da colaboradora, fato que denuncia seu sentimento de culpa:

Compreende sim, porque veio à tona também dele né!
Contou – Vitória.

Eu lembro também, mas como eu era **mais nova né, não tinha malícia de nada**. Para mim ele tava brincando né, porque lá em casa tinha uma piscina né, todo mundo brincava dentro da piscina. Porque eu tava brincando ali com todas as crianças e eu não vi nada né. Tava brincando era **mais novinha que nem sei**. Sei que ele tava na piscina mesmo com meu pai brincando lá, mas **eu nem reparei se aconteceu alguma coisa, ou não**, se naquele momento **eu já tinha saído lá pra fora** e voltado. **Porque criança fica assim, corre lá para fora e volta**, e aí já fica rodando já fica brincando... Joga bola e quando é piscina então... Não dá nem pra perceber, eu acho que eu lembro pouquinho... Não posso lembrar muito – Vitória.

A mãe de Vitória tende a ser a articuladora da constrição das paredes de silêncio que habita o espírito familiar. Age totalmente comprometida em proteger seu esposo e casamento, realizando o que for necessário em nome da sua causa.

Minha mãe tinha interrogado ela (Rita, a filha de Vitória) muito... muito... muito... começô a fazê pergunta pra ela sabe... Sobre...o que que ela passo na psicóloga.... e o que ela fala lá...sabe...Sobre o ocorrido e tudo mais...e aí falô pra Rita chegá na psicóloga dela e falá assim que... ai, meu deus, como é que é... é que... eu (Vitória) que coloquei as coisa na cabeça dela... que era tudo mentira... sabe... começô a falá um monte de coisa sabe... – Vitória.

Tenta torcê a cabecinha dela...aí sabe o que que eu fiz... sabe o que eu fiz...eu falei assim: “Rita, o seu vô fez aqui memo com você?”... Aí ela falô... “não”... Aí eu falei assim: “como não, minha fia... cê falo que daquela vez, você falô que sim...foi sua vó que mandô?” Ela: “foi!”... i pra mim aquela dia foi chão, “será que a minha mãe foi capaz disso? Ai meu Deus do céu... ai meu Deus do céu...”. Aí eu conversei aqui (CREAS), eu me acalmei...eu tô um pouco calma... aí eu falei assim que **quando ela viesse pra cá, eu ia interrogá ela né...eu ia conversa com a minha mãe... mais até agora eu não tive coragem...** falei assim “ai, Deus...” “eu não quero tê ódio no coração... não quero julgá ela e também não quero discuti... eu

coloco nas suas mãos e cê sabe o que faz”...aí tô respirando e ficando normal... – Vitória.

Porque tipo assim...tipo assim, **eu acho que vai duê dimais eu sabe que... tipo assim... ela tá assim, sempre mais pro lado do marido dela, do que do lado di mim e da Rita entendeu...vai duê dimais...** – Vitória.

Nos trechos anteriores e no subsequente Vitória revela claramente seu medo de enfrentar a realidade, na qual se defronta com a distância e viés materno *versus* o seu desejo de ser amada e acolhida:

Minha mãe não era igual eu e a Rita negócio de beijinho e abraço... nunca teve isso desde criança. Quando o marido da minha mãe ia pescá, eu falava pra minha mãe: “deixa eu ir dormi junto com você!” Aí quando ele chegá eu vou pra minha cama dormir. Porque **eu queria um pouco de carinho sabe... negócio assim de mãe sabe...** minhas amigas elas tinha lá uns 10, 11 ano e elas tinha aquele chamego, negócio assim de beijinho... no rosto, ou até na boca memo assim... sabe! Negócio assim de cheiro... e **com a minha mãe não tinha isso** – Vitória.

Sobre possibilidade de abuso da irmã caçula de Glória, quando diz que “ele tava jogando umas conversas”, a colaboradora deixa claro que seu referencial é marcado por parâmetros próprios do seu vivido, pois não valoriza como vivência abusiva as conversas que ele traça com sua irmã, afinal são “só conversas” e o que ela vivenciou foi além:

Não. Ele não chegou a mexer com ela (a filha caçula), mas, nos últimos tempos, **ele tava jogando umas conversas pra ela.** Daí ela tava... com um namorado, né. Ela já tinha 15 anos. Ela tava com o namorado. Arrumou de já sair de casa – Glória.

Sobre a possibilidade de abuso dos outros irmãos na família de Vitória:

Não! Nunca contou nada não. **Diz que nunca aconteceu não, mas... só Deus sabe, né.** (tom de desconfiança). Eles **nunca contaram nada não. Só o Alberto e a minha irmã.** Só os dois (voz em tom baixo) – Vitória.

De qualquer modo, todos os filhos cresceram em um ambiente abusivo e vivenciaram as situações de abuso sexual. Entretanto, embora conscientes daquilo que ocorria, como tudo era segredo, eles desenvolveram estratégias para evitar a convivência dentro do lar e para lidar com a dificuldade de controle dos impulsos paternos:

Quando **eu amamentava** a Rita, ele não tinha ido pro sítio ainda [...]. Então, **até do peito eu tive que tirar ela. Pra ele não...** (está se referindo ao pai) – Vitória.

Preocupada, porque ele vinha passar e ficava olhando. Aí tinha que tá toda hora com um pano. [...] Então, **tinha que ter todo o cuidado** – Vitória.

Na sequência, vemos a estratégia da irmã de Vitória:

Fugia. Ela não ficava em casa. Mal... não tenho lembrança dela em casa. Não tem. Ela sempre ficava na, na escola. E no núcleo e na igreja... que ela ia, com as amiguinhas na rua. Ela não ficava em casa (fala em tom baixo/pausa prolongada).... **Sempre longe** (emite sons guturais). Não sei... – Vitória.

Pra trás. É, pro **passado. Pra ela não tem esse negócio mais. Morreu...** – Vitória.

Aparentemente a irmã de Vitória tem dinâmica similar à de Glória e prefere que as lembranças permaneçam no passado para que consiga suportar o vivido. Contudo, em algum lugar do corpo, essa expressão se manifesta, e ela, a irmã, por exemplo, tem obesidade mórbida e já não consegue mais trabalhar, mesmo motivo pelo qual não pode engravidar. Vitória, por sua vez, com sua indignação latente, desenvolveu problemas relacionados à alimentação. Por outro lado, retomando, sua irmã parece querer engolir a mesma dor do vivido, empurrando-o com os prazeres da comida, tentando suplantar e digerir sua história.

7.2.2 Consequências do Abuso Sexual

O *Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde* considera como dano da violência a “privação e deficiência de desenvolvimento” (KRUG *et al.*, 2002, p. 27), e suas consequências podem ser imediatas e latentes, sendo possível perdurar por anos após o abuso inicial. Podemos observar esses danos e consequências nos casos descritos, pois ambos os abusadores deflagram atitudes de realização de prazeres pessoais em detrimento do desenvolvimento saudável de suas crianças. No cenário das colaboradoras em estudo, o pai e padrasto cometem abuso sexual e, as mães, negligência.

A *Children Sexual Abuse* (CSA) traz muitas consequências ao longo da vida. Dentre elas pode-se considerar que o silêncio imposto, que faz parte da dinâmica da família incestogênica, é modo de abuso emocional, ou violência psicológica (uma das quatro formas

de violência), o qual dá margem a muitas das consequências que foram possíveis detectar como resultado deste trabalho, a começar pelo textual sentimento de opressão expresso por Glória:

Eu não contava (fala triste). Eu **não contava pra ninguém** – Glória.

Oprimida, né. Não me abria. Até hoje não sou de ficar me abrindo muito – Glória.

É muito difícil definir abuso psicológico, como dito no *Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde*, com consequências sujeitas a muitas variações (KRUG *et al.*, 2002). Segundo Azevedo: "A família é uma instituição estruturada sobre duas desigualdades básicas: entre gêneros e entre gerações. A violência – nada mais sendo, que a conversão de uma desigualdade, em exercício de **opressão – de dominação** encontra na família uma ecologia propícia" (AZEVEDO, 1993, s/p).

Estas falas demonstram, além de o sentimento de opressão, o sentimento de impotência, de desamparo, ansiedade e medo, que foram possíveis captar durante a narrativa das colaboradoras:

Amigos eu não tinha. A gente não saía de casa – Glória.

(Fala em tom baixo) Então **a gente praticamente só saía junto com ele. A gente não tinha liberdade** de ir no mercadinho da rua de baixo... comprar alguma coisa – Glória.

Nem isso. **A gente era totalmente (fala enfática) presa** – Glória.

Não, **não era prender de fechar a chave e levar a chave com ele. Era uma coisa psicológica.** Não era ele sair e levar a chave. Não (fala enfática)! Saía. A chave ficava com a gente. **A gente não saía, a gente não** – Glória.

A violência psicológica, ou o abuso emocional, como forma de controle, sugere estar a serviço de suplantar a insegurança do abusador. No caso de Glória e a irmã, isso se revela pelos cerceamentos variados dos contatos das irmãs com o abusador, o mediador delas com o mundo.

No relato abaixo pode-se captar os sentimentos de impotência, desamparo e de sentimento de opressão:

Eu me, eu me, **eu me considero uma pessoa muito atingida (fala enfática). Várias, várias coisas, né** – Glória.

Como consequência das vivências abusivas precoces neste caso, pode-se observar que o processo de desenvolvimento de Glória se dá permeado por muitas confusões na apreensão/entendimento de mundo, pois o mesmo é constituído através dos vieses intencionais e não intencionais do seu mediador. Ou seja: há perversão no processo.

Tinha noção que não era normal aquilo, né. Eu tinha noção – Glória.

Um trabalho que trata de avaliações psicológicas de crianças e de adolescentes observando as consequências apresentadas de experiências sexualmente abusivas para o desenvolvimento humano aponta que essa forma de maus-tratos pode comprometer seriamente a saúde física e psicológica das vítimas (HABIGZANG, 2008).

As consequências das vivências abusivas apreendidas neste trabalho, que sugerem estar relacionadas com a égide da violência psicológica, a qual indica estar a serviço do exercício de controle, manifestaram-se nos contextos da educação desses sujeitos, por exemplo, como no fato de Glória e de sua irmã terem deixado de estudar. Além disso, estão evidentes na vida das colaboradoras e de suas famílias também outros tipos de prejuízos, tais como: sentimento de opressão, de impotência, desamparo, medo, depressão, culpa, dificuldades na individuação, confusão na relação com o mundo – por não ter havido respeito na constituição da individuação –, e dificuldade na alimentação.

Minha irmã foi estudar depois... depois dos 12 anos... ela foi entrar na escola, mas foi só um pouquinho também e já parou. Mas porque ela não quis mesmo. Já eu – Glória.

Ressalta-se que o ingresso tardio pode ter desmotivado a continuidade dos estudos da irmã da colaboradora.

De modo geral, os sobreviventes do CSA observaram que o abuso impedia seu desenvolvimento normal, além de ter influenciado na formação de seus sistemas de crenças (por exemplo, que eles tinham que sempre agradar aos outros, que eles estavam de alguma forma "ruins" ou danificados) (HARTLEY *et al.*, 2016).

Glória sente-se prejudicada por não ter estudado e, por consequência, por não dispor de mesmas oportunidades que outras pessoas. Esse pesar é reiterado várias vezes em falas da colaboradora, como na abaixo:

Eu estudei só a primeira série. Daí eu comecei a segunda... já parei de ir. Não fui mais. Apreendi só o básico mesmo. A ler e a escrever – Glória.

Na sequência, Glória afirma que se sente muito confusa em relação aos seus sentimentos, quando perguntada sobre aspectos que ela entende como nocivos a si ou questões que modificaram sua forma de olhar e entender a vida. Na resposta, Glória diz se considerar “muito atingida” e listou os estudos, a opressão e a dificuldade de expressão como aquilo que a prejudica:

É... **um dos fatos foi não, não ter estudo**, né.... como todas as pessoa têm estudo. Eu não tive. **Esse jeito de ser oprimida, não... conseguir me expressar**, também (diminui o tom da voz)... por causa dele – Glória.

Glória faz uma correlação direta e imediata, espontânea, do início dos abusos com o abandono escolar. Este, para ela, é uma lacuna na vida, já que concluiu apenas a 1ª série do Ensino Fundamental. Isso desencadeou na vida de Glória uma busca incessante pela compensação do tempo perdido. Nessa busca, ela faz vários cursos e busca capacitação para o mercado de trabalho, valorizando os saberes e as competências que lhe confere autonomia. A valorização dos estudos também é reforçada para os filhos.

É, então, eu tô cuidando... **vários cursos.. Eu fiz de manicure. Fiz de operadora de caixa.** Há pouco tempo terminei. Eu **tenho experiência de cuidadora** – Glória.

Sobre o trabalho do filho:

Como atendente só, né. Como... auxiliar. Daí, lá ele foi, foi aprendendo as massas, tudo. **Foi... aprendendo, assim, não só de olhar, aprendendo e fazendo os... os cursos lá...** na própria pizzaria lá. Daí foi subindo de cargo. Subiu de auxiliar... pra pizzaiolo (fala sorrindo). Daí, agora ele está em outro lugar como pizzaiolo também – Glória.

Azevedo, Guerra & Vaiciunas (1997), ao observarem as consequências do incesto, pontuam a pseudo-maturidade como: a) fracasso na aquisição de área do desenvolvimento e b) dificuldade no processo de aprendizagem na forma de repetência ou interrupção (os autores afirmam que 48,08% dos estudados interromperam os estudos, quer por depressão ou dificuldade de concentração). Nos casos em questão, ambas as colaboradoras parecem apresentar uma pseudo-maturidade, e a maturação se apresenta de modo fragmentário em setores nos quais houve maior demanda. Glória não voltou à escola a partir da 2º série do

primeiro grau, não consegue explicar o porquê, e Vitória interrompeu na 7ª série, embora tenha dito que **era um alívio ir para a escola** (falou antes de retomar a gravação). Por isso, repito sua pergunta: “Então ir para escola era bom e era um alívio e nessa época você não teve dificuldades na escola?”

Era!!...não...não... não...não tinha dificuldade não! Prestava atenção! – Vitória.

Eu prefiro olhá pra ela e vê que ela é a mãe a melhor do mundo, a mãe dez, porque tipo assim... olhá pra ela, conversá, e vê que ela é nossa... Eu acho que isso vai duê muito... Então aí eu deixo do jeito que tá – Vitória.

Este último é um exemplo de pseudo-maturidade, pois Vitória está negando conscientemente o movimento da mãe, fazendo uso de uma idealização para evitar o conflito e a consequente dor da realidade.

As narrativas de Glória trazem sua visão sobre os prejuízos que teve e os seus vários motivos de angústia. Ela relata que tem relações restritas, porque não foi à escola, mas também porque não tinha amigos, fatores que influenciaram em sua captação, compreensão e articulação do mundo. Apesar de ela não viver em um cárcere literalmente, sua vida era como se estivesse em um.

Era uma coisa... Medo psicológico... sabe? Eu não... **eu não entendo** (demonstra estar confusa). **Muito confuso...** – Glória.

Pressão psicológica, né... **É uma pressão psicológica** – Glória.

Mais tarde, quando novas responsabilidades começam a se impor à vida de Glória, aparecem as dificuldades de conciliar os desejos, as responsabilidades e as restrições que a sua relação impunha. Sobre isso ela denota constrangimento e vergonha das possíveis interpretações alheias:

Presa também pelo ciúme do marido...As pessoas de fora vê né. “Ah, mas por que você não vai levar seu menino pra escola, por que você não vai buscar?[...]” É complicado (estala a língua). **As pessoas de fora vê de uma maneira, e só quem tá dentro e que sente a pressão...psicológica.** É... – Glória.

Mas como ele era ciumento, a gente escutava certas músicas... já falava... **já achava que a gente tava pensando em alguém... escutando a música...** E (gagueja) **em quem a gente ia estar pensando se a gente não conhecia ninguém. Coisa só da cabeça dele, né. Doentio** – Glória.

Glória, nos excertos acima, relata casos de ciúme do agressor. A capacidade de adaptação apresentada por Glória, a fim de evitar conflitos, é impressionantemente ampla. No caso, de modo a evitar sentimentos angustiosos e conflitantes, Glória foi capaz de suportar muitas adversidades. Tais atitudes se assemelham as de um quadro de Síndrome de Estocolmo, não entrando aqui no mérito do âmbito consciente ou inconsciente das resposta de Glória, mas sim no do fenômeno peculiar da cumplicidade que se estabelece em uma relação de abuso.

Segundo o trabalho de Rizo-Martínez (2018) o comportamento adaptativo daquele que manifesta a Síndrome de Estocolmo enquanto um mecanismo de sobrevivência e de defesa é mais exceção do que de regra. O autor alega que esta forma de resposta promove a esperança em substituição ao desespero. Julich (2005 *apud* RIZO-MARTÍNEZ, 2018) vê similaridade na expressão do vínculo da relação bidirecional da Síndrome de Estocolmo e das vítimas de abuso sexual infantil e seus perpetradores. Wong (2005 *apud* RIZO-MARTÍNEZ, 2018) corrobora tal entendimento, afirmando que, embora a Síndrome não tenha uma definição universal, geralmente ela se refere a um conjunto de sintomas frequentemente observados em reféns, seitas, mulheres maltratadas e vítimas de abuso sexual. Destaca Rizo-Martínez (2018) o automatismo dessa resposta e entende serem necessários três aspectos para que a síndrome se desenvolva, são eles: 1) o indivíduo ser refém por um significativo período de tempo; 2) os reféns e os sequestradores manter um contato pessoal contínuo; 3) Os sequestradores devem tratar as vítimas amavelmente.

Em relação ao caso de Glória, por esta ser uma vítima, foi possível observar exatamente este comportamento adaptativo, provavelmente no intuito de substituir o desespero por esperança. Para isso, os 3 aspectos estiveram presentes: 1) esteve refém por um significativo período de tempo (26 anos); 2) havia um contato pessoal íntimo; e 3) no trato havia amabilidade, que foi agregada à violência física e emocional como substituição das trancas. É claro que, aqui, não se intenciona substituir verdades. Portanto, consideramos evidente que o cenário não esteve no enquadramento literal de cárcere privado, muito menos no de sequestro, contudo se recorreu a esse referencial justamente porque alguns autores entendem seu quadro sintomático, correlacionando-o com quadros de abuso sexual em diferentes idades, desde a infância.

No trecho a seguir Glória deixa transparecer um sentimento de desamparo, no entanto, embora não seja de chorar, parecendo que soterra suas emoções tão fundo que só as revela através do olhar, aqui ela faz um longo silêncio com um olhar distante, como se tivesse encontrado parte de seus sentimentos que se esforça para esquecer:

Eu acho que não vê, **não enxergar ajuda**. Não enxergava... **Não enxergava em lugar nenhum**. Nem na mãe. Uma, que eu **não contava** pra ela (pausa prolongada). **Se fosse hoje, se eu voltasse lá no passado, é claro que eu iria contar** – Glória.

No relato subsequente é possível observar o movimento de aceitação e de resignação decorrentes dos sentimentos de vergonha, impotência e desamparo.

É... eu na minha cabeça, né, na cabeça de criança, que não sabia de nada, **se eu contasse pra uma tia, por exemplo, daí a minha tia ia querer tirar eu da casa**, por exemplo. Eu sabia, eu, na minha cabeça, eu sabia que **ele ia atrás, que ele ia buscar**. Não ia deixar eu morar lá com a tia. Então, eu nem falava nada. Nunca contei pra tia nem pra tio. Nunca contei nada (fala em tom baixo). Porque na minha cabeça... não ia ter a possibilidade da minha tia... cuidar de mim, de eu ir morar com uma tia, ou com um tio, **porque ele não deixaria**. Então eu nem... **nem perdi meu tempo contando**. A família inteira só foi ficar sabendo... **mas não soube de tudo, tudo, tudo**. **Só ficou sabendo... quando eu apareci grávida**. Grávida de quem? Grávida dele? Nossa! – Glória.

A possibilidade de fracasso e decorrente frustração habitou a psique de nossas duas colaboradoras no que tange ao território da comunicação, imobilizando-as quanto à busca de ajuda. Esse aspecto denota o abuso emocional, associado ao grande sentimento de impotência, como pode ser observado.

No caso de Vitória, inicialmente o pai a ameaçava de descrédito, o que de fato ocorreu:

Ele disse que se eu contasse pra minha mãe, minha mãe ia ficar do lado dele." Eu ia me ferrar. E foi dito e feito. **Minha mãe ficou do lado dele, e eu me ferrei até hoje** – Vitória.

Nesse caso – do relato anterior – o movimento opressor gera, além de sentimento de impotência e desamparo, uma reação muito constante em Vitória, que é a indignação e uma suposta necessidade de confirmação da verdade. Vitória se coloca de lado oposto ao pai, logo, ou os familiares estão do lado dela, ou do lado dele. Assim, se ele dissimula, ela fala a verdade e parece querer que “as coisas venham à tona” como costuma dizer.

“Você vai ver. O que vai acontecer: todo mundo vai ficar do meu lado” (referindo-se a dizeres paternos). **E tava na cabeça de todo mundo mesmo**. Só o Alberto **que tá do meu lado. Mas o resto...** ixi (voz em tom baixo) – Vitória.

Quando já era mãe, em nome da necessidade de protetividade, que demonstra estar comprometida, Vitória se abriu para ter uma conversa franca com o pai. Dois anos depois, teve-a com a mãe, quando precisou deixar a filha uns dias com ela. Posteriormente, a colaboradora veio a constatar que, de fato, o pai não havia mudado e que sua mãe não agiria protetivamente, pois, assim como deixou a acontecer com a filha, permitiu com a neta.

Eu não sei que... Eu não sei o que que eu tinha... não sei, mas só que no comecinho que minha filha nasceu... **Eu não deixava meu pai chegar perto. Eu não sei da onde saiu aquilo. Sei que eu tinha aquela coisa lá e... Não queria que ele chegasse perto** (fala acelerada). E até a Rita fazer... o que? Uns... dois anos e, e pouco. Por aí. **Chegava perto de jeito nenhum.** Só que... aí, eu cheguei nele, eu cheguei nele, no marido da minha mãe, **falei pra ele sentar no sofá, sentei no outro... Aí cheguei e conversei com ele. Falei assim “Oh, eu tenho minha filha, a Rita... Você sabe muito bem o que você fez comigo quando eu era criança”;** eu conversei com ele. E minha mãe tava lá no corredor, lá fora, que tinha a lojinha, né, lá em casa, né. E ela ficava com medo de acontecer alguma coisa. E aí eu conversando com ele “oh, eu tenho a Rita, olhe lá”. Eu falei **“se um dia... você fazer alguma coisa com ela (tom de ameaça) ... você já sabe o que eu vou fazer. Eu tô explicando pra você. Por favor, não chega perto dela. Não faça isso que você fez comigo”. Conversei com ele direitinho. Conversei com ele!...** Expliquei pra ele (tom bastante bravo, com expressões intensas de raiva na face). Meu coração ficava assim: Tun, tun, tun, tun... Porque, porque... Ele ia casar com a minha mãe... Eles não eram casados. Eles casaram agora, nesse tempo. Aí eu falei assim “Então... eles vão se casar. Pronto. Agora... Meu Deus do céu”. Eu fiquei aqui desesperada (fala acelerada). Eu tenho que ter essa conversa com ele. Porque agora, **acho que eles não vão se separar nunca** – Vitória.

No trecho abaixo vemos o relato sobre a conversa de Vitória com a mãe no contexto de que ia deixar Rita por um período com a avó:

Aí eu falei assim que não ia... Que passasse fome, o que fosse, eu não ia deixar a Rita ir pra lá. Aí a madrinha dela falou assim “não, Vitória, deixa. Tá com a sua mãe. Você confia nela”. Eu **conversei com a minha mãe, “mãe, eu posso confiar em você? Você sabe, né, o que eu to falando, né (voz em tom alto). Posso confiar em você. Você vai cuidar dela mesmo?”.** Eu conversei com ela tudo direitinho. **Ela falou “não, pode confiar em mim,** não sei o que lá”. Eu falei “tá bom. Você vai levar ela”. Até então (pausa), até chegar na hora, ixi... Eu tava desistindo já. Até chegar nesse dia – Vitória.

No próximo trecho de narrativa vemos a sensação de desamparo de Vitória por sentir que não tinha uma rede de apoio menos vulnerável do que a sua família para lhe ajudar. Ela demonstra, ainda, que tentou outras alternativas antes de optar pelo auxílio familiar.

Ah, por causa que eu tinha o outro menininho, né. O Ricardo e ela (Rita, a irmã) brigava muito com ele. Ele era novinho. Só tinha dois meses. E aí era só eu, né.... Eu e ele.... **Não tinha ninguém ajudando.** Aí eu pensei, “ah, estando **com a minha mãe, né. Tá lá se alimentando, tudo mais**”. Pensei nessa possibilidade, né. Até que hoje em dia eu às vezes fico pensando “nossa, por que que, tipo, a minha sogra não me ajudou. Minhas cunhadas”, tipo assim. (Não) Teve aquele **acolhimento de ninguém**, entendeu (voz em tom baixo). Aquele momento que eu tava precisando, tipo assim. Por que que... a minha sogra (não) pediu pra ficar com ela, porque **ela nunca tinha ficado com a minha sogra...** lá. Minha sogra tem condições, mas... – Vitória.

Abaixo já vemos o sentimento de culpa de Vitória em relação ao abuso de seu pai sobre a sua filha. Vitória mostra-se bastante comprometida com os cuidados com seus filhos. Possivelmente, isso pode estar relacionado com a teoria do apego (estampagem). Com isso, o desejo proeminente de ser amada e acolhida pela mãe e a fragilidade do momento (econômica e de cuidados, para com os dois filhos, sozinha) a impulsionou a quebrar seus parâmetros de cuidado, tão zelosamente estabelecidos, mesmo ciente da vulnerabilidade da característica situação familiar, o que acabou por de fato acarretar o ato abusivo contra sua filha.

É... O que **me machuca** mais é que **eu queria ter protegido ela mais** (choro) – Vitória.

É... **o que me machuca é...** tipo assim, eu sabia... **Tipo, deixei...** (voz chorosa) – Vitória.

É porque **eu conversei com a minha mãe. Confiei nela**, né (fala acelerada) – Vitória.

Porque eu sei que pra ela (a mãe)...pra ela...já foi ruim, pra mim, porque pra ela...é...não sei, **na cabeça dela...não sei né...eu acho que ela pensa que eu quero ele** entendeu...**por isso eu fico nessa tipo de... querendo derrota ele sabe...porque minha irmã...minha irmã não tá nessa foi embora e pronto entendeu...**só que não é isso...porque tipo assim...**aconteceu com minha filha eu vô até o fim...**entendeu... – Vitória.

O trecho a seguir resume os sentimentos e as motivações de Vitória. Revela que sua mãe teme perder o marido para ela. Isso faz com que a colaboradora viva uma luta constante contra o pai, a fim de buscar a verdade e a justiça, e ainda de provar para a mãe que não tem interesse nenhum pelo marido dela (inclusive, ela deixa claro outra motivação para chamá-lo de marido da mãe, reafirmando a 'posse'). No entanto, essas lutas também exigem que ela esteja contrária à mãe, que é o seu grande objeto de amor, evidente no sentimento de rejeição que carrega. Assim, Vitória afirma:

Então **eu prefiro não conversa essas coisas com ela...**ela num...tipo assim...num chega nela e fala assim sobre essas coisas que a Rita falô, sabe! Porque **toda vez que a gente conversa sobre abuso**, isso e aquilo, **ela nunca coloca ele**, sabe... **como abusador...** sempre os que passa na televisão, ou tipo o meu irmão sabe...mais nunca... – Vitória.

Ela sente é (que o irmão é abusador) ... **meu pai não...** meu irmão ela senti sabe...só que tipo meu pai não...então tipo assim **eu prefiro ela do jeito que tá, do que chega nela e fala a Rita falo isso...isso...isso dela...** – Vitória.

A colaboradora prefere evitar o conflito com a mãe e precisa manter o conflito com o pai. Ela está presa nesta dinâmica e a entende como necessária para sua sobrevivência psíquica.

Cientes disso fica mais evidente o sentido da seguinte colocação de Vitória:

Às vezes eu quero conversar com a minha mãe, mas a minha mãe não entende, não adianta (tom bem frustrado!) Às vezes eu quero contar a história toda para ela, mas ela, tipo assim, **parece que ela trava o ouvido dela pra poder não ouvir** – Vitória.

Vitória é intensa em seus afetos e, auxiliada pela sua memória implacável, vivencia um sentimento abrangente de culpa, por isso fica deprimida. Tal sentimento também decorre do fato de crer que há algo de sua responsabilidade resultando nas vivências abusivas de sua filha. Em um nível mais profundo, há uma culpa pelo prazer sentido quando o pai a abusava.

Seu sentimento de culpa com relação à vivência de sua filha lhe resgatou um sintoma: a dificuldade de se alimentar.

Antes eu era ruim...mais depois da Rita que começou assim...não tinha tanto nojo comia normal, o tanto normal, mais não tinha tanto nojo assim das coisas...di chegá a esse ponto...porque tipo assim...é...é...**o negócio da Rita foi muito impactante comigo** porque tipo assim **é muito comparado com o que aconteceu comigo entendeu...só muda a idade...**entendeu porque tipo assim foi muito impactante pra mim... – Vitória.

A partir dessa consequência na vida de Vitória, vê-se claramente que o sentimento de nojo dos abusos sexuais, tanto do ocorrido com a filha, quanto do vivido, foram deslocados para a comida. A colaboradora faz também uma correlação direta entre o que aconteceu com ela e com a filha, sugerindo que o movimento simbiótico/aglutinado que os membros da família vivem entre si.

Quando eu descobrir isso eu já ensinei pra fazê sozinha, tipo assim eu já não quis mais nem dá banho nela, já ensinei pra ela, que ela tinha que: lava direitinho, tira o sabão direitinho... e como o banheiro é pequeno dá pra ela colocar o pé dela lá ...e lavar a parte íntima, e tudo mais. Já ensinei pra ela já, porque eu...já não quis mais dá banho nela... no menininho já tomo banho nele... mais é rápido já, ixi...**um monte de coisa na minha cabeça...** não... porque **eu já tenho um tanto de nojo** sabe...**porque é muito difícil de eu ter relação com o meu marido...** (ênfase) **difícil ixiii...** Ixiiii...**ele já me bateu tanto por causa disso...** Vitória.

Acreditamos que o trecho anterior explica-se por si só. Nele, é possível perceber com clareza as correlações que Vitória faz entre ela e a filha e entre o filho, o marido e o pai.

Já Glória evita entrar em contato com seus afetos, por isso hoje se sente limpa **“daquela sujeira toda que tinha do passado”**, ou seja, coloca tudo em um mesmo caldeirão e não gosta de mexer.

Staller e Nelson-Gardell (2005) analisaram entrevistas realizadas com meninas pré-adolescentes e adolescentes vítimas de abuso sexual e perceberam que, antes de revelar o abuso, a pessoa passa por um processo de reflexão e análise, incluindo expectativas e fantasias quanto aos resultados da revelação. Segundo esses autores, é o momento em que as vítimas reconhecem que tiveram uma vivência abusiva. Nestes questionamentos, podem emergir sentimentos de culpa, por exemplo, pensamentos sobre como ter impedido, e também outros sentimentos, além de medo e raiva, como sensações de prazer.

Aí veio à tona de **todo mundo contar** o que aconteceu né, porque **eu achava muito estranho, eu me julgava muito, eu sofria demais...** – Vitória.

Então só agora eu fui entender tudo, que não foi só eu – Vitória.

Depois da denúncia, alguns dos irmãos começaram a falar, ainda que discretamente, com um ou com outro, não abertamente, sobre o que tinham vivido. Com isso, a irmã de Vitória também contou sobre sua vivência abusiva.

Contou. Porque eu contei para ela né, da minha filha e **aí ela contou que era verdade** né, porque... Até então não quis comentar com ela, que eu sabia que o Júnior... Tinha contado né...Porque quando **veio à tona**, do... do que aconteceu com a minha menina. O meu irmão foi o que viu, da minha irmã né... O meu irmão Júnior, o mais novo, ele que viu. Lá onde a gente morava em Santa Catarina, onde a gente morava, Espírito Santo **aconteceu** com meu irmão... – Vitória.

A narrativa de Vitória sobre a característica silenciosa da família mostra que, apesar de saberem algumas coisas sobre as intimidades do pai com os filhos, eles não conversavam sobre o assunto entre si. Esse assunto velado, somado às persistentes negações, gerou sentimentos de confusão sobre o que realmente ocorria. Parece que não poder falar, também faz com que não vejam os ocorridos. Necessário também considerar a possibilidade desse silêncio reverberar na constituição da psique e dificultar o amadurecimento de cada um dos indivíduos desse lar, fazendo com que trilhem caminhos alternativos como estratégia de sobrevivência desta psique, gerando “ganhos” secundários ao manter-se ingênua e alheia. Isso se concretiza, por exemplo, no fato de saber e não saber se era a única a sofrer violência, tomando consciência do abuso de um dos irmãos somente quando ele o revelou:

Sim, só agora que veio à tona, por causa da minha menina (depois da denúncia!) – Vitória.

Eu **nunca soube de nada** então eu tipo assim **me julgava muito**, ficava muito triste, porque só eu, **porque só eu**, tipo aquela coisa tipo assim não entrava na minha cabeça entendeu... – Vitória.

Apesar de um relato abusivo sempre trazer angústia a quem conta e a quem ouve, neste caso, trouxe também à colaboradora o alívio de não ser a única, quando esta tomou conhecimento oficial sobre o abuso dos irmãos.

As evidências (como transtornos depressivos, alimentares e de sono...) que contornam um fenômeno o definem, enquadram-no, constituem-no dando referência a ele, diferenciando-o socialmente do contexto. Essas evidências abarcam o fenômeno como ele tem sido definido pela literatura especializada, definição na qual as colaboradoras deste trabalho se enquadram. No entanto, existe o não dito dessas vivências, invisível em um primeiro olhar, que se expressa através da subjetividade única a qual se manifesta de modo autêntico e que se revela, por vezes, inclusive nos ocultamentos da existência, em sua opacidade, mas que lá está, pronto para ser desvelado.

Realizar a análise fenomenológica se traduz neste momento em descrever o vivido pelo Ser, com parâmetros próprios de uma redução fenomenológica, por meio dos quais o pesquisador oferece um olhar diverso do senso comum, o qual o conduz para a ordem das significações. Isso é realizado, como cita Capalbo (1979, p.36), "através de um construto do construto", constituído pela pesquisadora a partir das falas das colaboradoras, perscrutando a intencionalidade.

Vitória demonstra que quando a característica da dor não consegue encontrar um caminho de equalização tão claro, como ocorre com relação à sua mãe, por exemplo, a indignação se explicita de modo latente, em um paradoxo dos sentidos. Isso é evidente quando, por exemplo, ela se relaciona com algo que lhe era prazeroso, como um salgadinho de cebola, do qual gosta do sabor, mas que a confere amargas lembranças. Na frase a seguir, a angústia foi narrada de forma pura e única, revelando muito de como é o universo de expressão de seus afetos:

Até hoje eu adoro salgadinho de cebola. Só que eu odeio (ênfase) te (ter) que gostar dele! O salgadinho de cebola – Vitória.

Sua vivência é “encarnada”, e os signos acordam o vivido, que persiste e não desiste de se fazer presente. O termo “encarnada” foi utilizado por Merleau-Ponty (1999), em *Fenomenologia da Percepção*, ao se referir ao corpo como um contínuo de expressão como totalidade do Ser. Vitória, neste momento, não se refere exclusivamente ao salgadinho de cebola, mas à vivência abusiva, quando diz que odeia ter que gostar dele, odeia ter gostado de algo tão abjeto. Em sua angústia, ela não consegue se conformar com o fato de seu corpo, que foi aliciado precocemente, sem intencionalidade no ato, ter ficado preso na ambiguidade do vivido.

Posteriormente, Vitória comete um “ato falho” ao dizer que dormia em cama de casal sozinha:

É, na cama de casal. Eu dormia. Até antes de encontrar o meu marido, até uns 16 anos, eu dormia encolhida – Vitória.

Depois ela se corrige, dizendo dormir “*sozinha em uma cama de solteiro*”, e acaba por desvelar um aspecto funcional de sua psique. Embora a denominação “ato falho” tenha sido introduzida por Freud, precursor da psicanálise, e por ele definida dentro de sua estrutura teórica de pensamento, ela tornou-se um reconhecido mecanismo por meio do qual nossas expressões equívocas revelam aspectos latentes de nossa leitura da vida, do mundo e dos fatos, que integram a totalidade da psique. Uma fala pode revelar densidades latentes importantes que desvelam a nossa história. Não obstante, para a fenomenologia husserliana, o inconsciente é compreendido apenas como horizonte de latência da consciência. Contudo, trabalhos recentes consideram uma nova concepção do inconsciente fenomenológico entendendo que o que Freud chama de “repressão” pode ser entendido como uma

"intencionalidade operante", que não se refere a uma representação, ou a um objeto específico, mas sim a um modo de estar no mundo (LUTEREAU & KRIPPER, 2012). Esse estar no mundo, que se revela através do “ato falho” “cama de casal”, está a serviço de desvelar o vivido: o pai, ao promover intimidades somente pertinentes a um casal, incita Vitória a sentir-se enredada neste casamento. A mãe, por sua vez, para manter seu relacionamento, faz vistas grossas às atitudes do marido, negligenciando os cuidados à filha reiteradas vezes, de modo que não se pode negar a intencionalidade materna de priorizar seu casamento a qualquer custo. Para a mãe, estar casada define seu papel crucial no mundo. Por isso, ela é omissa e negligente com os filhos e netos, entendendo que defendê-los colocaria em risco a sua união. No entanto, posteriormente, ela acaba por manifestar seu ressentimento pela preferência do marido em relação à filha.

Esse enredamento/emendamento parece compor seu universo de referência e se faz evidente quando, por vezes, Vitória emenda pensamentos, palavras e pessoas, como quando ela começa falando, por exemplo, do cunhado, e termina, na mesma construção, falando do pai. Nessa situação, só resta ao interlocutor correr atrás desse fluxo livre de pensamentos e ir confirmando se o que compreendeu está correto. Esse movimento parece denunciar que Vitória parece ter ficado emendada na mãe e no pai, fato que explica ela não conseguir chamá-lo de pai, mas, sim, de marido da mãe, e pedir para que ela arrume outro. Claro que a colaboradora tem sua dor por si só, absolutamente compreensível, mas ela deseja que sua mãe tome atitudes as quais ela entende que tomaria se tivesse o poder para fazê-lo.

Não tinha esse negócio. O quarto dele era aqui; da minha mãe e do meu pai. E aqui é o... meu quarto... é de nós tudo. Não tinha porta (resmungo). E aí eu embrulhava a cabeça, assim, e ficava encolhida... ali... a noite toda. Até amanhecer. Na hora que amanhecia... – Vitória.

A própria concepção física do lar colaborava ou era decorrente desse movimento simbiótico da família em que todos estavam emendados existencialmente. Essa relação também se estabelece com a filha – Rita –, pois parecem que são uma só pessoa. Vitória é capaz de inferir pensamentos de adulta para sua filha, uma criança de quatro anos. É fato que Rita é esperta, porém parece que fica claro o movimento projetivo e simbiótico. No trecho abaixo, Vitória se refere à quando foi buscar sua filha no sítio onde moram seus pais e ao suposto pensamento de Rita sobre o que, como e quandoalaria para ela sobre o que estava acontecendo (os abusos). Este “estava ciente de que iria acontecer alguma coisa” é sobre o temperamento de Vitória de entrar em conflito com o pai (avó) da criança se soubesse de

alguma violência contra a filha. Vitória calcula que sua filha não lhe disse nada lá porque é grandinha e sabia que geraria confusão, então calculou que se sua mãe a levaria para casa e esse momento seria quando, então, diria tudo. Tais projeções são até possíveis, porém não pelos pressupostos que Vitória narcisicamente projeta na criança.

Ela já tá grandinha; com quatro anos. Ela já tava ciente, na cabeça dela, que ia acontecer alguma coisa. Tipo assim, **ela tem quatro aninhos, mas a mente dela já é (sorri)... de gente grande,** entendeu? Ela já... Se ela vir então, tipo assim, **“ah, eu não quis contar”** (pensamento inferido de Vitória para a mente de Rita). Eu falei pra ela que...que ia levar ela pra casa... e tudo mais. Expliquei pra ela. Então, no pensamento dela, ela falou assim. No pensamento dela tava assim **“quando eu chegar lá... eu falo pra minha mãe”** (sobre o abuso) – Vitória.

No contexto abaixo referido, apresenta-se a possibilidade de compreender o fato de que as vivências de Vitória denotam ter aliciado sua libido, precoce e incestuosamente, fato que nos leva à compreensão da ambiguidade do *“odiar ter que gostar do salgadinho”*. Outras falas da colaboradora também transparecem este conteúdo, como quando Vitória aborda uma situação com a filha se referindo a coceiras e masturbação:

Porque eu não sabia o que fazer. Porque eu dava banho nela, e... não parava... E eu perguntava pra ela “o que é que foi, Rita?”. **Ela sentia falta dele, pra mim!** Eu não sabia que... reação (fala enfática) – Vitória.

Vitória associa o comportamento de Rita ao seu próprio:

É por causa do, do que eu fazia também... isso que a Rita faz... ai, ai, é que é vergonhoso... (risos!). É mexê nas partes íntimas. É pegá as coisas escondida no quarto e colocar... – Vitória.

Tal declaração evidencia seu sentimento de culpa e a condição intrínseca de haver experimentado sentimentos divergentes como, além de medo e raiva, sensações de prazer (SANTOS e DEL’AGIO, 2010). Talvez seja impossível conseguirmos nos apropriar com clareza do quão onipresente é o atravessamento de um aliciamento precoce da sexualidade, acima de tudo quando realizado pelo próprio pai. Os tabus sociais vigentes, com significativa abrangência cultural, determinam com clareza a interdição incestuosa. Este é o caldo cultural em que estas, então meninas, banham-se. O corpo pequeno e a vulnerabilidade inerente à condição de estar em desenvolvimento tanto físico e hormonal, quanto emocional, são

inerentes às condições das mulheres em questão. A elas é imposta uma vivência que intimamente se sabe, sente e intui não ser adequada de maneira tão proeminente em razão da própria imaturidade de não conseguir dimensionar que a responsabilidade é de seu progenitor ou responsável. Merleau-Ponty (1999, p. 217) diz que "há uma 'compreensão' erótica que não é da ordem do entendimento", pois enquanto o entendimento caminha pelo mundo das ideias, o desejo 'compreende' cegamente, "ligando um corpo a um corpo". A totalidade do seu ser reage à uma proposição intensa, podendo carregar consigo, intimamente, um fundante sentimento de culpa. Isso ocorre porque o narcisismo paterno a instiga a desenvolver respostas narcísicas. Por meio desse sentimento são carregados contextos existenciais, os quais, quando reincidentes (aqui, no caso, o vivido por Vitória é repetido na vida de Rita), podem voltar-se a si próprios. Isto é: quando o abuso acontece com sua filha e Vitória vê-se sem conseguir protegê-la, sendo ela, agora, a mãe – de quem sempre esperou proteção, quando estava na situação de vítima –, ela passa a odiar a si própria. O sentimento de culpa é abrangente, o que a conduz ao sentimento depressivo. Além disso, Vitória se sente culpada também por sua abordagem com a filha ter, em suas palavras, 'maltratado' mais Rita.

Imagine uma mãe que não foi, [...], não foi aconselhada como conversar com uma filha, como falar isso, entendeu? Imagina minha reação. Minha reação foi, assim “meu deu do céu, Rita, **você quer me enlouquecer?! Meu Deus, R, não sei o que lá**”, entendeu? **Eu tava maltratando mais ela ainda...** entendeu? Nossa, minha reação foi... eu não sabia nem o que...”. Rita, você tem certeza disso, [...] ?”. E ela falava... que tinha acontecido mesmo, [...]. **Aí ela pedia desculpa pra mim. E eu: nossa, meu Deus, uma menina daquele tamanho ali... falando daquele jeito.** Nossa, tipo assim, na minha cabeça (fala acelerada) “meu Deus, **essa menina não tem... quatro anos.** Não tem essa idade. Tem mais” – Vitória.

Vitória fala de seu relacionamento com o pai de seus filhos, que conheceu quando tinha 13 anos, e ele 23 e o porquê decidiu ir morar com ele. Atualmente ele está preso, mas, quando juntos, usava drogas, a batia violentamente e trancava-a no quarto quando saía, para que ela não o traísse, além de fazer sexo forçado:

Foi difícil, mas foi um refúgio que eu consegui. Que eu achava ele (o pai)... ele ter dado, ele ainda, ia acontecer de novo, uma hora. Ele ia querer ir pra cima de mim. Porque eu já tava crescadinha, criando corpo, isso e aquilo. Mesmo que uma hora ali, a minha mãe saísse, eu estando ali, a minha mãe... Eu ali, lavando louça ali, fazendo as coisas dentro de casa e minha mãe sai, todo mundo sai, tava vendo uma hora ali de... – Vitória

No trecho a seguir Vitória explica que, apesar do sofrimento, não conseguia se libertar do marido:

Só que aí eu já tava presa. Já **ficava trancada dentro do quarto**. Já me prendia. Já não deixava eu ver minha família... mais. E daí foi. E daí eu já gostava dele... [...] Porque ele achava que eu ia sair pra trair ele, porque ele foi traído... – Vitória.

Vitória sempre manifesta seus conteúdos latentes de modo bastante acessível. Por exemplo, quando afirma “já estava presa”, ela se refere aos afetos, que a faziam também ficar presa no quarto. Seus afetos sugerem estar disponíveis, em uma busca de infindável de amparo e acolhimento, manifestação que a vulnerabiliza em nome desta extrema carência afetiva e dos poucos recursos de enfrentamento. Ao continuar narrando a situação, a colaborada explica o porquê de ter estado em tal conjuntura na qual era repetida a coisificação já vivida:

Eu (fala enfática) **ficava lá trancada, ficava lá pensando** assim “ah, **pelo menos aqui... eu tô fugindo do meu pai**, mas aqui... eu tô sofrendo...” – Vitória.

Seu corpo marcado pela dor de ter sido objeto em relação fundamental não consegue outro caminho que não o de ser objeto novamente, como fuga do que lhe causa a dor maior, no caso, a de não ter se sentido amada como desejava pelo pai e pela mãe:

Minha mãe não era igual eu e a Rita (filha)... negócio de beijinho e abraço... nunca teve isso desde criança – Vitória.

Merleau-Ponty (1999), em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, aborda com clareza como cada indivíduo se relaciona com o vivido dentro de um horizonte de sentido, e afirma que o significado do que se percebe não vem só de uma associação, mas está presente em todas as associações, traduzindo uma totalidade do existir, quer se trate de uma síntese de um existente ou da evocação de experiências antigas. Elas sempre integram este horizonte de sentido que personifica o olhar.

As sensações e as imagens que deveriam iniciar e terminar todo o conhecimento aparece sempre em um horizonte de sentido, e a significação do percebido, longe de resultar de uma associação, está ao contrário

pressuposta em todas as associações, quer se trate na sinopse de uma figura presente ou da evocação de experiências antigas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 39)

Após um trauma, uma marca importante é impressa no fluxo do existir do sujeito. O acontecimento traumático parece promover uma série de associações que vão constituindo um traço único para o ser, assim como nosso batimento cardíaco, nossa voz, ou impressão digital. A forma como nos sentimos afetados com as situações propostas pela vida se inscrevem em nosso ser. A partir destas proposições, vamos constituindo entendimentos que se instalam como modos de apreensão e interpretação da existência, construindo reações mais competentes possíveis, com a função de promover a elaboração destes afetos, para constituir a jornada existencial.

Nas individualidades é possível coletar pistas da direção que cada uma segue em busca de equalizar o vivido.

Sopesando os aspectos cruciais do ciclo da violência, o da vulnerabilidade das infantes e o poder intrínseco do cuidador/responsável, faz-se primordial dizer que, ao se fundar em uma situação de descaracterização da relação de igualdade entre os seres, causada pelo mal uso do poder, configura-se uma atitude de objetificação do agressor para com a vítima, transformando-a em “coisa”, à disposição de seus interesses (BLANCHARD, 1996 *apud* AMAZARRAY & KOLLER, 1998). A colaboradora Vitória chega a declarar textualmente este sentimento:

Eu queria me sentir como filha, né. E eu não era tratada como filha; aquele negócio de pai e filha. **É tipo um... um objeto** (fala com desdém), **uma coisa ali. Pronto** – Vitória.

Não é um pai que procura a filha pra estar brincando (brava), **dar um carinho, uma atenção. Perguntar sobre a escola**, que isso e aquilo. **Ajudar na lição. Não... ia procurar a filha pra aquilo** (fala enfática), pra aquilo (fala em tom baixo/resmungo). É difícil... porque eu fico pensando, tipo assim (fala acelerada), uma hora meu irmão vai sair da cadeia e ele vai querer ver a filha dele... entendeu? E aí, vai ficar desse jeito? – Vitória.

Vitória faz constantes questionamentos e sofre muito com eles, demonstrando inclusive uma conscientização da objetificação, imposta pela sua vivência. A dor e a reflexão mudam a estrutura de seu entendimento, mas carecem de ser acompanhadas de mudanças práticas que pudessem efetivar uma relação com o mundo mais saudável. Para isso, Vitória realmente precisa de apoio objetivo da Secretaria da Assistência, ou de alguma estrutura similar. Ela tem dois filhos pequenos que tem a escola da prefeitura disponível por meio

período. Durante o outro período Vitória não tem com quem deixá-los, visto que seus irmãos e pais não oferecem estrutura segura e confiável, ambas com histórico de abuso em relação às suas crianças. Ela possui limitações quanto a capacitações para o trabalho; com o desemprego em alta, fica ainda mais difícil, pois aumenta a exigência do mercado.

Sobre o irmão e sua difícil resolução reflexiva quanto a visitá-lo na prisão e sua intensão para com ele, Vitória afirma:

(Fala em tom baixo). Um bom conselho. Que é **difícil**, tipo assim, você **ter um pai e um irmão que... faz as mesmas coisas**, sabe?... Que... pelo que eu vejo, que as meninas que ficam com ele, que que elas falam dele...– Vitória.

A mesma coisa. Faz elas de... objeto – Vitória.

Não... não trata como mulher, com respeito. Tem uma aí que é ficante, que diz que é namorada dele... tá gostando dele. Só que... é... ela fala que nem sabe se ela vai ficar com ele, porque **ele faz ela de objeto. 15 aninhos.** Aí (fala em tom baixo) – Vitória.

Por isso que eu penso. Eu penso “aí... **pelo que eu vejo que ele é com as mulheres**”. Aí eu fico, tipo assim, pensando... **como que era meu pai...** aí depois vejo como é ele. Porque, com a idade que o meu irmão tem (eleva o tom da voz), na idade que meu irmão tem, o meu pai teve e meu pai era assim, que nem o meu irmão. [...] **Que se deixar pegar até à irmã.** Ele pegou, entendeu? Desse jeito.... Tava nem aí. Quando ele era mais novo, ele era desse jeito – Vitória.

Da minha mãe. Isso, é.... Que nem o meu irmão fez. Meu irmão ficou com a irmã... da mulher dele também – Vitória.

É... Então, tipo assim, **eu quero dar um conselho pra ele... ele tá indo pra um caminho que...** – Vitória.

Eu fico pensando na menininha... Já pensou, a menininha virar objeto também? – Vitória.

Glória, que foi coisificada pela mãe, embota seus afetos, evita seu sofrimento e não entra em contato, negando as vivências abusivas de seus filhos, como quem diz: fui tratada como coisa, mas é assim mesmo que a vida é. Provavelmente a única forma que encontra de receber o amor da mãe é tornando-se exatamente igual a como ela lhe propôs ser: coisa. Neste momento, tudo se equalizaria, acabaria a angústia. Afinal ela “praticamente” não foge do “seu lugar no mundo” aquele no qual a colocaram, porque, deste modo, parece que se aproximará da recompensa por ter sido obediente: receber o amor e o reconhecimento materno. De algum modo, Glória parece entender que a vida é assim e, por isso, abriu mão de seus questionamentos por longa data em sua vida. Agora que se sente empoderada para fazer

escolhas, parece só conceber a possibilidade existencial de um indivíduo Ser a cada vez, então se ela é pessoa, agora seus filhos são coisa. Portanto, eles têm que compreender que é a vez de ela ser feliz. Ela escolheu seu companheiro desta vez, ao invés de ser escolhida. Então eles têm que aceitar. Não consegue incluir as necessidades de seus filhos nessa escolha, porque ela não foi levada em conta em nenhum momento no passado. Quando sua filha começa a ter piolhos novamente, ou quando seu atual namorado bate em seu filho, a ponto de a escola denunciar ao Conselho Tutelar, Glória considera que as ocorrências são normais, coisas da vida de fácil solução, é “só porque o filho tem ciúmes de seu namorado”.

Vitória, que foi negada pela mãe, reage intensamente a tudo que viveu, sofre, mas tenta evitar o sofrimento da filha, como quem grita: se fui negada, hoje eu grito (denunciando e se posicionando, mesmo que isoladamente, perante a família). Ao percorrer o caminho de suas associações, Vitória leva-nos a crer que ela se depara com uma grande dor, a qual acordou o grande trauma, devido à informação de que sua filha foi abusada pelo avô, fato que desencadeou respostas que estavam latentes, aguardando a “gota d’água”. Primeiramente ela demonstra fazer um movimento de identificação com a filha, projetando-se na vivência, ficando perdida e sofrendo por imaginar que “sua filha poderia ter passado pelo pior”, referindo-se a um comparativo com seu vivido. Ao mesmo tempo, consegue realizar o que sempre desejou que sua mãe fizesse consigo: ser protetiva e acreditar em sua palavra, dando-lhe razão. Em outros momentos, Vitória demonstra a valia que tem para si o fato de ser ouvida e reconhecida:

Eu, “eu ouvi”, eu disse para ele,” **pode ter certeza que eu ouvi**”, ou ainda quando afirma que: **minha mãe não deu ligância** nossa ... E para ele foi difícil contar né, porque é menino né – Vitória.

Crê-se que o horizonte que conduz o sentido existencial de Vitória é provar que estava certa, que não é louca (porque os irmãos negam as ocorrências, ou o valor delas), que o pai é de fato um abusador, e que a mãe deveria ouvi-la, acreditar nela, e amá-la. Enfim, sem crime não há vítima e este é o papel familiar com o qual se identifica. Tira forças do silêncio sufocado e “sem saída”, afinal sua mãe, ouvindo ou não, não dará “*ligância*”. Essa ótica existencial parece funcionar como uma lente que conduz e colore o olhar, pelo prisma de sua referência, manifestando-se como um eixo central, governando sutil e delicadamente, mas atribuindo sentido único às escolhas. Parece que o julgamento que faz das atitudes maternas a colocou em um contexto no qual, para não ser igual a ela, tem que fazer o “certo” e, com isso, por vezes, encontra-se em dilemas sobre o que de fato é correto, como na situação em que o

caçula de seus irmãos foi preso e não sabia se iria visitá-lo em razão de ele ter abusado da própria filha, assim como seu pai.

Por que eu ficaria **do lado** do meu irmão... **se eu sou contra o meu pai**, por que eu ficaria do lado do meu irmão, se **meu irmão também tá errado**, entendeu? Que **ele fez isso com a... a menina dele**. Então fica essa... – Vitória.

Por ter sofrido, Vitória demonstra sentir necessidade de ser diferente de seus pais, no entanto ela mesma fica confusa ao tentar compreender em que consiste o certo ou errado, quem é vítima e quem é o algoz. Justamente por serem relativos, esses saberes lhe escapam, fazendo com que ela acabe não sabendo como agir. No relato abaixo, por exemplo, vemos a materialização disso, com Vitória relatando que esse mesmo irmão citado anteriormente lhe era próximo e lhe apoiava:

Não, a primeira vez. Primeira vez que ele foi preso. **Era o que mais me ajudava** – Vitória.

Ele que mais me apoiava (triste). Mas é assim, né... – Vitória.

Foi **ele que viu a minha irmã**, a minha irmã mais velha com ele – Vitória.

É, ele quem fica mais do meu lado (fala em tom baixo) – Vitória.

Neste trecho abaixo, carregado de indignação pela negação familiar, pode-se perceber tanto a questão de busca da verdade e do que é certo de Vitória, quanto o questionamento da idealização familiar (quando está na ótica da família):

Não!! Era bem difícil (alguém ir à sua casa)... não... só quando tinha festa de aniversário assim, que o meu pai... aniversário da minha mãe, do meu irmão... aí vinha todo mundo...só que aí, fia, **eu não gostava não...na hora de tirar foto eu ó...vazava**...meu irmão falava assim “mais por que que você não quer tirar foto?” **Eu não quero tirar foto...** (afirmativa) [...] Porque eu achava muito errado... **pra que fica fingindo que a gente era uma família feliz, que a gente não era**...sempre falo isso pra minha mãe...**a gente não é uma família feliz... por que que eu vô ficar fingindo**. Por que eu vô tirá...**por que que eu vô tirá uma foto do lado do meu pai e da minha mãe, sendo que não é isso**, meu Deus do céu...aí uma moça foi lá me pegô a força lá e falô assim: “é aniversário da sua mãe, cê não vai dá parabéns? Cê não vai tirá a foto com ela?” Aí naquela hora eu falei assim: “ah...é aniversário da minha mãe né...eu não preciso tirar do lado dele, nem dela mais vô tira um pouquinho mais afastado”, porque tinha meus irmão né... então, tipo assim...tinha meus três irmão e irmã, eu **fiquei bem no finalzinho**... aí eu tirei a foto... mais eu **não gostava não**... – Vitória.

Tudo em Vitória parece começar no tempo. Começar não, ficar. O tempo parou lá atrás, em suas vivências traumáticas. Portanto parece que ela se desenvolveu precariamente, com uma visão de mundo pura, ingênua, infantilizada mesmo. Está plenamente identificada e aparentemente presa ao papel que congelou de sua existência, o de vítima, então “encarna” sua identificação. Merleau-Ponty (1999) usa este termo – encarnar – para se referir ao fato de a totalidade do Ser manifestar-se de modo coerente e consistente, como que encarnada, sendo o corpo uma expressão da fala.

William James (1890 *apud* MALDONADO, 2008) compreendeu que a consciência se dá no tempo e que está aberta a uma constante transformação, apresentando a famosa expressão “fluxo de consciência”. A consciência do tempo é, por conseguinte, consciência de um tempo e de um ritmo extremamente mutáveis. Para Maldonado (2008), disso decorre que tempos cronologicamente iguais podem ser significativamente distintos no âmbito da vivência. Em um certo aspecto, o fluxo de consciência tem um ritmo natural próprio e endógeno dependendo da energia, arrebatamento, cansaço, vigília, possuindo graus variáveis de clareza, anomalias próprias e específicas, e formas patológicas. O tempo se apresenta de maneira linear em sua manifestação neurobiológica à consciência, já no âmbito intencional ela é completamente autônoma do “tempo objetivo”: o presente, o passado (memória), o futuro (projetos) dependem do grau de diferenciação da consciência intencional (MALDONADO, 2008).

Uma verdade, de fato, só pode ser apreendida em seu devir, devir que não pode ser um conjunto computável de atos psíquicos, mas temporalidade vivenciada. Nesse sentido, o processo temporal não representa uma parte real do fluxo das experiências, mas uma imanência ideal mediante a qual sempre podemos retornar às evidências adquiridas, antecipando outras, novas, e abrindo um horizonte de potencialidades infinitas (VARELA, 1997 *apud* MALDONADO, 2008 p.41).

William James (1890 *apud* MALDONADO, 2008) compreendeu que a consciência se dá no tempo e que está aberta a uma constante transformação, apresentando a famosa expressão “fluxo de consciência”. A consciência do tempo é, por conseguinte, consciência de um tempo e de um ritmo extremamente mutáveis. Para Maldonado (2008), disso decorre que tempos cronologicamente iguais podem ser significativamente distintos no âmbito da vivência. Em um certo aspecto, o fluxo de consciência tem um ritmo natural próprio e endógeno dependendo da energia, arrebatamento, cansaço, vigília, possuindo graus variáveis de clareza, anomalias próprias e específicas, e formas patológicas. O tempo se apresenta de maneira

linear em sua manifestação neurobiológica à consciência, já no âmbito intencional ela é completamente autônoma do “tempo objetivo”: o presente, o passado (memória), o futuro (projetos) dependem do grau de diferenciação da consciência intencional (MALDONADO, 2008). “Portanto, o existir e transcender possuem o mesmo significado que é o de lançar-se para fora, ultrapassar a situação imediata, que também quer dizer temporalizar” (FORGUIERI, 1993, p. 42).

O fluxo de consciência de Vitória denota ter sido arrebatado pelo “acontecimento”, encontrando como forma mais autêntica de expressão permanecer como que “gritando” até que a mãe e o mundo a escutem: “Eu **sou** vítima!”. Sim, ela se expressa como condenada com o verbo no presente e não no passado. A não superação do trauma, mais que as dores, traz a impossibilidade de seguir adiante. Não há o que fazer senão buscar o reconhecimento de que está ali esperando ajuda. Ainda, Vitória se mostra traumatizada com o vivido, talvez porque nunca tenha sido ouvida verdadeiramente pela mãe, que fechava os olhos para as ocorrências e culpabilizava a vítima, protegendo o agressor, o qual, consciente de sua hegemonia, foi ficando mais ousado.

Contextualizando, o lar de origem de Vitória também continua imobilizado. As reproduções dos papéis se dão como sentenças: a mãe até hoje nega o ocorrido e pressiona a neta de 5 anos para retirar o dito. Seus irmãos são reprodutores da violência sexual, ou física, com os papéis e o fluxo estagnados. Até hoje não se conversa sobre o ocorrido. Consequentemente não acionam a consciência, não há devir, ou melhor, há um devir sem fluxo. Não usam a imanência temporal, consultando suas vivências e constituindo compreensões. O tempo fica e não se dá a instrumentação para a mudança, a qual os liberariam. O irmão mais novo, ao não fazer uso da temporalidade como reflexão, arrumou uma forma de parar o devir e suas ações que reproduzem a violência aprendida: sendo preso.

No trecho a seguir, Vitória relata parte do abuso da filha, quanto esta ficava com a avó e o avô em razão do seu filho ser recém-nascido. O excerto revela as tensões familiares.

Às vezes ela (a filha) ia se **trocar**, ou ia no **banheiro** “mijar”... **E ele ia atrás, disfarçando. Minha mãe via.... Ou às vezes via e não queria enxergar, como sempre, que ela fez com a minha irmã e eu....** E ela vê, e tipo assim, **ela vê a Rita (filha) como errada, também. Do mesmo jeito que eu. Ela não tá pegando muito carinho pela Rita não. Porque a Rita joga muito as coisas na cara dela** – Vitória.

Vitória parece constituir seu entendimento e suas respostas existenciais tentando buscar justiça, em razão de sua mãe não reconhecer explicitamente sua inocência, e por seu

irmão mais velho ter lhe entregue ao pai, sendo cúmplice, de modo violento, de uma violência. Isso culmina no fato de a maior parte sua família se posicionar contra sua atitude de denunciar o pai ao Ministério Público após o abuso de sua filha. Talvez esse seja o modo de fazer seu relógio voltar a andar. No entanto, com a denúncia, a tensão familiar aumentou. Hannah Arendt (2011, p. 295) reflete que o antídoto contra a irreversibilidade dos atos está no perdão do ofendido. E quanto à imprevisibilidade caótica que a ação desencadeia, esta encontra alento na promessa do ofensor e no cumprimento da mesma. O sentido está no reconhecimento de que essas são as potencialidades imanentes. As vicissitudes da irreversibilidade e da imprevisibilidade formam um par, sendo que o perdão serve para “desfazer” o feito e as promessas instauram um futuro, mas, para isso, há que se ter o reconhecimento do vivido e das suas potencialidades imanentes.

Nos trechos de Vitória, que apresentamos a seguir, são de momentos distintos e foram intencionalmente justapostos com o objetivo de demonstrar a idealização, somada ao sentimento que persiste, por ter se tornado atemporal, de ser vitimizada. Sua apreciação idealizada de mundo e seu o sentimento de vitimização se enredam contemplando a expressão de seu horizonte de sentido, constituído em sua vivência mais traumática. O trecho se refere à quando o irmão foi preso:

Era o que mais me ajudava (se refere a J.). Ele que mais me apoiava (triste). Mas é assim, né... – Vitória.

O próximo recorte se deu antes de seu irmão ser preso, quando lhe foi perguntado como confirmação de dizeres se J. era o que era a seu favor. Ela responde:

Não a favor é o A. o do meio. O J. É o mais novo – Vitória.

A contradição é externa, aparente, porque, em Vitória, seu modo de configuração latente do existir se dá sem que ela traga a luz da consciência, embora ela esteja ali. É assim que ela enxerga o momento, enfatizando o aspecto do que se perde. Depreende-se que, em seu modo de existir, ela sente-se vítima, sendo esta uma condição estática, cristalizada. Vitória afirma: “Mas é assim, né...”. Quando seu irmão lhe falta involuntariamente, ela vê o que havia de bom nesta relação, e o que vai faltar com sua ausência. A perspectiva do ângulo existencial maniqueísta fragmenta a compreensão, como se de um lado da face de seu irmão estivesse escrito bom e, de outro, mal, dependendo do lugar da observação e do referencial, bem como

acontece com a imagem do pai: pai-passado-maravilhoso, pai-presente-mal, pai-futuro-não confia (é o mesmo do presente).

Sobre o pai do passado:

É aquele jeito tipo assim oh...**com quatro ano até oito um pai maravilhoso. Tanto comigo, quanto com a minha irmã, nota dez, nossa... O pai super-homem** daquele jeito! Pai que **catava no colo, brincava. Comprava de tudo que a gente queria, pra pode agradá.** Chegava em casa **se vê a gente chorando,** falava **o que que você quer?** Aí já ia e comprava, pra pode agradar, **mais no final agente via que não era nada disso!** Era tudo pra outra coisa – Vitória.

Sobre o pai do futuro:

Agora diz que por conta do acontecimento com minha filha, diz que **ele tá parando. Mas eu não acredito que ele tá mudando,** eu **não acredito de jeito nenhum!** Todo mundo acredita que ele vai mudar que isso tudo, mas eu não acredito! – Vitória.

É possível que Vitória tenha se tornado idealista em razão da tendência das crianças, de modo geral, de idealizar os pais, e até mesmo devido à dependência intrínseca dos filhos em relação aos pais. Enfim, supõe-se que, quando pequena, tinha essa visão idealizada do pai, a qual foi brutalmente quebrada. O trecho a seguir parece confirmar a hipótese. Nele, Vitória comenta a tentativa da mãe de convencer a neta a retirar a afirmação sobre o avô e sua desistência de confrontar a mãe.

Eu prefiro olhá pra ela e vê que ela é a mãe a melhor do mundo, a mãe dez, porque tipo assim... olhá pra ela, conversá, e vê que ela é nossa... Eu acho que isso vai duê muito... Então aí eu deixo do jeito que tá... – Vitória.

Arendt (2011, p.295-296) elucida que, sem o perdão, a capacidade de agir fica “limitada a um único ato, do qual jamais nos recuperaríamos”, e acrescenta: “seríamos para sempre vítimas de suas consequências”.

Em contrapartida, Arendt (2011, p.295-296) afirma também que “sem estarmos obrigados ao cumprimento de promessa, o compromisso, jamais seríamos capazes de conservar nossa identidade; seríamos condenados a errar, desamparados e sem rumo, nas trevas do coração de cada homem”. Assim, entende-se que o que coloca em fluxo o existir, dissipando suas dores, é o fato de que entre os erros, contradições e promessas se interpõe a vida em comunidade: “a presença dos outros que é o que confirma a identidade entre aquele que promete e aquele que cumpre” (ARENDT, 2011, p.295-296). No caso de Vitória, pode-se

observar que o par perdão e promessa não encontra efetividade, oscila; ela tem o perdão como tema, mas o coloca no âmbito religioso, sem realizar uma reflexão pessoal para assumir uma posição. Em relação ao pai, a colaboradora não pode crer nas promessas não cumpridas e, em relação à mãe, parece ter menos esperança ainda, pois ela não chega nem a se posicionar para tentar, explicitamente, optando pela sua idealização.

O posicionamento de Vitória, por conseguinte, na relação com o serviço da Secretaria da Assistência, é o de pontuar sua carência e sua vulnerabilidade. Ela se coloca como a pessoa que foi vitimada e que precisa de ajuda. E realmente precisa, todavia, parece não estar claro para si a sua possibilidade de empoderamento, em razão do todo acima descrito. Vitória aparenta mesmo estar presa no tempo e na consequente imaturidade, a espera de um resgate, o que consiste, em parte, em uma visão estática da existência. Como exemplo dessa situação, a colaboradora disse à assistente social: “eu disse pra vocês que era por isso que eu precisava de uma casa”. Então, como visto, ela, por vezes, percorre as palavras ditas e ouvidas, como se elege-se prioridades existenciais. Na perspectiva de Vitória, os outros devem saber do que ela precisa, sob o seu ponto de vista. Assim, o mundo parece ser grande e dos grandes. Por consequência, ela se sente pequena e mais vulnerável ainda, presa no tempo de sua dor. Com isso, ela tem muita dificuldade compreender como as coisas funcionam e parece crer que o que sabe é o que tinha para saber, afinal tomou ciência das “coisas da vida” (o segredo dos adultos) muito cedo. A princípio, o segredo que se perpetua em seu lar é aquele que ela está cansada de saber: seu pai é abusador. Então, não há mais nada a ter ciência. Com isso, Vitória ficou nesse limbo eterno entre o não ser grande, mas também não ser pequena. Nesse cenário e por consequência dele, a colaboradora demonstra sentir necessidade de que se estabeleça a justiça, mas sugere compreendê-la de forma estática, dicotômica, com relação ao que é certo e o que não é, de maneira pura e ingênua. Resumindo, a colaboradora parece querer parar o tempo do mundo também, como em uma foto, para que possa saber quais caminhos trilhar, considerando a sua realidade apreendida.

A temporalidade em Glória, sobretudo, sugere manifestar-se de modo a viver cada momento de maneira compartimentada, evitando intencionalmente fazer conexões que integrem seu passado com seu presente. É como se o seu passado fosse um calvário de portais fechados, que assim devem permanecer para evitar que contaminem seu presente mítico, ganhando suportabilidade:

Quero olhar pra frente! Pra trás... Olhar pra trás eu só vou chorar. Então tem que olhar pra frente! – Glória.

Sua mitificação do presente pode ser vista, por exemplo, quando Glória optou por considerar que o pai de sua filha, o qual até então considerava psicologicamente como opressor, teria “paz para oferecer”. Isso consolidou-se com a autorização de que sua filha de 4 anos passasse os finais de semana com ele. Com isso, a colaboradora denota um movimento de negação psíquica da realidade, dissociando o vivido das possibilidades futuras e não usando a totalidade de seu ser para compreender a situação.

Daí, não foi querer paz? Então tá aí a paz dele. Daí a gente ficou em paz. Ele vinha buscar as crianças no final de semana. Levava, depois trazia. Assim... a gente ficou com uma relação de paz – Glória.

O relato acima é mais um exemplo de que Glória vive em um presente mítico. Ressalta-se que não há como o presente ser realista sem que se acesse o passado para que a temporalidade/consciência construa um entendimento sobre o vivido e o transforme em “poder”, no sentido de potência, de conhecimento, nosso maior instrumento transformador.

É significativo destacar que o movimento de Glória repete a alienação negligente da mãe, que saía para trabalhar e “não se permitia ver” nada do que estava acontecendo.

Ao se referir ao ex-marido, ex-padrasto, a colaboradora afirma:

Se eu sair agora pra ir lá na casa dele... eu vou lá, entro, bebo café. **Entro, saio. Tudo em paz**, que não ficou, não ficou nada pra... – Glória. 57

Só que depois que eu separei dele... a gente ficou... Depois de um tempo a gente ficou numa boa. Ele via as crianças. **Eu deixava as crianças irem lá nos fins de semana** – Glória.

Possivelmente o que não ficou para traz e foi resolvido é o que foi problema enquanto juntos moravam: o direito ir e vir de Glória. Creio ser inimaginável passar dos 7 anos aos 33 anos sem ter sua autonomia constituída, seu sustento, pois suas necessidades e suas vontades todas precisavam passar pelo crivo daquele que havia sido seu padrasto e que a escolheu como objeto de desejos sexuais, antes ainda de esta saber o que são desejos sexuais. Foi a permanência nesta posição de submissão desde a sua primeira fase de desenvolvimento que compôs o entendimento de mundo de Glória. Parece-nos que, como sua mãe, ela desenvolveu uma resposta passiva diante da vida.

A mãe de Glória demonstra, além da dificuldade de perceber o que estava acontecendo em sua casa, ter dificuldades de articular o melhor encaminhamento para a situação depois de

revelada. Com os parâmetros normativos básicos de certo e errados confusos, não consegue agir em nome da protetividade, afastando-a de seu agressor após a situação abusiva ser deflagrada. A mãe fez o oposto: entregou a filha à situação, legitimando-a. Depreende-se que a compreensão de vida desta mãe foi um movimento similar ao de “entortar o quadro na parede para não se perceber que a casa estava torta”. Glória aceita a “arrumação” proposta, pois, ao ser perguntada sobre o que a mãe poderia oferecê-la, apesar de ela recontar que ficou na casa com o abusador– **“Eu, e ele abusando”** – responde que a mãe a ajudou a cuidar do bebê.

Ela me ajudou com o neném pequeno, né. Que... eu era uma menina, né. 14 anos... – Glória.

Aí que ela foi descobrir tudo... quando eu apareci grávida com 14 anos... que ela descobriu tudo... e ele se prontificou a assumir a criança, assumir eu. Daí nós passamos a viver... – Glória.

Daí ele assumiu, né, e a gente passou a viver [...] maritalmente. Eu, e ele abusando – Glória.

A colocação “apareci” grávida é uma reprodução de fala com cunho moral de julgamento. Isso parece ser confirmado quando é colocado que ele se “prontificou” a “assumir ela”. Ou seja, ela “apareceu” grávida: seus atos, provenientes de conduta não narrável, ocasionaram a gravidez. O ocorrido não foi abordado considerando-se o fato de que ele era esposo de sua mãe e que ela, que lá foi residir com 3 anos, via-o como figura paterna, já que ele era em torno de 30 anos mais velho e possuía saberes e poderes adultos e em relação de autoridade com ela, fato que o legitimou a manter um relacionamento abusivo com Glória, resultando em sua gravidez. No entanto, a situação de disposição a assumi-la parece ter sido considerada uma nobreza, como que corrigindo, portanto, a situação. A correção não teve um enfoque ético e sim um cunho moral pertinente às famílias do início do século XX, quando se resolvia situações semelhantes no âmbito doméstico com casamentos forçados e/ou arranjos familiares (DEL PRIORE, 2013).

Parece-nos que a mãe de Glória não possuía repertório aprendido para entender o que estava acontecendo, o que a levou a agir de modo mecânico e estereotipado. A atitude dela transmite algo como: “ouvi dizer ao longe que é assim que se faz”, sem problematizar o ocorrido.

O conceito de abuso, pelos parâmetros da normatização oferecidos pela OMS, provavelmente ainda está sendo construído na estrutura da psique de Glória, que residiu com

o abusador desde os 3 anos como figura paterna, até deixá-lo como esposo aos 33 anos, como ela mesmo relata, “*meio fugida*”. Provavelmente o que está alicerçando esta construção é a própria situação que a levou ao serviço da Secretaria da Assistência Social - CREAS, que foi o fato de ter perdido a guarda de seus dois filhos menores, por negligência, em razão de um quadro infeccioso na cabeça de sua caçula por contaminação por piolhos, não tratada adequadamente. Parece que ocorrido de o mundo e suas regras se interpoem entre ela e seus filhos menores em nome de uma obrigação de protetividade promoveu a intrínseca reflexão sobre o seu vivido. No entanto, essa reflexão a deixou confusa, pois possivelmente seus primordiais sentimentos de vergonha, medo, impotência e resignação para suportar o vivido também lhe impediram de refletir e elaborar para pôr a vida em fluxo. Tal situação é evidente quando Glória relata não ter pedido ajuda para sair da situação, demonstrando predominantemente seu sentimento de angústia, pois não consegue explicar a si mesma como as coisas foram se acomodando sem questionamentos.

Um estudo recente de Newsom & Bowman (2017) mostra que a dificuldade de enfrentamento da depressão e da ansiedade, para os sobreviventes da CSA, pode desencadear na manifestação de algumas estratégias inadaptativas, como desordem alimentar e alexitimia.

Alexitimia é um *déficit* cognitivo que dificulta o desenvolvimento da capacidade de um indivíduo de utilizar informação emocional para guiar pensamento e ações de maneira adaptativa e construtiva. Um dos instrumentos utilizados para construir a capacidade de identificar corretamente emoções em si e nos outros é a percepção. A resultante é que o indivíduo alexitímico possui dificuldade em caracterizar o próprio estado emocional, apresentando problemas para identificar e verbalizar emoções, assim como para distinguir sensações (MIGUEL *et al.*, 2010). Em razão de muitas vítimas serem abusadas dentro do próprio lar, por figuras de apego, a alexitimia pode se desenvolver precocemente (MCLEAN *et al.*, 2006).

Com o abuso precoce, alguns podem apresentar uma grande dificuldade para verbalizar suas respostas emocionais e, às vezes, mostram-se incapazes de identificar seus sentimentos sobre o abuso. Essa situação pode desencadear respostas relacionais como: bloqueios quanto à sexualidade e dificuldades em desenvolver relacionamentos saudáveis, como a incapacidade de confiar em si mesmo e em membros do gênero do seu agressor (BROWNE & FINKELHOR, 1986; CROMER & GOLDSMITH, 2010)

Eu não sei.. Eu não... eu mesmo não me entendo. Se era vergonha, se era não ver a possibilidade de ajuda, se era medo dele, se era aceitar a

situação. Eu não, eu não sei. **Não consigo identificar o sentimento** - Glória.

Eu mesma. Se fosse pra mim... escrever o que que eu sou, o que que eu fui (fala acelerada), o que eu fiz, eu não... não sei, porque não fiz. **O que eu senti, o que eu não senti. Eu não sei. Eu não sei** (sentimento de angústia). ...às vezes **eu fico pensando, será que eu não tive um... um certo grau de depressão? Essa dúvida fica no ar** - Glória.

Vitória também apresenta em alguns momentos sintomas deste quadro, contudo o dela pode estar agregado a mais alguma dificuldade cognitiva:

E tipo, **fica aquela confusão.** Entendeu (resmungo)... **Muito confuso!** – Vitória.

Tem hora, tem hora que eu fico, nossa... meu Deus, de boa. Mas tem hora, **tipo assim, os sentimentos, fica tudo embaralhado. Tudo confundido, sabe? Nossa!** – Vitória.

Considerando a situação familiar de Glória, esta se apresenta como se todas as mulheres caminhassem em um “*script*”, em que as coisas ocorrem “porque está escrito”, sem poder mudar o percurso através do referencial humano das escolhas. Parece que a história de sua vida é determinada por outros e só lhe resta cumprir a parte que lhe cabe, sem questionamentos. Nos trechos abaixo vê-se as histórias de dor e passividade de nossas colaboradoras:

Então, **uma tinha que ficar brincando com ela, pra poder a outra ir lá... ser abusada. E minha mãe trabalhando fora** (diminui o tom de voz) – Vitória.

Ele não era violento, né. Mas pra uma criança de nove anos, não é fácil aguentar certas coisas, né (diminui o tom da voz) – Glória.

Parou (a mãe, de viver maritalmente com o padrasto). Parou (repete em tom baixo). Parou, mas ela não arrumou ninguém. Ela ficava lá... só do trabalho pra casa, da casa pro trabalho – Glória.

[...] **e as crianças minhas, foram crescendo, vendo o pai viver com a mãe e com a tia ao mesmo tempo** [...] – Glória.

Apesar de na narrativa de Glória estarem presentes problematizações, como quando afirma não ser fácil aguentar certas coisas e quando relata o que os filhos presenciavam, ao ouvi-la, é evidente o tom de resignação, submissão, em um movimento totalmente passivo, como apenas relatando um fato, mas não o questionando. Tal situação denuncia um trauma,

um movimento que dissocia os afetos das palavras. Nesse momento, não se dá o resgate de sua não existência. Literalmente quem dá luz à sua existência é a mãe, talvez por isso Glória diga que a sua maior riqueza são seus filhos e em nome deles não se arrepende. Esse não existir, da qual insinua ser portadora, parece que clama por um “parto”. Talvez, indiretamente, ela almejasse vir a Ser ao “dar à luz”. Entretanto só se nasce de uma mãe. E como nascer de uma mãe que ainda não existe? Não podemos nos esquecer que, ao ser perguntada se a mãe não ofereceu ajuda quanto à situação abusiva que vivia, ela responde que a mãe a ajudou cuidando do bebê, não conseguindo sequer compreender o que seria protetividade. Com essa resposta a colaboradora deixa claro que, o não entendimento se dá por completa falta de repertório intrínseco. A mãe é só função: ela ajuda a cuidar do bebê, ela se sente atuando (função), quando oficialmente entrega (“altruísta”) a filha ao marido, porque ele está a assumindo. Qual é a visão que estas mulheres têm do feminino? Obviamente, em primeiro lugar, como objeto de posse de um masculino, mas também como frágeis, pequenas e submissas ao tipo de afeto que lhes é proposto. É coerente pensar que, para um pedófilo e abusador, relacionar-se com mulheres tão submissas, que o livra do ônus da culpa e que oficializa seu “direito de posse” é algo muito interessante. A coisificação nega a intencionalidade do ser. A mãe se apresenta assim, coisificada. Sua não presença se depreende, além de através de sua não protetividade, pela falta de movimento de autodefesa, sem desejos, sem vontades e afetos reativos. Ela é coisa que se coloca de lado para que “tudo fique bem”. Glória explica assim a aceitação pacífica da mãe:

É, ela (a mãe)... é bem tranquila assim, igual eu né... não é de briga. “Ah, engravidou ela? Vai assumir? Então tá bom. Então vai assumir”
(tom resignado) – Glória.

Tudo é dito em tom de passeio no parque. Se é só um “*script*” nessa latência da existência dessa profunda carência que resulta dessa falta essencial, da qual sem ela não há como ser porta-voz de sua existência, ela precisou criar a ideia de mãe. Portanto, como mãe, o mundo é “cor de rosa”: com a idealização, o mundo se torna possível. Com base nessa ideia é que Glória construiu a sua maternagem.

Labronici *et al.* (2010) afirma que as vítimas podem portar efeitos permanentes em sua autoimagem e autoestima, o que diminui seus recursos de proteção, e consequentemente tornam-se mais disponíveis a aceitar a vitimização como parte de sua condição. Isso gera ansiedade e medos que, por serem constantes, trazem associações que predispõem a antecipações de situações futuras.

Se é muito confiável um homem (risos). É... **eu não sei. Sinceramente, meu pensamento, acho que é melhor ficar só eu e pronto.** Pra eu poder se relacionar com um homem... aí... (fala em tom baixo/ pausa prolongada). Eu não sei nem o que dizer – Vitória.

No trecho a seguir, Vitória se refere ao porquê teme os homens e o marido de sua irmã, o qual, em determinada situação, bebeu e tentou 'ficar' com a própria irmã dele:

Tipo, eu tenho medo, tipo assim: Eu tô lá. Sou solteira. Sou mãe solteira. Tô lá com os meus filhos, né. E aí ela vai trabalhar e fica eu e ele lá sozinho. Eu não sei (fala pra “dentro”), sei lá, eu fico meio... Às vezes eu acho que é **melhor ficar aqui no meu canto...** Não sei – Vitória.

Infelizmente as duas colaboradoras demonstram autoestima abalada, pois se envolveram com novos parceiros violentos, apresentando poucos recursos de proteção, somados à aceitação da vitimização como parte de sua condição existencial. Vitória, atualmente, parece se proteger um pouco mais, pois sua confiança nos homens ficou abalada, no entanto o recurso utilizado é mecânico, não elaborativo, simplesmente mantendo a distância. No relato a seguir Vitória se refere à violência promovida pelo ex-marido, usuário de drogas:

Trancava. Só que, mesmo assim, tinha uns intervalos, que ele chegava lá. [...] Aí ele pegava e ficava **procurando se tinha homem** ou não. Aí saía de volta. Aí tinha hora que ele **chegava pra me bater mesmo.** Me bater mesmo (fala em tom baixo). Mesmo ele me trancando ali... que **tinha como entrar sim, pular o muro do quarto.** Mas como, gente? Pular o muro do quarto? – Vitória.

Se minha mãe soubesse a minha mãe ia me trazer pra casa de novo (fala enfática) e aí **ia ficar perto do meu pai.** Tipo, ela não ia resolver muita coisa. O que adiantava ela... na, **na mão de um... que é ruim, pra por na mão de outro?** Então não adiantou de nada (fala em tom baixo). Então eu vou ficar aqui (com o marido). Aí ficava – Vitória.

Um estudo fenomenológico com seis mulheres sobreviventes de (CSA) Children Sexual Abuse apresenta resultados de suas buscas de superação do vivido. Embora os caminhos tenham sido diferentes dos das colaboradoras em análise, a proposta foi a mesma: libertar-se dos efeitos da CSA em sua autoimagem. As participantes ressaltaram que foi necessário atingir um ponto de autoconsciência para conseguir a compreensão de que "CSA não é uma identidade" e "não me define". As participantes enfatizaram que a mudança

ocorreu nos relacionamentos com seus parceiros e que passaram a reconhecer e questionar entendimentos disfuncionais e expectativas de relacionamentos estabelecidos por meio da CSA. Identificados os problemas em suas premissas e expectativas, trabalharam para delinear um funcionamento saudável em suas relações íntimas (NEWSOM & BOWMAN, 2017).

No caso de Vitória e de Glória, este ponto de autoconsciência não parece ter sido alcançado ainda. Pelo contrário: Vitória parece viver a condição da CSA ainda e, no caso de Glória, para que a superação aconteça é necessário que pare de negar o vivido.

Compreender as vivências das colaboradoras torna possível apreender qual horizonte de sentido mobiliza a expressão essencial de cada uma. Segundo Hannah Arendt (2011), essa revelação de quem alguém realmente é está implícita tanto em suas palavras, quanto em seus feitos. A autora alega que a resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado – “Quem és?” – encontra-se na íntima relação entre ação e discurso.

Em alguns momentos, Glória demonstra que seus questionamentos existenciais, quando se aprofundam, trazem muita angustia, manifestando um conflito que elucida a famosa questão do “ser ou não ser”, protagonizada por Hamlet, de Shakespeare, que traído pela mãe e pelo tio, os quais assassinaram seu pai, o rei, passa a questionar toda a sua existência. Assim se mostra Glória:

Se fosse pra mim... Escrever o que eu sou, o que eu fui, o que eu fiz, eu não... não sei, porque não fiz. O que eu senti, o que eu não senti. Eu não sei. Eu não sei. Às vezes eu fico pensando, será que eu não tive um... um certo grau de depressão? Essa dúvida fica no ar – Glória.

Será que esse posicionamento de Glória não elucida sua possível estratégia de suportabilidade, desenvolvendo um olhar otimista, não realista, idealizado? Tautologicamente, esse modo de lidar com a situação a coloca em vulnerabilidade, por alimentar a passividade e fazer com que não estruture defesas existenciais eficientes para evitar de dores baseando-se em uma realidade palpável. A colaboradora não vê para que pensar o passado passivo, literalmente, pois já passou e, assim pode suportar tê-lo vivido. Pelo menos solitariamente, como havia sido até então, Glória não tinha nenhuma construção elaborativa, somente retorno ao sentimento de impotência. Com isso, concentrou-se no aspecto existencial possível, buscando conhecimento para o mundo do trabalho, o qual geraria o fortalecimento de sua autonomia, assim como Scarlett O’Hara, em “O vento levou”, a qual, em cena clássica, enfia a faca na terra e jura nunca mais passar fome na vida. Sua alma encarcerada a uma situação sem fim, ao finalmente se libertar, jurou não mais ser dependente

na vida, dedicando-se a construir sua liberdade. Parece que anterior à questão da invasão sexual, a privação da liberdade se faz proeminente, no caso de Glória, fato que é coerente se considerarmos o aspecto de que livres e com instrumentos de saberes fortalecidos temos escolha.

7.3 Enfrentamento do abuso

“Nosso próprio corpo está no mundo como o coração no organismo: ele mantém continuamente em vida, o espetáculo visível, ele o anima e o nutre interiormente, forma com ele um sistema” (MERLEAU-PONTY, 1971, p 210 *apud* FORGUIERI, 1993, p. 30).

Esses corpos, que estavam inseridos nestes sistemas perversos, sendo cotidianamente atravessados como coisa, parecem ter resultado em dois eixos distintos: em Vitória, a espera de um resgate e, em Glória, um desejo infindável de liberdade. Nas formas de expressões, curiosamente, a primeira, a que trava um enfrentamento proativo no quesito protetividade das crianças, é passiva, resignada na espera do resgate de sua existência. A segunda, paradoxalmente, pois mais passiva e submissa, sendo a que ficou por mais tempo na condição abusiva, realiza um enfrentamento proativo, desenvolvendo uma busca contínua quanto à construção de instrumentos para a sua libertação/autonomia, apresentando passividade apenas quanto à protetividade de seus filhos, dando manutenção ao ciclo de violências, como fez sua mãe, em conduta negligente.

As formas observadas de enfrentamento do vivido que iremos explorar, tiveram seu entendimento organizado da seguinte maneira: ou negar o vivido, ou ressignificá-lo, oportunizando a transformação existencial. Nesse cenário, a idealização se apresenta como uma forma criativa de realizar a negação do vivido. A tentativa ou desejo de suicídio se mostram como um movimento de busca de ruptura com o vivido. A fé e resignação se constituem como uma resignação passiva com a vivência, ou como busca de um alento transcendental. Já a fuga, movimento que é concreto de evitação, contudo menos radical do que o de ruptura, é primeira etapa para construir a significação, desenhando-se primeiramente pela preservação do corpo. O trabalho/educação também se apresenta como uma forma de fortalecimento e estruturação para autonomia. Finalmente, a ação protetiva, ou negligência, é a resultante do enfrentamento que se apresenta como elaborativo, ou seja, transformador, no caso da protetividade, ou como reproduzidor do ciclo de violência.

Glória se mostrou emaranhada com a primeira forma de enfrentamento, sendo que, por mais dolorido que seja, há que se aceitar o vivido para caminhar para a ressignificação, sob pena de, ao negar, não conseguir proteger, cair na reprodução do vivido.

Enquanto Glória, no âmbito pessoal, protege-se mais hoje, mas também reproduz a negligência em sua maternagem, colocando em fluxo o ciclo da violência, Vitória que tenta ser mais protetiva como mãe, vulnerabiliza-se na relação. Esta viveu no casamento precoce, realizado como fuga da situação doméstica que vivia, a reincidência do sentimento de impotência que vivia com o pai, sofrendo mais violência ainda do que na família, contudo parece sofrer menos do que com a dor que teve em seu lar de origem:

É, eu ficava. Eu (fala enfática) **ficava lá trancada**, ficava lá pensando assim “ah, pelo menos aqui... **eu tô fugindo do meu pai, mas aqui... eu tô sofrendo** (fala acelerada)”. Aí eu ficava (triste/fala em tom baixo) **só conversando com Deus**, o tempo todo. Aí eu ficava... ficava ali batendo papo com ele, ali. Ali naquele (fala em tom baixo/ resmunga)... Às vezes ligava a televisão. Assistia. Ficava... né. A vida toda. [...]Aí pronto. Eu saía... de volta. Tá tudo bem. “E o Jó tá bem? Tá, tá bem”. “Trabalhando?” Trabalhando (fala pra dentro/ em tom baixo/resmunga). Porque, tipo assim, se minha mãe soubesse, a minha **mãe ia me trazer pra casa de novo (fala enfática) e aí ia ficar perto do meu pai**. Tipo, ela **não ia resolver muita coisa**. O que adiantava ela... na, **na mão de um... que é ruim, pra por na mão de outro?** Então não adiantou de nada (fala em tom baixo). Ficou naquela (fala em tom baixo). Então eu vou ficar aqui (este aqui se refere a estar longe do pai) (fala em tom baixo). Aí ficava. (Resmunga) – Vitória.

As hipérboles e a infantilização em Vitória, no trecho destacado, quando se refere à mãe, possivelmente estão à serviço do desejo de uma mãe ideal. Contudo, a mãe, por sua vez, nesse contexto, realmente pode ter apresentado alguma protetividade, em razão da situação não trazer ameaças ao seu casamento:

Quando conseguia sair pra casa da minha mãe, ir pra minha mãe, eu falava pra minha mãe, que minha mãe perguntava (fala acelerada), que **ela se preocupava muito comigo**. “Ah, tá tudo bem? Não, tá tudo bem”. Aí **me dava de comer, eu comia...** – Vitória.

Vitória mostra-se em busca de atenção e de cuidados maternos de modo explícito, quer seja pedindo, quer seja se vulnerabilizando – ao preocupar a mãe, quem sabe conquista sua atenção e seus cuidados. A teoria do apego sustenta que o bom e saudável vínculo inicial mãe–bebê aumenta a probabilidade de a pessoa se tornar independente no futuro, pois é a segurança estabelecida no apego que permite que a criança se aventure de maneira confiante no mundo (DE TONI, *et al.*, 2004).

Glória, por sua vez, parece buscar sua mãe dentro de si:

É, ela (a mãe)... é bem tranquila assim, igual eu né... – Glória.

De algum modo ela a encontra, pois acaba por reproduzir a negligência sofrida.

A ausência materna é evidente na história das duas colaboradoras, entretanto de modo distinto. Os conjuntos de expressões apresentados pelas colaboradoras sugerem a existência de uma correlação entre a ausência materna, a idealização e a vulnerabilidade. Possivelmente se possa compreender o início da construção da necessidade de idealização materna através da teoria de Bowlby (1969 *apud* DE TONI *et al.*, 2004), o qual denominou o vínculo mãe-filho “apego”, reconhecendo que este vínculo inicial é a base por onde os outros laços são construídos. O autor afirma que, no caso da espécie humana, em razão da dimensão do nosso cérebro, o tempo de gestação deveria ser de 21 meses. Portanto, diferentemente dos outros seres, ao nascer, apresentamos muitas fragilidades/vulnerabilidades que demandam cuidados parentais prolongados, condição esta que acaba por promover tanto o nascimento do apego, quanto o desenvolvimento da instituição da família. Essa situação induz ser ardilosa a natureza, desde suas origens, instrumentando-nos para abertura ao outro e ao convívio em comunidade. Bowlby (1989 *apud* DALBEM & DELL’AGLIO, 2005), afirma que as primeiras relações de apego, construídas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo, ao longo de sua vida, e que este comportamento específico fundamenta as condutas de um indivíduo para alcançar ou manter proximidade com outro. À função de suprir a necessidade de proteção e segurança, B. Golse (1998 *apud* DALBEM & DELL’AGLIO, 2005) acrescenta que, embora este comportamento seja instintivo, ele evolui ao longo do ciclo da vida, sendo que somente o potencial é herdado. O aspecto paradoxal é que há evidências de que as crianças também se apegam a figuras abusivas, sugerindo, portanto, não se estabelecer somente por associações de prazer. Ou seja, o comportamento se desenvolve na criança tanto quando seus cuidadores respondem às suas necessidades fisiológicas, quanto quando não o fazem Cassidy (1999 *apud* DALBEM & DELL’AGLIO, 2005). Provavelmente isso pode estar relacionado ao fato de estarem os abusadores na condição de cuidadores, disponibilizando-se como figuras de afeto, o que, no contexto, de algum modo, elucida a busca de correspondência afetiva das colaboradoras para com suas mães, sugerindo uma idealização da figura materna como compensação da lacuna afetiva e de cuidados.

No caso de nossas colaboradoras, é possível que, em razão da ausência materna, ambas tenham se colocado em posição de busca para o encontro deste cuidado afetivo, o que, de algum modo, deixou-as disponíveis, vulnerabilizadas para viver a violência. Ao não

encontrarem o cuidado e a atenção materna necessários, depararam-se com a violência, e, então, parece que encontraram refúgio na idealização como amparo existencial.

Em razão da lacuna afetiva desenvolvida por esta ausência, a criança negligenciada torna-se um adulto vulnerabilizado, o qual, por não ter havido uma adequada referência de cuidado, também deixa-se suscetível a situações abusivas. Talvez esta condição existencial da necessidade de apego, a qual não foi acolhida adequadamente, somada à leitura instintiva de um pai/padrasto, com interesses escusos, da carência/vulnerabilidade das crianças, engendre o território de ação do abuso com sedução, quando é do tipo “não violento”. Com a ocorrência do abuso, parece ser ampliada a construção da mãe idealizada. Com os dois parentais responsáveis pela introdução do Ser no mundo da vida encetando vivências traumáticas, as referências fundamentais comprometem-se, fato que induz a instauração de uma idealização de mundo e, conseqüentemente, de uma ingenuidade que abre portas para uma vulnerabilidade constante.

O abuso emocional e a opressão mantiveram Glória aprisionada em seu medo. Ela se arrepende, alega que hoje faria as coisas de outro modo, ou seja, parece reconhecer, de algum modo, que isso a impediu de tentar uma construção existencial mais cedo. Até por sentir que foi possível, parece que ela mesma não encontra respostas para uma decisão que por muitos anos não pôde ser tomada: a de ir embora. Ao olhar agora, isso não lhe faz sentido. Seu movimento de negação da vivência parece tê-la impedido de construir possibilidades de enfrentamento eficientes mais cedo, assim como de compreender o que ocorre agora quando as coisas não funcionam (*maternagem versus* direito de namorar).

O abuso emocional age assim, silenciosamente, e, a longo prazo, suas consequências são imensuráveis. Tal situação pode ser ilustrada pela história do elefante adulto, que foi preso por uma corda em uma estaca de madeira na terra quando pequeno. Todas as vezes, ao tentar sair, machucava-se, levando-o a, depois de um tempo, não tentar mais. Somente depois de adulto, passado bastante tempo, o elefante percebeu que sua pele é grossa e, sua força, imensa. Analogamente, isso ocorre com nossas colaboradoras porque, em qualquer tentativa de desprendimento, a memória da dor se faz presente, como se a dor de fato fosse a mesma. Porém não é. Quando consegue superá-la, nunca mais poderá ser presa do mesmo modo. Um dos entraves dessa superação é a confusão mental, já que, por ter vivido experiências adultas muito cedo, a criança não sabe separar sua vivência infantil e adulta. Fica mais difícil limitar o fim de um e o começo da outra, pois ambas foram atravessadas pelo abuso, o que as entrelaça e faz com que se tornem adultas ingênuas, justamente por terem sido crianças com a pureza roubada. Os trechos abaixo mostram seus movimentos de ressignificação do vivido:

Se eu pudesse voltar atrás eu tinha feito há muito mais tempo... - Glória.

É, não foi **tão** difícil, eu tive que **sair fugida, escondida** de lá. Escondida - Glória.

Ao mesmo tempo em que sente não ter sido tão difícil, Glória saiu escondida e não contou nem para a irmã, a qual vivia nas mesmas condições abusivas. Apenas pegou os filhos e foi. Porém, desta vez, ela contou com a ajuda da mãe a qual, na ocasião, ajudou-a no processo. Assim, Glória parece concluir que foi difícil, mas possível, libertar-se da situação vivida. Nesse quesito, Glória usa a consciência reflexiva a seu favor, podendo construir mudanças nas áreas em que se propõe questionar.

O aspecto social do enfrentamento no Crescimento Pós-traumático também foi observado em uma amostra de sobreviventes de abuso emocional, físico ou sexual, na infância, para os quais ocorreram mudanças no contexto de sentir-se nutrido e validado nas relações interpessoais (WOODWARD & JOSEPH, 2003). Nesta situação, Glória demonstra que, havendo o acolhimento tão desejado, sentiu-se fortalecida. Assim, ficou clara a sua inteligência e vontade de apropriação de saberes, no entanto, quanto à protetividade, talvez ainda não a tenha colocado em pauta reflexiva, mantendo-se absolutamente passiva diante das ocorrências, enquadrando-se em condutas negligentes. Paradoxalmente, ela coloca seus filhos como a alavanca de sua superação:

Ao ser perguntada se teria alguma coisa boa que teria conseguido construir em meio às coisas difíceis que viveu, a colaboradora responde:

É, tem **os pontos positivos sim**, né. Uma das coisas boas que eu tive de tudo isso **foram os meus três filhos**, né. Eu já disse isso. Não me arrependo em nenhum minuto de ter tido eles (pausa). E... sei lá (pausa)... de **ser uma pessoa retraída, calma**. Isso **também ajuda a gente um pouco na vida**, né; **ser calma, ser tolerante com as coisas**. Também ajudou. **Me ajudou** – Glória.

Curiosa e paradoxalmente, Glória vê como aspecto positivo o que nomeia “ser retraída”, alegando que isso a ajuda. Parece querer dizer: ser controlada para conseguir conter sentimentos (retração), manter a calma e desenvolver tolerância. Sugere que este autocontrole lhe viabiliza resgatar um pouco do poder retirado pela vivência abusiva.

Pra mim é a **maior riqueza que eu tenho na vida**, apesar de ter sido... De ter vindo da forma que veio, né. Mas pra mim é... eu **não me arrependo**

nem um minuto. Se eu pudesse voltar atrás... eu faria tudo... eu concebia eles do mesmo jeito. Por amor (fala convicta) – Glória.

Embora sinta amor por seus filhos, Glória tem dificuldades de manifestá-lo no território do cuidado, apresentando conduta negligente, entendida aqui como uma continuidade de sua passividade existencial, apresentando também omissão passiva diante dos fatos. Os episódios de negligência ocorreram com sua filha caçula: devido à falta de higienização e cuidados com a saúde, a menina desenvolveu uma infecção bacteriana, que a levou a ficar 17 dias internada. Como consequência, ela tem buracos na cabeça, sem crescimento de cabelo.

Glória mostra sua passividade até quando narra a proatividade da irmã que “preferiu” ficar com seus filhos do que os deixar ir para o abrigo, quando perdeu a guarda. A colaboradora, ao recontar esse fato, apresenta desconforto, mas não grande angústia ou desespero. Diminui também o quadro de gravidade da criança, chamando-o de “probleminha”, fato que pode estar à serviço da tentativa de construção de uma boa imagem, em razão de, no momento, desejar recuperar a guarda das crianças.

Eles iam pro abrigo, só que minha irmã, daí a minha irmã **preferiu** se... prontificou a ficar com eles, né – Glória.

Foi um **probleminha** que a menina, a minha menina teve **no couro cabeludo**. Daí (gagueja) teve que ficar internada. Eu **fiquei lá com ela no hospital, 17 dias, ficou internada** – Glória.

Ela (gagueja) pegou uma **bactéria na cabecinha** dela. Começou com **piolho**. Pegou piolho na escola, né. Começou a dar **feridinha**... E eu trabalhava, nesse restaurante que eu tava, trabalhava de domingo a domingo praticamente – Glória.

Outro episódio de negligência de Glória é a situação de deixar as crianças com o pai, nos fins de semana, fator que desencadeia o ciclo abusivo. A situação foi deflagrada pela irmã caçula (filha legítima do abusador), que é protetiva e viu a sua filha brincando com a filha de Glória, ambas peladas dizendo que estavam namorando. A filha da colaboradora diz ter aprendido tal prática com o pai.

Só que depois que eu separei dele... a gente ficou... Depois de um tempo a gente ficou numa boa. Ele via as crianças. **Eu deixava as crianças irem lá nos fins de semana** – Glória.

Daí a minha menina falou que aprendeu com o pai. Que via o pai namorando com outra mulher que ele arrumou, né. Daí **eu fui e fiz um B.O contra ele**. Tá na justiça. Tá correndo. **Fiz um B.O. Só que aí a gente levou ela pra**

fazer o corpo de delito e não deu nada, né. Não deu abuso. Ela chegou, chegou a falar que ele fez “xixi” nela. Só que aí a gente não entende que “xixi” foi esse, né. E ela é pequenininha. A gente não sabe... Criança, às vezes, fantasia alguma coisa. **Por via das dúvidas, eu fui na mesma hora... e fiz o B.O.** Minha irmã especulou ela, porque nesse dia ela tava na casa da minha irmã, né (fala em tom baixo), passando o fim de semana lá. Daí minha irmã especulou ela, né (fala em tom baixo). Ao mesmo tempo que fala, já “desfala”. **Esquisito. Mas eu fui, mesmo assim fui. Fiz um B.O, contra ele** (fala em tom baixo) – Glória.

De que lugar vem o estranhamento do abuso, considerando que conviveu por aproximadamente 30 anos com o pai de seus filhos, sendo vítima dele, desde os oito? Imagino que venha do fato de a casa do pai ser um lugar que tinha confiança para deixá-los ficar, ou seja, da dificuldade de aceitar o vivido, faz-se a negação. Essa confiança fez até com que as visitas fossem possíveis, já que estavam bem resolvidos, podendo, até mesmo, tomar café juntos. Diante desse cenário, seria necessário que Glória usasse da reflexão e do questionamento para que pudesse haver a compreensão do vivido. Também isso deveria ser feito, em nome da protetividade e do direito das crianças, quando acentua sua vulnerabilidade devido ao pai de seus filhos não contribuir economicamente com o sustento deles, o que, na prática, gera consequências, pois ela tem dificuldades econômicas concretas:

Não, mas isso eu nunca fui atrás. Até hoje... Até hoje ele trabalha só por conta. Não tem muita renda, então... preferi nem... – Glória.

Presume-se que, por não ter tomado sua existência em suas mãos (por deixar as portas do passado fechadas, por viver intensidades fragmentadas da totalidade de seu ser e por construir idealizações), isso em relação à presença pacífica e passiva que revela nos encontros com o pai de seus filhos, não houve má fé voluntária, e sim, na verdade, muitas deficiências no seu processo de apreensão de dinâmicas, as quais, de fato, não recebeu como referência para a aprendizagem.

No B.O. feito por Glória consta que a criança, em seu depoimento, declara que, além do “xixi”, o pai esfregava o pênis em sua vagina.

Posteriormente, depois que seus filhos voltaram para sua casa, pois sua irmã que estava com a guarda deles pediu para que ela cuidasse deles, já que estava grávida do terceiro filho e estava sobrecarregada cuidando dos quatro, aconteceu de seu filho de 11 anos aparecer com o olho roxo na escola. Tal situação levou a escola a acionar o Conselho Tutelar, pois o menino relatava ter apanhado do atual namorado de Glória. Após este episódio, em reunião com toda a rede protetiva – CREAS, SEAVIDAS, Conselho Tutelar e o promotor da infância

– ficou resolvido o abrigamento das crianças. Atualmente, seu filho de 11 anos está morando próximo de sua casa com seu filho mais velho, de 21 anos, e sua filha voltou a morar com sua irmã. Glória afirma que agora terminou o relacionamento com o namorado, deixando evidente sua conduta passiva.

A gente conversô e **tudo era contra** né. Tudo era contra então a gente chegou à conclusão que tinha que separá – Glória.

A situação com os meus filho, que eles não gosta dele. Família também que ninguém era a favor, por causa do passado dele (bebidas) – Glória. 80
A gente se dava muito bem – Glória.

O movimento de Glória é funcional. O mundo diz que ela não pode ficar com seus filhos se ela estiver com o namorado, então ela não fica. Contudo, não faz a reflexão necessária para construir conclusões sobre os ocorridos.

Relacionar-se com o mundo usando a totalidade do ser que integra o vivido e se traduz em saberes, através de uma disposição aberta, disponibiliza uma atitude em composição com a realidade.

Segundo Forguieri (1993) a verdade seria a adequação do conhecimento à realidade ou à coisa. Isso nos leva à conclusão de que a essência da verdade é a conformação da coisa com o conhecimento. Como um é concretamente presente e outro é um pensamento, logo, por serem distintos, não podem ser igualados diretamente. A sua conformidade solicita uma relação entre ambos que acontece por meio da abertura do ser humano à compreensão de suas vivências. É nessa abertura que ocorre a relação entre a coisa e o enunciado, e esta relação realiza-se “originalmente e a cada vez” com a eclosão de um comportamento.

“É somente desta possibilidade intrínseca da abertura, que mantém o comportamento, que a conformidade da proposição...realiza a essência da verdade” (HEIDEGGER, 1989, p. 126). Assim, Glória, que tanto quer sua liberdade, distancia-se dela, pois agora a vida solicita que, além de aprender a proteger o seu corpo, aprender a proteger o de seus filhos e buscar a essência da verdade de seu vivido, para legitimamente experimentar sua tão sonhada liberdade de escolhas. “A essência da verdade é a liberdade... a liberdade é a própria essência da verdade” (HEIDEGGER, 1989, p. 127).

Para Heidegger (1927/1999), O ser-aí já vem sempre envolto na autenticidade e inautenticidade, na verdade e na não-verdade, no velamento que acompanha todo o desvelamento... A fenomenologia heideggeriana vigiará o âmbito do velamento e desvelamento em que residem todas as

essências (p. 142). Acredita Heidegger (1927/1999) que é essa a vocação do homem: o ser de abertura e de relação (ser-aí e ser-com), que o coloca no mundo, junto a outros seres e entes (DUTRA, 2002, p. 376)

Para Heidegger (2002), o ser livre está em relação com. Contudo, ir ao mundo da vida, mobiliza-o a tomar consciência de si, de quem foi, de quem é, e de quem quer vir a ser, fazendo-o, portanto, ponderar e fazer escolhas. Glória começa a fazer estas reflexões 'quem sou, quem fui' mas , não pode concluir, seria necessário que estivesse sendo atendida em uma psicoterapia, para que no processo pudesse finalmente construir suas respostas sem diretividade. Creio que se beneficiaria muito. Assim, o sujeito leva em conta o fluxo do tempo/vida, com todo o vivido, criando condições ao seu existir atual, sabendo de si para tomar decisões considerando o mundo da vida, sua realidade e a coisa em si. Quando se coloca em abertura à compreensão de suas vivências, em relação à realidade, é que o sujeito é de fato livre.

Segundo Heidegger (2002), o vigor de ter sido “abre” o horizonte (no qual as presenças poderiam se recordar). Quando eu não me recordo do vivido, eu fecho as possibilidades do poder-ser. No entanto, fecho sendo. O que define a possibilidade de indecisão. O autor afirma que “existencialmente só é possível colocar-se diante do fato de estar-lançado inteiro no mundo da vida... se o ser da presença de acordo com seu sentido, for continuamente o vigor de ter sido” (HEIDEGGER, 2002, p. 137).

Quando Glória confunde ser livre com ter saído do "cativeiro", ou seja, identificando só a liberdade física como liberdade existencial, perde a referência da amplitude avaliativa que fazer escolhas demanda. Assim, não levando em conta seu vivido, restringindo o seu viver. Ela, ainda, identifica sua liberdade corpórea como a única liberdade. Assume a postura de realizar o básico da existência (o que por si já é grande) e o faz com maestria. Capacita-se fazendo cursos, adquirindo conhecimentos para manter a existência concreta de si e dos seus. É dedicada, mas não compreende quando as coisas não dão certo. Ela não dá atenção a si, no sentido de que não integra suas experiências para transformar parte do sofrimento vivido, em aprendizagem. Assim como sua mãe, também não se dá atenção, e, conseqüentemente, não pode dar aos outros, repetindo o ciclo não a dando aos seus filhos. Isto não lhe foi ensinado. Não se dá o que não se toma. Não existe no seu repertório de referências. Conclui-se, pelo menos neste caso, que se consegue compreender, através desta dinâmica familiar, como se dá o ciclo de reprodução da violência, no caso, na forma de negligência.

Manter-se aberto às próprias possibilidades, aceitar e enfrentar os paradoxos e as restrições da existência constitui a saúde existencial, que também está diretamente relacionada

a “como conseguimos estabelecer articulações eficientes entre a amplitude e as restrições de nosso existir” (FORGUIERI, 1993, p. 53). O ser doente “não dispõe livremente e nem normalmente de todas as possibilidades de relações que poderia manter com o mundo” (BOSS, 1975 *apud* FORGUIERI, 1993, p. 53). “Sua relação consigo e com o mundo encontra-se consideravelmente restringida” (FORGUIERI, 1993, p. 53). Quando os conflitos e limites não são reconhecidos e enfrentados, diante de suas múltiplas possibilidades, o ser adoece. O que não foi resolvido, então, torna-se demasiadamente ampliado e dominante em sua vida, como que um clamor para que se dê o enfrentamento (FORGUIERI, 1993, p. 53).

Caminhando na compreensão global de Glória, serão apresentados os trechos que se referem às coisas que valoriza e que as vivencia como “superações do vivido”. Além disso, nesses excertos, Glória relata as mudanças da nova fase, apresentando uma postura pacífica, não alimentando ódios, mágoas e desejo de vingança com relação ao pai de seus filhos. O que de fato ela revela é a concepção de um olhar com um tom “cor de rosa”, provavelmente constituído desde sua infância para suportar o vivido, indicando estar à serviço da idealização, coibindo respostas instintivas reativas de cunho defensivo ou agressivo. Existe a possibilidade de, em uma primeira instância, ela não querer denotar uma identificação direta com a violência, ousando dizer, reprimindo-a, o que insinua que, ao negar o vivido, vulnerabiliza a si e às crianças.

Ao se referir ao ex-marido, ex-padrasto, conta:

Se eu sair agora pra ir lá na casa dele... eu vou lá, entro, bebo café. **Entro, saio. Tudo em paz**, que não ficou, não ficou nada pra... – Glória.

Quando diz entro e saio refere-se ao período de 26 anos dos seus 36 de idade atual, em que não tinha esta liberdade, tendo conseguido libertar-se há apenas 3 anos.

Retomando uma pequena fração desvelada por ela de suas vivências, afirma:

Ele era muito ciumento [...]. A gente não saía sozinha. Só saía junto com ele. [...]. A gente era totalmente presa (fala triste). **E entre eu e a minha irmã, a que mais sofreu** (pausa prolongada)... **foi eu** (fala em tom baixo) – Glória.

Mais tempo, mais pressão – Glória.

De mim era... um ciúme doentio [...]. Dava tapa na cara – Glória.

Era uma coisa psicológica. Não era ele sair e levar a chave [...]. A gente não saía – Glória.

Era uma coisa... Medo psicológico... sabe? Eu não... eu não entendo. Muito confuso – Glória.

Merleau-Ponty (1999, p. 218) discorre sobre a frigidez que quase nunca está condicionada a questões fisiológicas, mas sim “traduz a recusa do orgasmo, da condição feminina, ou da condição de ser sexuado, e esta por sua vez traduz a recusa do parceiro sexual e do destino que ele representa”.

Glória relata estar se reestruturando quanto à sexualidade, alegando que ficou mais fácil enfrentar suas dificuldades de ter prazer com o companheiro de sua escolha. Esse movimento insinua também estar influenciado pela idealização, em razão de ter dito antes que, nos dias de hoje, não se sente normal, ou de estar indo para interpretação de que nasceu assim. Contudo não se pode negar que ela faz buscas neste território. O fato de ter conquistado o direito de realizar a escolha afetiva por si, neste momento, indica já ser o suficiente para justificar a sua sensação de prazer/realização.

Ao se referir ao "atual" companheiro:

Ficou, ficou, porque **ele é uma pessoa... atenciosa, paciente, carinhosa**, então... eu tô **muito bem com ele** – Glória.

Na parte **sexualmente falando**, né. **Eu não me sinto normal** – Glória.

Não me sinto normal. Me sinto é... afetada de alguma forma – Glória.

É, eu tenho.... **tenho um probleminha**, né. Mas tudo... **não é nada... demais não** – Glória.

É. **É dificultoso (prazer) mas eu acabo conseguindo**, né. Mas é bem... difícil. Né, **eu não sei se é por causa disso (abuso), ou se eu nasci assim** – Glória.

É pertinente considerar que, ao nos relacionarmos com o mundo, vamos atribuindo significados ao vivido e, na vivência da violência sexual, estes significados podem ser mais relevantes, interferindo na expressão do corpo, na corporeidade, uma vez que o vivido se inscreve em nosso corpo, compondo a existência, pois “o corpo é o primeiro e único lugar da experiência humana, é produtor e portador de significados” (LABRONICI *et al.*, 2010, p. 402).

Glória também apresenta resignação. Sua mãe, ela e sua irmã do meio se colocam absolutamente passivos diante de toda a movimentação do patriarca. Somente a filha caçula,

legítima do padrasto de Glória, é que mostra-se mais questionadora e protetiva. Por ser assim, conseguiu defender-se do pai e proteger os filhos de Glória.

Em sua relação com o mundo, Glória foi precocemente aliciada a voltar-se à realização dos desejos de seu abusador, promovendo, a partir deste referencial, sua constituição de entendimentos sobre o mundo da vida. Como todos somos dotados de instintos, Glória parece ter passado a priorizar a capacidade de gerar seu sustento de modo eficiente como condição primeira, em razão de ser o que sustenta a sua autonomia, logo, sua liberdade.

O trauma vivido (embora nunca tenha pronunciado a palavra “trauma”, mas sim a frase: “sentir-se muito prejudicada”) parece ter captado o centro de prioridades existenciais de uma vida, no entanto, levou-a à compreensão de que o único aspecto de sua existência que não pode ser ameaçado é sua autonomia, sua liberdade. Portanto, embora tenha parado de estudar no começo da segunda série do primeiro grau, Glória é bastante proativa em relação ao mundo do trabalho, fez cursos de capacitação, está fazendo outros, pretende fazer mais e, acima de tudo, voltar a estudar. Ela mostra-se engajada com relação ao trabalho, como a mãe, fazendo bicos e se articulando com o sustento. No entanto, quanto aos outros setores da vida, seu movimento é paradoxalmente antagônico.

Eu tava, assim, **preocupada**, [...] ah, **como eu vou ter tempo pra estudar** se eu trabalho de domingo a domingo. O pouco tempo que eu tenho pra ficar com as crianças [...]. Mas agora eu tô começando a pensar nisso. **Tem que se refazer** (gagueja) as coisas. **O que não foi feito antes, né. Uma das coisas na minha vida é... isso. O estudo que eu não tive, né.** Se eu posso ter, **por que não correr atrás?** Tô pensando nisso ultimamente. Eu tava até pensando como é difícil arrumar emprego. Os empregos que a gente olha... os anúncios pedem grau completo, e **eu não tenho nada disso.** Aí fica difícil pra mim. Então eu tô pensando. O ano que vem, agora, no começo do ano, vou atrás disso. **Vou estudar, vou completar essa, essa falha que ficou** – Glória.

Em Vitória se pode observar que a religiosidade é um eixo importante em sua existência, sugerindo ser o aspecto que alicerça o enfrentamento de suas vivências:

É, eu ficava. Eu (fala enfática) **ficava lá trancada**, ficava lá pensando assim “ah, pelo menos aqui... **eu tô fugindo do meu pai, mas aqui... eu tô sofrendo** (fala acelerada)”. Aí eu ficava (triste/fala em tom baixo) **só conversando com Deus**, o tempo todo. Aí eu ficava... ficava ali batendo papo com Ele, ali – Vitória.

Eu não sei. A **minha cabeça fica confusa**. Mas é... como eu vou na igreja, me aconselharam, né. **Ajoelhar e orar e pedir um conselho pra Deus**,

assim, sabe (fala em tom baixo)? Uma hora Ele... Ele fala o que que eu (fala em tom elevado) ...Se eu vou visitar ou eu não vou – Vitória.

Continuando a abordar os aspectos do enfrentamento do vivido, outra estratégia usada por Vitória foi a fuga. É possível que essa tenha sido a conduta que concebeu a religião em sua vida:

Eu vi que a minha tia ia para igreja né, falei assim é o jeito né, minha tia vai para a igreja, vou para a igreja com ela e depois da igreja eu peço para minha tia pra dormir na casa dela né... Aí depois ela pedia pra minha mãe. Tinha dia que a minha mãe não deixava – Vitória.

Ao ser perguntada sobre como alivia sua angústia:

Eu... **indo para a igreja!** Com a minha tia! – Vitória.

"Do primeiro dia e ... foi isso, não tem outra coisa! – Vitória.

Desde que eu encontrei minha tia (paterna) até, agora tudo que acontece meu **refúgio é ir lá!** – Vitória.

Nos 12, eu menstruei, aí eu já estava **fugindo, comecei fugi para casa da minha tia. Morei lá um tempo. Acho que morei lá um ano mais ou menos** – Vitória.

Essa tia, a que se refere Vitória, não foi para quem ela contou sobre a violência que sofria. Ademais, é ela a que sabia do que acontecia, mas preferia não se aproximar.

Não, e eu nem tive coragem de conversar com ela também não – Vitória.

Em estudo exploratório, com análise fenomenológica, foram realizadas entrevistas detalhadas com seis mulheres sobreviventes de abuso sexual infantil (CSA) que acreditavam que haviam crescido ao lidar com suas vivências abusivas. O propósito foi observar se e como os eventos traumáticos podem progredir de uma trajetória negativa para uma mudança psicológica positiva, a qual se denomina crescimento pós-traumático (PTG). A maioria dos participantes apontou ter crescido em ambientes familiares caóticos, imprevisíveis e inseguros, experimentando sentimentos conflitantes em seus relacionamentos iniciais. Estas participantes fizeram uso de aspectos religiosos e culturais para entender suas vivências. Relataram mudanças na maneira como se relacionavam, passando a reconhecer aspectos positivos de si ao passarem de posições de negação, vergonha e nojo, culpa, para uma posição

em que pudessem reconhecer suas realizações pessoais, ver suas próprias qualidades, abolindo a autocrítica. A auto-culpabilização após agressão sexual tem sido associada a um aumento da psicopatologia e menor PTG em comparação com aqueles que reconhecem a culpa do agressor, ou mesmo aqueles que não entram na questão da culpabilidade. Outro fator de crescimento observado foi através das relações interpessoais com filhos, amigos, parceiros, terapeutas e outros sobreviventes da CSA. Nesses relacionamentos, os principais processos incluíam aprender a afirmar suas próprias necessidades dentro da relação, bem como se separar dos relacionamentos prejudiciais (HARTLEY *et al.*, 2016). Apesar de Vitória fazer uso da religiosidade como estratégia de enfrentamento das complexas questões familiares, encontrando alívio, não sugere ter conseguido atingir uma superação do vivido, pois aparenta sugerir estar "presa" à situação.

Uma das dificuldades quanto ao enfrentamento da dor é quando ela é apreendida como insuportável, fazendo com que a pessoa se considere sem saída. Foi possível observar esse sentimento em Vitória. Contudo, é preciso entender suas limitações de compreensão de mundo e de vida, quando se vê a forma como ela resolve dar demanda a este fluxo. É fundamental compreender empaticamente sua posição por meio da perspectiva dela. Como dito por Feijoo (2008) em trabalho que coloca em discussão a necessidade de categorizar os diferentes modos de expressão do homem, o que o leva a "um abandono das diferenças humanas decorrentes das suas singularidades", é importante "valorizar o singular em detrimento ao universal" (FEIJOO, 2008, p. 9).

Às vezes eu falo assim: “**eu tenho vontade de morrer**, de isso e aquilo”. Aí as pessoas falam (fala acelerada), “ah, pensa no seu filho. Pensa no seu filho”. Mas não é isso... é, tipo assim, é o **momento que**, tipo assim, **eu passo o dia inteiro sozinha**. Eu passo lá. Aí eu penso assim: “**Será que eu vou deixar a Rita faltar na escola pra fazer companhia pra mim**”, porque eu fico lá sozinha, entendeu? Então tipo assim, aí! Tipo assim, mesmo que você lave uma louça, as coisas ali, **mas vem aquele pensamento**, entendeu? Então é... difícil. **Eu penso nos meus filhos, mas só que não tem como você segurar** (fala enfática). **Não tem como você segurar** – Vitória.

Ao ser perguntada sobre suicídio, Vitória afirma:

Ah, sim. Quando eu tava... Quando eu tava com o meu marido, né, ixi... eu bebia. Ixi... eu colocava acho que... **mais de quatro colheres de, de, de sal e só um pouquinho de água... e bebia. Eu cheguei já quase morrer**, já. Muito ruim... E bebia sal, querendo se matar, com sal (fala em tom baixo). **E eu sei que eu não posso com sal. Não posso** – Vitória.

É porque... parece que **quando eu era pequenininha, eu comi, acho que manga com sal**, e deu não sei o que lá. Aquele negócio lá (fala acelerada). **Quase morri**. Eu não sei o que aconteceu não. E aí, **disse que o médico disse, que eu não posso comer muita coisa com sal**. Não sei... – Vitória.

Aí eu **ficava pensando nisso “já que eu não posso com sal, eu vou me matar com sal”** (fala em tom baixo). E aí fazia isso. Mas graças a Deus, hoje é... **às vezes eu penso em mim, nos meus filhos. Não faço não. Mas vem pensamento de... querer pegar uma faca e...** (fala sorrindo), sabe? **Fazer alguma coisa, sabe? Graças a Deus, né, Deus tá aí. Ele não deixa eu fazer não** – Vitória.

"se eu fizer isso agora, quem vai buscar eles na escola? Minha filha lá tá esperando de braços abertos pra eu ir buscar ela. Aí eu faço isso, e aí. "Porque minha mãe não veio me buscar? Cadê a minha mãe? " É... fico pensando nisso" – Vitória.

Aqui enquadra-se, além do que foi considerada uma tentativa de suicídio dentro dos parâmetros da colaboradora, que se trata de ser quem está sofrendo e interpretando aquele ato, por esta perspectiva, a fé como instrumento de busca de um alento transcendental, para dar suporte ao vivido. Como já foi dito, é visível que Vitória sofre com sua história.

Em sua pureza existencial, Vitória manifesta toda sua verdade. Para conseguir realizar uma observação legítima, há que se dispor a compreender sua totalidade, tomar sua perspectiva de compreensão existencial. Por vezes, parece ser muito difícil para os profissionais da rede, em nome de tanta demanda, com carência de profissionais, conseguir sair da objetividade que o volume de resoluções urgentes impõe. No entanto, é fundamental, ao se fazer a escolha de trabalhar com uma clientela que tem poucas escolhas, acordar a cada dia o olhar humano, solidário e empático, com o ônus de, se não o fizer, esvaziar o sentido desta mesma escolha. Vitória foi encaminhada para o CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial) para busca de acompanhamento psiquiátrico em razão deste trabalho.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar muitos dos aspectos já citados pela literatura, como consequências da vivência de abuso sexual na infância, nos relatos das colaboradoras que foram analisados, assim como também observar o silêncio orquestrando a dor e estruturando a dinâmica da família incestogênica.

A violência psicológica é usada como forma de controle pelo abusador, suplantando suas vulnerabilidades e sua insegurança. A busca do amor e aceitação dos parentais parecem orientar as atitudes das sobreviventes e colocá-las submissas às vivências oferecidas, assim como as idealizações construídas. Constatou-se que a superação do vivido parece estar calcada na aceitação como base para a construção de ressignificação.

Como consequência, o processo de desenvolvimento se dá permeado por muitas confusões na apreensão e a compreensão de mundo das vítimas de abuso, pois o mesmo é constituído através dos vieses intencionais e não intencionais do seu mediador. Algumas consequências da vivência abusiva estão diretamente relacionadas com o abuso emocional, por exemplo: deixar de estudar, sentimento de opressão, sentimento de impotência, desamparo, ansiedade e medo, depressão, dificuldades na individuação, confusão e sentimento de culpa.

Foram observadas as seguintes consequências agregadas à categoria de enfrentamento do vivido: fé/resignação, fuga, tentativa de suicídio, ação protetiva/negligência, negação ou ressignificação

Sobre Vitória foi possível constatar que:

- Ainda se mostra traumatizada com o vivido, talvez porque nunca tenha sido ouvida verdadeiramente pela mãe, que fechava os olhos para as ocorrências e culpabilizava a vítima, protegendo o agressor.
- Parece constituir seu entendimento e suas respostas existenciais tentando buscar justiça em razão de sua mãe não reconhecer explicitamente sua inocência. Carrega um forte sentimento de indignação em razão da divergência de sentimentos familiares, inclusive com o fato de a maior parte de sua família ficar contra sua atitude de denunciar o pai ao Ministério Público, após o abuso de sua filha.
- Fica confusa com a complexidade da busca entre o certo ou errado, os quais justamente por serem relativos, escapam-lhe, fazendo com que não saiba como agir.

- Foi possível observar um sentimento depressivo, o qual nunca havia sido cuidado. Vitória foi encaminhada para o CAPS somente depois das entrevistas, sendo uma das consequências positivas concreta das mesmas.

- Sua comunicação se mostra como um apelo à tentativa de conseguir a ajuda, mas em razão de suas limitações, tem dificuldade em acessá-la.

Sobre Glória foi possível constatar que:

- Mostra-se resiliente e bastante proativa no território do trabalho, estudos, capacitação, e busca material de sustento.

- Presume-se que, por não ter tomado sua existência em suas mãos; por deixar as portas do passado fechadas; por viver intensidades fragmentadas da totalidade de seu Ser; por construir idealizações, isso tudo somado à sua presença pacífica e passiva diante da vida como um todo, não houve má-fé voluntária em sua conduta negligente.

Por outro lado, Glória tem muitas:

- Deficiências no processo de apreensão de dinâmicas existenciais, cujas quais, de fato, não recebeu como referência para a aprendizagem.

Glória ressignifica a relação com a sua autonomia, mas, como não entra em contato com o vivido, não conseguiu ainda desenvolver conduta protetiva com os filhos, não apresentou uma ação concreta de ruptura com o vivido e faz um movimento de resignação passiva diante da violência ao receber e ao praticar negligência. Seu enfrentamento maior, quanto à abrangente condição de violência, foi a fuga. A ajuda no processo de reconstrução das lacunas de seu desenvolvimento seria fundamental na ajuda da constituição de sua protetividade. Ela precisa deixar de ser "coisa" e ver-se, para poder olhar para o outro. Vitória olha para o vivido constantemente, contudo ainda o faz de modo muito sofrido, não tendo construído ainda a ressignificação de suas vivências. Questiona-as e busca a verdade, está no processo, mas precisa de ajuda. Este processo é tão sofrido que a leva a tentar estabelecer uma ruptura com a existência. Se faz protetiva com os filhos. Tem a fé como aliada e também fez uso de fugas. Apresenta-se passiva diante de sua existência. A mesma circunstancial impotência apresentada por Glória no território da proteção Vitória tem no âmbito existencial e no trabalho.

O que se depreende pelo olhar da redução fenomenológica é que Vitória, ao se sentir negada pela mãe, reage intensamente a todo vivido, sofre, mas tenta evitar o sofrimento da filha. Reproduz o ciclo da violência em si mesma (através do ex-marido), eternizando sua condição de vítima, talvez até como forma para que seus filhos não sejam também vítimas. É como se dissesse: "se alguém tem que ser, que seja eu". Glória, que foi coisificada pela mãe,

embota seus afetos, evita seu sofrimento, não entrando em contato com ele, negando as vivências abusivas de seus filhos e reproduzindo a violência sofrida como sendo uma condição intrínseca da sua existência.

A idealização em Vitória se dá de modo curto e rápido, é circunstancial. Ela a utiliza como instrumento para configurar o quadro interno que já tem de si, no momento: o de vítima. Já em Glória a idealização parece ser seu *habitat*. Este deve ter sido o recurso que lhe deu suportabilidade para aguentar seu semi-cárcere. Até pela sua calma, a idealização parece ser um lugar de onde sai de vez em quando em busca de autorrealização, como, por exemplo, para fortalecer-se e instrumentar-se para o trabalho ,que é o que lhe traz independência.

Em razão de ambas estarem com sua relação com o tempo obliterada, Vitória porque ficou presa no passado e Glória porque o nega tornando a temporalidade fragmentária em seu existir, elas vivem com uma visão estática e cristalizada da existência.

A energia resolutiva em relação ao trauma parece ter se restringido a algumas questões: Vitória focou-se na protetividade não recebida, sobretudo em relação aos filhos, no entanto viveu um relacionamento – talvez intencionalmente – mais violento do que o do com o pai (possivelmente para tentar suplantar a dor implacável que sente, sendo que tudo indica que foi ineficiente). Glória depositou a energia na possibilidade de ter um relacionamento íntimo prazeroso, no qual seu sentimento seja parte requisitada, ao invés de alienada, desta vez com o seu desejo fazendo parte do Seu processo de escolha, mas não conseguiu equalizar tal intento com a necessidade de protetividade de seus filhos.

Ambas foram objetificadas pelo pai, ou figura paterna, resultando em uma visão do masculino reduzida a esta forma de expressão. Assim, devido à violência, Vitória e Glória não ressignificaram seus olhares diante do masculino e seus modos de relação com ele.

A objetificação parece realmente trazer consequências significativas e abrangentes no modo de interrelação com o mundo das colaboradoras, pois ambas parecem ficar imobilizadas na situação vivida, colocando-se como passivas, quer seja diante da maternagem (Glória), quer seja diante da sustentabilidade (Vitória). Entretanto, parece que, acima de tudo, o que promoveria fluxo no aspecto do existir, que está estagnado em cada uma das colaboradoras, é a possibilidade fundante de apreender os aspectos da vida, partindo do vivido, aceitando-o, para que possam ir se reconstruindo ativamente, usando os modelos referenciais para a transformação dos aspectos de vulnerabilidade e buscando ajuda de novos referenciais para esta modificação.

A consciência da objetificação parece promover mais repostas de defesa e reestruturação com relação às questões de vulnerabilidade (Vitória). O inverso parece

espelhar uma inserção às cegas na reprodução da violência, com decorrente angústia de não saber o porquê de não ser funcional (Glória).

Falar sobre qual a visão de mundo que estas meninas tinham antes da vivência do abuso sexual leva-nos a refletir sobre como é mais simples perguntar, pois, após as entrevistas, as colaboradoras apontam o quão impossível é responder o que pensavam antes do ocorrido, imaginamos que, principalmente, por estarem em fase tão precoce de desenvolvimento, ainda constituindo saberes e pareceres sobre a vida. Os dizeres em seus relatos sobre o antes foram feitos depois e, portanto, são ressignificados pelo vivido. Assim, sendo depois do “acontecimento”, seus esboços de referências existenciais foram atravessados pela intensidade da ocorrência, e a vida parece ter tomado uma nova concepção, irreversível. Isso nos leva à reflexão de que é impossível essas mulheres manterem um fluxo contínuo de relação com o mundo vivido até então que nos dê referência clara de como se deu o antes. Quando não se pode ver um antes, temos a prova cabal de que o ocorrido mudou o trajeto que vinha se dando até então, propondo um olhar que coloca naquele momento a ponta seca do compasso, redefinindo perspectivas. Tal questão pode ser vista no relato de Vitória: “com quatro ano até oito um pai maravilhoso. Tanto comigo quanto com a minha irmã, nota dez nossa... O pai super-homem daquele jeito! Pai que catava no colo, brincava [...]...mais no final a gente via que não era nada disso! Era tudo pra outra coisa”. Este trecho vem claramente carregado de idealizações, provavelmente compondo um antes que, por ser *a posteriori* e por conter núcleos de dor não superados, parece conceber um antes fantasticamente perfeito, sugerindo que o olhar se faz referente ao depois, inferência que pode ser corroborada pelos dois últimos trechos, nos quais desmonta o castelo dourado. Ou seja, o primeiro trecho está nitidamente construído para referenciar o segundo, apresentado, provavelmente, de maneira a convidar o movimento empático de compreensão do quão impactante foi sua vivência. Portanto, isso não tira a legitimidade do dito, ao contrário, a confirma, mas na rota de um horizonte de sentido redefinido, pelo acontecimento, determinando um novo fluxo do existir, agora homogeneizado pelo abuso. De certo modo, é possível asseverar que, essencialmente, o depois criou o antes.

Em Glória também conseguimos ver o mesmo movimento de ressignificação do vivido: “Daí a minha mãe amigou com esse sujeito... E a gente foi crescendo... tendo a figura de pai, né, desse sujeito... Figura de pai... né. Daí a gente foi crescendo. Ele começou a abusar de mim primeiro, depois... da minha irmã também”. Quando fala “tendo figura de pai **desse sujeito**”, já se perdeu o sentido de figura de afeto paterna, mostrando como a fala foi uma

alusão a um passado remoto que, ao invés de idealizado, quer ser alijado. Sim, Glória insinua que existiu uma relação de afeto, mas que parece ter sido destruída pelo ocorrido.

Creio que a reação das colaboradoras a esta visão foi a de constituir um horizonte de sentido vigorosamente emaranhado com as dimensões do vivido, como não poderia deixar de ser. Todos nos constituímos nos 'promiscuando' com o nosso entorno. Foi visível o quanto todo o passado narrado, é uma releitura amparada pelo agora. O ponto é a intensidade das respostas, na perspectiva que alude ter havido um desvio de rota. Vistos os resquícios que cada etapa engendra, certamente elas têm proporcionalidades distintas constituídas por uma vivência causadora de ressignificações existenciais de tal modo instituintes. O Ser parece conceber uma curva que o conecta com outra dimensão do existir, na qual a particularidade vira norma, causando os decorrentes prejuízos em seu desenvolvimento que, para não falar dos mais conhecidos, promovem um sobressalto imanente no processo de captura e de apreensão do viver, o qual parece se dar em cada perspectiva de encontro, distando do Eu-Tu, que seria a possibilidade da sintonia plena entre os seres humanos. Este sobressalto, por busca de abrigo, defende, afasta, desune, desencontra, desconecta de si em sua plenitude e do estar com, pois se mantém em outra dimensão do existir, paralela, com construções relativas, referentes.

Importante ressaltar que este é um retrato do agora dessas duas mulheres. Seria necessário um acompanhamento terapêutico para uma reconstrução do entendimento de seu entorno e sua existência, em busca por novas perspectivas, para que haja o movimento plástico dos afetos em exercício saudável de reestruturação.

Observando-se as limitações dos resultados deste estudo, há que se considerar o fato de que as duas colaboradoras eram mulheres, portanto, restringindo as observações à vivência no feminino. É certo que os homens vivenciam de um modo significativamente diferente o abuso sexual intrafamiliar. Outro aspecto é o seu pequeno número de participantes, limitado à disponibilidade encontrada por ser uma demanda peculiar. Contudo, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entendemos que isso não inviabiliza a execução do trabalho. Ao contrário também favorece, viabilizando ao particularizar ampliar em profundidade o processo investigativo. Há que se considerar também a característica de a pesquisa estar inserida em população de risco e vulnerabilidade, em razão de vários fatores limitantes, o que expressa agravantes, além de potencializar a dificuldade de superação do vivido, sem que haja apoio e recursos que venham de fora de seu contexto, portanto, não viabilizando generalizações abrangentes. Contudo, justamente por serem representantes de uma população

carente de recursos próprios, merecem e carecem de muito mais atenção e cuidados, já que reza a lei.

Como o processo de desenvolvimento das sobreviventes se dá permeado por muitas confusões na apreensão e na compreensão de mundo, pois o mesmo é constituído através dos vieses referentes às estruturas relacionais caóticas e distorcidas na qual estão inseridas, seria importante outros estudos focarem na melhor compreensão destas distorções, e em quais estratégias de superação desenvolver, assim como são necessários estudos para aplicabilidade em organizações de saúde e assistência, considerando-se estas perversões no mesmo processo de apreensão e compreensão do mundo vivido.

Não posso deixar de ressaltar que foi visível a dificuldade dos técnicos de dar condução às situações que aparecem, em razão da precariedade limitada dos recursos tanto de estrutura – menos verbas para os destinos objetivados pela lei – quanto humanos – estão com em torno de um terço dos funcionários que o serviço contava há cinco anos, tendo que lidar com uma demanda que, ao contrário, aumenta.

São diferentes as considerações estatísticas dos informes, com enfoque que necessariamente perpassam pelo crivo político, ou com objetivos sensacionalistas de mídia, ou quando se observa "*in loco*" aqueles aos quais se destinou o cuidado, que sofrem objetivamente com a diferença de cada real retirado. As atitudes governamentais sempre têm o cunho político, contudo, as direções dos interesses tendem a ser distintas nas relações de forças e poderes, sendo que isso pode acabar por reproduzir a violência, ou de outro modo tentar mitigá-la. É fundamental, quando os esforços estabelecem políticas efetivas, que promovam ações que tenham consideração direta e legítima com a população carente, como, se faz necessário no caso das colaboradoras em questão. Sendo que por vezes, esse é o único recurso de reinserção social. Infelizmente parece que retratar o momento destas usuárias é o possível, mas não se faz suficiente sem que se desenvolvam estratégias que, de fato, reestruturem as demandas reais dos inseridos nos serviços. Soma-se a isso o fato da retirada da obrigatoriedade da notificação sobre a violência contra a mulher, que trará uma perigosa queda nas taxas de divulgação, o que pode conduzir ao agravamento da problemática, voltando a situação de aumento da base do *iceberg*, ou seja, da demanda oculta, e camuflando o fato através de estatísticas que só consideram as violências registradas, dificultando intervenções que visem a interromper tanto os abusos contínuos, quanto o estabelecimento de ciclos abusivos. As baixas taxas de divulgação também se produzem como um obstáculo ao estabelecimento da conscientização pública da CSA para o decorrente tratamento de seus efeitos nocivos.

Ainda assim, seguramente, o presente estudo fornece informações para futuros estudos empíricos.

Em tempo, ainda observo que, ao finalizar este trabalho, passei a crer que não é só de pesquisas que carecemos na área para dimensionar o fenômeno, mas também de abertura sensível ao olhar para a abrangência do conjunto de consequências que esta vivência propõe, para que consigamos nos apropriar da amplitude da nossa responsabilidade ao nos relacionarmos com o outro.

A nossa sociedade se organiza em torno de normatizações e, conseqüentemente, parametramos o existir, nem dimensionando quais serão as questões que habitam o outro para que funcione de determinada maneira. Criamos expectativas relacionais e reagimos a estas expectativas sem sequer nos darmos conta. Por exemplo: o que consideramos uma mentira? Quais parâmetros usamos para avaliar? E as justificativas que a embasam? Ou, como julgamos o cuidado que o outro oferece aos seus? E quais critérios nós usaremos para julgar quais cuidados o outro precisa, ou merece? O que é prioritário? Temos facilidade de definir para o outro como conduzir a existência de modo “estruturado”, mas estruturado pelos nossos parâmetros normativos, e esperamos que o outro tenha o que nós chamamos de “bom senso” de compreender o que fazer, contudo temos muita dificuldade de nos relacionarmos de modo verdadeiramente empático.

Não são só muitos Brasis que existem imersos em nossa cultura. São infinitas as possibilidades de existir em cada vivente, dos quais desconhecemos os percalços íntimos de sua história e os porquês de suas ações. Parece somente que cada um tem realizado sua jornada da melhor forma que pode. Tolerância com as divergências não é habilidade muito desenvolvida historicamente. Com todo o relato é possível imaginar como as pessoas julgam e interpretam as atitudes de nossas colaboradoras, quando manifestam suas contradições que, pelas restrições no fluxo do desenvolvimento, não tardam a se tornar aparentes. Como vemos, este Ser, que não é uma abstração, mas um Ser concreto, que acontece, que está ali manifestando suas peculiaridades, muitas vezes, na expressão de sua autenticidade, tem esta entendida como equívoca. Tal fato acontece, por exemplo, quando estes seres não conseguem argumentar para defender as propriedades de sua unicidade.

Intencionando enriquecer fenomenologicamente o trabalho, atrevo-me a agregar o apontamento da minha experiência vivida enquanto pesquisadora neste trabalho, pontuando que o olhar que delineou esta pesquisadora já veio com uma história de 30 anos de atendimentos clínicos. Pude perceber exatamente o que estas expectativas podem fazer a um trabalho. Tenho plena consciência de que ao tentar conceber a pesquisadora, negando a

terapeuta constituída, em um primeiro momento, não fui nem uma, muito menos a outra. Também fiquei no dilema ético do cuidado ao estar em contato real com o outro. Estas demandas surgem silenciosas no encontro, mas através do contato sensível elas se impõem. Confesso que fiquei impressionada ao me deparar com a quão limitada é a tentativa de transcrição “fiel” do encontro. O inenarrável dele se perde para este processo, mas se eterniza **nos seres** que se encontraram verdadeira e plenamente. Posso afirmar que houve entrega em meu processo justamente por ter vivenciado os limites da minha capacidade, contudo, por me instigarem aos limites de minha abertura, criaram nova amplitude para minhas experiências.

O significado que as coisas têm, têm para quem as vive, ou percebe. No entanto, sendo consciente e responsável, contive-me, não interpretei, durante as entrevistas, mas me peguei em longas falas de acolhimento, percebidas por mim, somente na hora da transcrição. Agi de acordo com o sujeito ético que me habita. Angustiei-me com as angústias delas e quis dar um mínimo de conforto diante de tudo que já viveram. A construção de um sujeito ético pesquisador, mesclado a esta, já há tanto tempo, terapeuta, em que se propôs a construção de um outro lugar social de apreensão de si, acabou promovendo uma auto-pedagogia, pois se tornar uma pesquisadora não é só executar uma metodologia burocrata, mas encarnar um outro modo de ser no mundo, abrindo o leque nos horizontes, ofertando um inimaginável processo transformador, o qual não conseguiria descrever em palavras a magnitude e a relevância de meu aprendizado, fazendo-me muito grata.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3ª ed., 1999
- ADED, N. L. de O.; DALCIN, B. L. G. da S.; MORAES, T. M.; CAVALCANTI, M. T. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. **Rev. Psiqu. Clín.** 33 (4): 204-213, 2006.
- ALAGGIA, R. An ecological analysis of child sexual abuse disclosure: considerations for child and adolescent mental health. **Journal Can Acad Child Adolesc Psychiatry**. Fev. 19(1):32-9. PMID: 20119565; PMCID: PMC2809444, 2010.
- AMAZARRAY M. R., KOLLER S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Rev. Psicol. Reflex. Crit.** Vol.11 n.3. Porto Alegre, 1998
- AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T. & HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Editora Átomo & Alínea, p.17-16, 2003.
- ANDRADE, C. C. & HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia I**. Campinas, 27(2), 259-268, abr. – jun., 2010
- ÂNGELO, M. *et al.* Vivências de Enfermeiros no Cuidado de Crianças Vítimas de Violência Intrafamiliar: uma análise fenomenológica. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, 22(3): 585-92, Jul-Set, 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n3/v22n3a03.pdf>. Acesso 25 abr. 2018
- ARENDT, H. A. **Condição Humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2011.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. **Pele de asno não é só estória... um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família**. São Paulo: Editora Rocca, 1988.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. **Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu Editora, 1989.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N.(orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1993.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A & VAICIUNAS, N. Incesto ordinário: a vitimização sexual doméstica da mulher-criança e suas consequências psicológicas. In: AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. N. A. (Orgs.), **Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento**. P. 195-209. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A. **Dossiê Diagnóstico: violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes**. Material parte integrante do curso de Pós-graduação *lato sensu* LACRI USP– Laboratório de Estudos da Criança, 2001 [Circulação Restrita].
- BORGES, J. L. & DELL'AGLIO, D. D. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. **Psicologia em estudo**. Vol.13, n.2,

p.371-379. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200020>. Acesso 25 abr. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, Caderno de Atenção Básica, nº 8, Série A – Normas e Manuais Técnicos, nº 131, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011**. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm. Acesso em 15 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Site Oficial**. 2012a. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/05/abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia-contras-criancas-mostra-pesquisa> . Acesso em 15 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012b**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em 15 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Cidadania e Justiça. Site Oficial. 2017 Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/05/dia-nacional-contras-abuso-sexual-de-criancas-e-jovens-e-celebrado-nesta-quinta-18>. Acesso em 15 dez. 2017.

BRAUN, S. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo**, Porto Alegre: Editora AGE, 2002.

BROWNE, A., & FINKELHOR, D. Impact of child sexual abuse: a review of the research. **Psychological Bulletin**, 99(1), 66-77, (1986). DOI:10.1037/0033-2909.99.1.66.

CAPALBO, C. **Metodologia das Ciências Sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz**, Rio de Janeiro: Editora Antares, 1979.

CHEN, L.P. *et al.* Sexual Abuse and Lifetime Diagnosis of Psychiatric Disorders: Systematic Review and Meta-analysis. **Mayo Clinic Proceedings**, 85(7): 618–629, 2010. DOI: 10.4065/mcp.2009.0583.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

COHEN, C. **O incesto. Um desejo**. São Paulo: Casa do Psicólogo,.

COSTA L. F. *et al.* Família e abuso sexual: silêncio e sofrimento entre a denúncia e a intervenção terapêutica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Vol. 59, n. 2, p. 245-255, 2007.

CROMER, L. DE M. & GOLDSMITH, R. E. Child Sexual Abuse Myths: Attitudes, Beliefs, and Individual Differences. **Journal of Child Sexual Abuse**, 19:6, 618-647, 2010. DOI: 10.1080/10538712.2010.522493.

TENER, D. Secret of Intrafamilial Child Sexual Abuse: Who Keeps It and How? **Journal of Child Sexual Abuse**. 27:1, 1-21, 2018. DOI: 10.1080/10538712.2017.1390715.

DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia**. São Paulo: Ed. Centauro, 2008 10º edição

DE ANTONI, C. *et al.* Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães das vítimas. **Estudo da psicologia** [online]. Campinas, vol.28, nº1, 97-106, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n1/a10v28n1.pdf>. Acesso em 25 abr. 2018.

DEL PRIORI, M. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

DE TONI, P. M. *et al.* Etologia humana: o exemplo do apego. **Revista Psico-USF**. V. 9, n. 1, p. 99-104, Jan./Jun. 2004.

FACURI, C. de O. *et al.* Violência Sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública** [online], v. 29, n. 5, p. 889-898, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/com/v29n5/08.pdf>. Acesso em 25 abr. 2018

FEIJOO, A. M. L. C. de; PROTASIO, M. M. As expressões da singularidade e as categorizações universais. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 9-14, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2018

FORGUIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Editora Pioneira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FURNISS, T. **Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo terapia e intervenção legal integrados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEMINO, A. M. Considerações sobre a distinção entre atitude natural e atitude fenomenológica na fenomenologia de Husserl. **ECOS | Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Ano 5, Vol. 1, 2015, Disponível em: www.periodicoshumanas.uff.br/index.php/ecos/article/viewFile/1374/1165. Acesso em 25 abr. 2018.

GONZALEZ, C. Recovering Process from Child Sexual Abuse During Adulthood from an Integrative Approach to Solution-Focused Therapy: a case study. **Journal Child Sexual Abuse**. Vol. 26, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10538712.2017.1354954>. Acesso em 25 abr. 2018.

GUERRA, V. N. A. **A violência de pais contra filhos: procuram-se as vítimas**. São Paulo: Cortez. 1985

HABIGZANG, L. F.; CAMINHA, R. M. **Abuso sexual contra a crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

HABIGZANG, L. F. *et al.* Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. Vol. 21, n. 2, 338-344, 2008. ISSN 0102-7972. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000200021>.

HARTLEY, S., JOHNCO, C., HOFMEYER, M., BERRY, A. The nature of posttraumatic growth in adult survivors of child sexual abuse. **J. Child Sex Abus.** 25(2): 201-20, 2016. DOI: 10.1080/10538712.2015.1119773.

HEIDEGGER, M., **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo, Parte II**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

INOUE, S. R. V. e RISTOM, M. Violência Sexual Caracterização e Análise de Casos Revelados na Escola. **Estudos de Psicologia I**. Campinas, 25(1), 11-21, jan.-mar., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n1/a02v25n1.pdf>. Acesso em 25 abr. 2018.

KAPLAN, H. I., SADOCK, B. J. **Compêndio de psiquiatria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

KRISTENSEN, C. H., *et al.* Revelar ou não revelar: uma abordagem fenomenológica do abuso sexual com crianças. In: BRUNS, M. A. T. & HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Ômega, p. 109-142, 2001.

KRUG, E. G. *et al.* (editores). **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 2002. ISBN 92 4 154561 5.

KRUGMAN, R. D.; LEVENTHAL, J. M. Confronting child abuse and neglect and overcoming gaze aversion: the unmet challenge of centuries of medical practice. **Child Abuse & Neglect.** 29 (4), p. 307-309, 2005.

LABRONICI L. M. *et al.* Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico. **Rev. esc. enferm. USP.** Vol.44, n° 2, 401-406, São Paulo, Jun. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200023>

LIANG, B., WILLIAMS, L. M., SIEGEL, J. A. Relational outcomes of child sexual trauma in female survivors: A longitudinal study. **Journal of Interpersonal Violence**, 21(1), 42-57, 2006. DOI:10.1177/0886260505281603.

LUTEREAU, L.; KRIPPER A. Lo inconsciente en la fenomenología y el psicoanálisis: la cuestión de la metapsicología. **Revista Universitaria de Psicoanálisis.** 12, p. 217-227 2012. Disponível em: 23118.psi.uba.ar. Acesso em 25 abr. 2018.

MALDONADO, M. A consciência da temporalidade e a temporalidade da consciência. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.** São Paulo, v. 11, n. 1, p. 39-54, mar. 2008.

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**, São Paulo: Ed. Morales, 1994

MARTINS, C. B. G., JORGE, M. H. P. M. Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 19(2), p. 246-255, 2010

MARTINS R. de C. Abuso sexual e resiliência: enfrentando as adversidades. **Rev. Mal-Estar Subj.** [online]. Vol.11, n°.2, Fortaleza, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200011. Acesso em 25 abr. 2018.

MCELVANEY, R. *et al.* Containing the secret of child sexual abuse. **Journal of Interpersonal Violence**. 27(6), 1155-1175, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0886260511424503>.

MCLEAN, L. M. *et al.* The relationship between childhood sexual abuse, complex post-traumatic stress disorder, and alexithymia in two outpatient samples: Examination of women treated in community and institutional clinics. **Journal of Child Sexual Abuse**, 15(3), 1–17, 2006. DOI:10.1300/J070v15n03.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S., **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MIGUEL, F. K. *et al.* Alexitimia e inteligência emocional: estudo correlacional. **Psicol. teor. prat.** São Paulo, Vol.12, n.3, mar. 2010

MORRISON, S. E.; BRUCE, C.; WILSON, S. Children's Disclosure of Sexual Abuse: a systematic review of qualitative research exploring barriers and facilitators. **Journal of Child Sexual Abuse**. 27:2, 176-194, 2018. DOI: 10.1080/10538712.2018.1425943.

NARVAZ, M. G. **Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. 2012. 326 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

NARVAZ, M. G., KOLLER S.H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**; 18 (1): 49-55, jan/abr. 2006

NEWSOM, K. & BOWMAN, K. M. "I Am Not A Victim. I Am A Survivor": Resilience as a Journey for Female Survivors of Child Sexual Abuse. **Journal of Child Sexual Abuse**. Vol. 26, ed. 8, p. 927-947, 2017. DOI: 10.1080/10538712.2017.1360425.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014**. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (responsável pela tradução), 2015.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS). **OPAS/OMS apresenta estratégia para acabar com violência contra crianças e adolescentes**. 2017. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5499:opas-oms-apresenta-estrategia-para-acabar-com-violencia-contra-criancas-e-adolescentes&Itemid=820. Acesso em 25 abr. 2018.

RIZO-MARTÍNEZ, L. E. El síndrome de Estocolmo: una revisión sistemática. El síndrome de Estocolmo: una revisión sistemática. **Clínica y Salud** [online]. 2018, vol.29, n.2, p.81-88. ISSN 2174-0550. DOI:<http://dx.doi.org/10.5093/clysa2018a12>.

SANT'ANNA, P. A., BAIMA. A. P. da S. Indicadores Clínicos em Psicoterapia com Mulheres Vítimas de Abuso Sexual. **Psicologia Ciência e Profissão**, 28(4), 728-741, 2008.

SANTOS, S. S. e DELL'AGLIO, D. D. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Revista Psicologia & Sociedade**. 22 (2): 328-335, 2010.

SANTOS, B. R., IPPOLITO, R. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Seropédica, RJ: EDUR, 2011. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016936.pdf>. Acesso em 25 abr. 2018.

SANTOS, B. R.; NEUMANN, M.; IPPOLITO, R. **Métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004.

SANTOS, H. O. **Crianças espancadas**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Departamento de Políticas Temáticas dos Direitos da Criança e do Adolescente; **Material Didático Capacitação – Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-juvenil no Território Brasileiro - PAIR**, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://pair.ledes.net/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=1108>. Acesso em 25 abr. 2018

SIGURDARDOTTIR, S., HALLDORSDDOTTIR, S. Repressed and silent suffering: consequences of childhood sexual abuse for women's health and well-being. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**. 27; 422–432, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2012.01049.x>.

SIGURDARDOTTIR, S., HALLDORSDDOTTIR, S., BENDER, S. S., AGNARSDOTTIR, G. Personal resurrection: female childhood sexual abuse survivors' experience of the *Wellness-Program*. **Scand J. Caring Sci**. 30(1):175-86, 2016. DOI: 10.1111/scs.12238.

SMITH, J. A. Refletindo sobre o desenvolvimento da análise fenomenológica interpretativa e sua contribuição para a pesquisa qualitativa em psicologia. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. 1 (1), 39-54, 2004. DOI: 10.1191/1478088704qp004oa.

SOARES, E. M. R. *et al.* Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Interd.** Teresina-PI, v. 9, n. 1, p. 87-96, jan. fev. mar. 2016

SPINDOLA, T., SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev. Esc. Enferm. USP.** São Paulo, v. 37, n. 2, p.119-126, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>.

STALLER, K. M.; NELSON-GARDELL, D. A burden in your heart: lessons of disclosure from female preadolescent and adolescent survivors of sexual abuse. **Child Abuse & Neglect**, 29, 1415-1432. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.06.007>, 2005.

STROEBEL, S. S. *et al.* Father–Daughter Incest: Data from an Anonymous Computerized Survey. **Journal of Child Sexual Abuse**, 21(2), 176-199, 2012.

TENER, D., MURPHY, S. B. Revelação de abuso sexual infantil em adultos: uma revisão de literatura . **Trauma, Violência e Abuso**, 16 (4), 2015, DOI: 10.1177 / 1524838014537906.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**, São Paulo: Editora Atlas, 1987

VALENTINE, S. E., PANTALONE, D. W. Correlates of perceptual and behavioral definitions of abuse in HIV-positive sexual minority men. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**. 5(5), 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/a0029094>.

WILLIAMS, L. C. de A. *et al.* **Fortalecendo a rede de proteção da criança e do adolescente**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

WILLIAMS, L. *et al.* The sexual and physical abuse histories of offenders with intellectual disability. **Journal of Intellectual Disability Research**, 56(3):326-31, 2011. DOI: 10.1111/j.1365-2788.2011.01428.x

WOODWARD, C., JOSEPH, S. Positive change processes and post-traumatic growth in people who have experienced childhood abuse: understanding vehicles of change. **Psychology and Psychotherapy: theory, research and practice**. (76), 267-283, 2003.

ZIZEK, S. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Simoara Furquim Sampedro, aluna de pós-graduação nível Mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, e Profa. Dra. Zeyne Alves Pires Scherer, orientadora da pesquisa, gostaríamos de convidá-la a participar do estudo intitulado “Relato de mulheres adultas sobre vivência de abuso sexual na infância e/ou adolescência: uma leitura fenomenológica”, que tem por objetivo compreender a vivência de mulheres adultas que tenham passado pela situação de abuso sexual na infância e/ou na adolescência e sua reestruturação. As informações obtidas neste estudo poderão contribuir para melhorar os trabalhos preventivos e dos atendimentos realizados por profissionais de saúde. Acreditamos também que, ao participar da pesquisa, você poderá se beneficiar pela possibilidade de discussão, debate e aprendizagem em um espaço de reflexão e troca de informações acerca da violência sexual. Sua participação será a de responder uma entrevista com uma questão, com duração aproximada de 60 minutos, em caráter voluntário. A entrevista ocorrerá na instituição (CREAS 1) onde você é atendida e será gravada em áudio, sem identificar a participante. Será garantindo o anonimato das informações, não havendo despesas por participar da pesquisa.

Esclarecemos que, participando desta pesquisa, você poderá lembrar-se de fatos desagradáveis, experiências ruins que podem ter ocorrido em sua vida, podendo haver prejuízo emocional. Assim, coloco-me disponível para ouvi-la e auxiliá-la a buscar no serviço público atendimento e suporte adequados, caso seja necessário. É importante esclarecer que a sua participação é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar da pesquisa, ou mesmo desistir, a qualquer momento, sem que isto acarrete em qualquer penalidade ou prejuízo à sua pessoa. As informações fornecidas serão utilizadas somente para fins de pesquisa e divulgados em revistas e eventos científicos, sempre garantindo o sigilo dos participantes. Portanto, as informações serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, sem identificação, de modo a preservar a sua identidade. Não há nenhum custo financeiro para sua participação na pesquisa e também não há qualquer forma de remuneração. Esclareço, ainda, a garantia de indenização, conforme as leis vigentes no país, caso haja qualquer ou eventual dano decorrente da participação na pesquisa. Após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você receberá uma cópia do mesmo,

assinado pela pesquisadora responsável. Também lhe será garantido o direito a respostas a qualquer pergunta ou esclarecimentos de qualquer dúvida acerca dos assuntos relacionados com a pesquisa por intermédio da pesquisadora responsável, a psicóloga Simoara Furquim Sampedro, pelo *e-mail* simopsamp@hotmail.com ou pelo telefone (16) 988023044. Caso você queira apresentar reclamações ou eventuais dúvidas sobre questões éticas da pesquisa, contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem (EERP-USP), situado na Avenida dos Bandeirantes, 3900, Campus Universitário - Bairro Monte Alegre Ribeirão Preto - SP – Brasil, CEP: 14040-902, telefone (16) 3315 9197. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, das 10h às 12h e das 14h às 16h.

Assinatura do participante _____

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador _____

APÊNDICE 2

Ofício CEP-EERP/USP nº 212/2018, de 31/08/2018

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa abaixo especificado foi analisado e considerado **aprovado “ad referendum”** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP) em 31 de agosto de 2018.

Protocolo CAAE: 90375918.0.0000.5393

Projeto: Relato de Mulheres Adultas sobre Vivência de Abuso Sexual na Infância e/ou Adolescência: Uma Leitura Fenomenológica

Pesquisadores: Simoara Furquim Sampedro
Zeyne Alves Pires Scherer (orientadora)

Em atendimento à Resolução 466/12, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof.ª Dra. Angélica Maria Stabile
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Prof.ª Dra. Zeyne Alves Pires Scherer

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP